ACAYACA

ROMANCE INDIGENA

1729

Pelo

Dr. J. Felicio dos Santos

OURO PRETO

TYPOGRAPHIA DO — *ESTADO DE MINAS*

1894

O presente romance, devido á penna laureada do eminente jurisconsulto e festejado litterato, dr. Joaquim Felicio dos Santos, foi escripto e publicado pela primeira vez em 1866

Reimprimindo-o actualmente, escoimado de algumas incorrecções que escaparam na primeira edição, hoje exgottada, é nosso intuito reviver essa delicada producção litteraria, que já se ia tornando rara, e, ao mesmo tempo, prestar uma nova homenagem ao talento primoroso de seu illustrado auctor, nosso distincto conterraneo.

Ouro Preto, outubro — 1894.

O EDITOR.

ACAYACA

I

O morro de Santo Antonio, em cuja encosta oriental se acha edificada a cidade Diamantina, desce por esse lado até o pequeno corrego, emphaticamente denominado Rio-Grande, apezar de engrossado pelo S. Francisco, e vai apanhar os mananciaes que vertem da pittoresca serra fronteira do mesmo nome. O Piruruca o fraldeja pelos lados do sul e do occidente, torcendo-se em engraçados meandros até á distancia de um quarto de legua, onde perde o nome, absorvido pelo Rio-Grande. São bellos esses dous corregos, descendo placidos com suas aguas crystallinas, que deixam ver o leito de alvissima arêa, estrellado de lindos seixos transparentes e crystallisados, similhando o diamante, com seus monticulos de pedras depositadas nas margens pelos minoiros, que lhes exploram o veio, com seus valles adjacentes sempre alcatifados de vivaces flores em todas as estações do anno, como si só conhecessem a primavera. São bem lindos, circulando a Diamantina, que se desvanece como a donzella enamorada do rico collar, que lhe cinge o collo.

Ao norte, o morro de Santo Antonio vai ondeando até perder-se e nivelar-se com os campos do Rio das Pedras. No alto, estende-se uma vasta planura, quasi toda occupada por aprazíveis quintas, com soberbos pontos de vista para todos os lados.

Os indios davam-lhe o nome de Ibytyra, que quer dizer *monte, outeiro*, sem mais adjectivo, como se fôra o monte por excellencia. O Ibytyra, nesse tempo, antes de ter sido conquistado e demarcado com a cruz ou com o pelourinho, era coberto de uma immensa matta virgem, espessa, sombria, só

habitada por animaes bravios, ou pelo indio feroz e anthropophago. Onde hoje vemos magnificos edificios, existia a humilde *taba* indiana construida de ramos de palmeira. Vêde as ruas Direita (apezar de ser a mais tortuosa), do Contracto, do Carmo, do Bomfim: por ahi descia o indio a matar a onça, a pantera, a anta, o jaguar, occultos nos seus covis, ou a caçar o jaburú, o jabuti, e as araras que lhes davam as lindas plumas de seus cocares; as ruas do Macau, Chafariz, S. Francisco, Cavalhada, descendo da Gupiara até ao Rio-Grande, eram um vasto tremedal com o nome de *Tyjucupaba*, que no tempo das aguas se alagava, tornava-se intransitavel e servia como de barreira ás feras acossadas pelos indios, que subiam pelo desfiladeiro apertado, onde é hoje o Arraial de Baixo.

Nos primeiros annos do seculo passado, uma bandeira de aventureiros portuguezes, mamelucos e sertanistas, filhos de S. Paulo, muitos dos quaes talvez sahidos do arraial da Conceição, que acabavam de estabelecer, o qual depois foi villa do Principe e hoje cidade do Serro, apercebidos de instrumentos de mineração, vieram atravessando serras, mattas, rios caudalosos, e chegando ás bordas do Jequitinhonha, na paragem que hoje tem o nome de *Coronel*, deram principio a um pequeno estabelecimento de mineração; mas vexados pelas febres endemicas que ahi sóem grassar no tempo das chuvas, provenientes dos detritos vegetaes, que, com as enchentes, se depositam e apodrecem nas lezirias, levantaram tendas, seguira n rio-abaixo e chegaram ao corrego da Itatyba, que baptisaram por Santa Maria. O nome indigena está indicando que os aventureiros ahi não se podiam demorar; significa *pedregal*, por causa dos muitos rochedos que cobrem o solo. A mineração era, pois, difficil, e quem tinha terrenos ricos e ainda virgens a explorar, não perdia tempo quebrando pedras.

Onde se achavam? Era preciso sabel-o para não perderem o rumo. Mas não traziam bussola, não possuiam relogio, não conheciam as estrellas: e para que? Olhavam para o Itambé, que se assoberbava sobranceiro no horizonte com seu pico sempre coroado de vapores, como o cone gigantesco de um vulcão extincto perfurando as nuvens. Era o granitico pharol dos viajantes; era o centro de um circulo de sessenta leguas de diametro, que podiam revolver sem receio de extraviarem-se.

Orientados pela vista do Itambé, deixaram o Jequitinhonha, que não puderam passar; e, dirigindo-se para o occidente, subiram a serra, que, como uma immensa aureola, costea o rio acompanhando suas voltas e torcicollos. Depois de um dia de jornada penivel por terrenos invios, fragosos, quasi intransitaveis, costeando serras, evitando paúes, volteando rios, chegaram á confluencia do Piruruca e do Rio-Grande. Por qual dos dous corregos deviam subir? Não havia razão de preferencia. Uns opinavam pela direita, outros pela esquerda; cumpria decidir-se a duvida. Louvaram-se no acaso. Desenrolam a bandeira, que levantaram ao ar; o vento

soprava de sudoeste; a flammula voltou-se para a esquerda; foi interpretado como um signal da Providencia: e os aventureiros seguiram pelo Piruruca acima.

Eram homens ousados e intrepidos esses aventureiros, de vontade constante, pertinaz, inabalavel. Cegos pela ambição do ouro, arrostavam os maiores perigos. Não temiam o tempo, as estações, a chuva, a secca, o frio, o calor, os animaes ferozes, reptis que davam a morte quasi instantanea, insectos que mordiam, produzindo a dôr da queimadura, e, mais que tudo, o indomito e vingativo indio anthropophago, que lhes disputava o terreno palmo a palmo, em guerra renhida e porfiada, devorando-lhes os prisioneiros. Viajavam por esses desertos, descuidados e imprevidentes, como si nada devessem receiar. Para elles não havia bosques impenetraveis, serras alcantiladas, rios caudalosos, precipicios, abysmos insondaveis. Si não tinham o que comer, roiam as raizes das arvores, apanhavam os lagartos, as cobras, os sapos, que encontravam no caminho, servia-lhes tudo o que era capaz de alimental-os; si não tinham o que beber, sugavam o sangue dos animaes que matavam, mascavam folhas silvestres, ou fructas acres do campo. Já eram homens meio barbaros, quasi desprendidos da sociedade, falando a linguagem dos indios, adoptando muitos de seus costumes, seguindo muitas de suas creanças, admirando a sua vida e procurando imital-os. Muitas serras, muitos rios, muitos logares que conhecemos com nomes indigenas, foram baptisados por elles. Taes eram, em geral, os primeiros descobridores das ricas minas do Brazil.

Como diziamos, guiados pela sorte, seguiram Piruruca acima. Subiram até quasi suas cabeceiras. A noite cahia. Levantaram barracas e ahi pernoitaram.

No dia seguinte, fizeram uma prova. Apanharam no leito do corrego um saibro grosso, claro, de envolta com pedras miudas: é o que se chama *piruruca* em linguagem de mineração e que deu o nome ao corrego; a palavra parece indigena. Os mineiros, muitas vezes, usam, por similhança, da palavra *cangica* para designarem o mesmo corpo mineral. Lavaram-no e encontraram ouro, muito ouro. Então trataram logo de se estabelecer.

Exploraram as margens e conheceram que tambem eram ricas.

Corre a noticia do descoberto. Chegam outros aventureiros da Conceição e circumvisinhança. O terreno é vasto e promette accommodar a todos, e por isso não apparecem dissensões e rivalidades. A população vai-se augmentando, levantam-se alguns colmados ou ranchos, e o logar em breve offerece o aspecto de um pequeno arraial. Era costume de nossos antepassados levantarem logo um pelourinho quando se fixavam em qualquer parte com intenção de fundarem um arraial.

Desgraçadamente, os brazileiros não ignoram que pelourinho é uma picota que se levanta em um logar bem publico, com uma argola de ferro presa no alto, onde se amarram os

escravos para serem surrados com *bacalhäos*. Nas nossas villas e cidades ainda, se vê esse signal de barbaria da actualidade.

Os nossos aventureiros levantaram o pelourinho na margem do Piruruca, que logo baptisaram por *Corrego do Pelourinho*, denominação que se conservou por muito tempo, e se encontra nos papeis antigos da administração diamantina. Felizmente, porém, o bom senso do publico, ou, quer que seja, que ignoramos e nem trataremos de investigar, resistiu a essa innovação, e hoje o corrego é só conhecido pelo seu nome primitivo.

Pouco tempo depois do estabelecimento desta pequena população, uma outra bandeira de aventureiros, seguindo quasi o mesmo roteiro da primeira, chegava ao mesmo ponto da confluencia do Rio Grande e Piruruca. Não havia mais que hesitar: o lado esquerdo estava occupado, seguiram pelo direito, Rio Grande ácima.

Iam fraldejando o morro, que os indios denominavam Ibytyra, quando esbarraram ante um vasto tremedal, que não puderam atravessar, por cima do qual serpeava um pequeno arroio, que, nascendo no meio do flanco oriental, ia logo perder-se no Rio Grande. Tyjucupaba chamava-se o tremedal, e Tejuco o pequeno arroio, que quer dizer lama.

Conta-se que um formoso galheiro, já de longe acossado por um caçador da horda aventureira, fôra morto atolado no *Tyjucupaba*; tirado para fóra, encontraram-se algumas folhetas de ouro no barro que o enlameava.

Verdadeira ou falsa a anecdota, o certo é que se tinha descoberto no Ibytyra uma rica lavra. As terras auriferas estendiam-se desde a raiz do morro até o alto da Gupiara, depois espraiavam-se pelas margens e leitos do Rio Grande e S. Francisco. Eram tão ricas que se catavam folhetas sem o trabalho da lavagem.

O corrego do Tejuco ainda era mais rico e naturalmente; porque ahi corriam as aguas nativas e pluviaes do flanco do morro: era como um bolinete formado pela natureza, onde se revolviam as terras auriferas, que, desfeitas, corriam, ficando depositado no fundo o ouro, como materia mais pesada.

A horda aventureira, com o descoberto da lavra, fez o seu primeiro estabelecimento na margem direita do Tejuco, em o logar a que deram o nome de *Burgalhão*, que ainda hoje conserva e cuja significação e etymologia ignoramos.

Com a noticia das riquezas do novo descoberto, como succedêra no Piruruca, chegaram outros mineiros, e a população foi-se augmentando e derramando pela vertente do morro.

Eram, pois, duas povoações ainda nascentes, ainda fracas, ainda baldas de recursos e de forças sufficientes para, no meio de um deserto infestado de inimigos encarniçados, os indigenas, poderem subsistir separadas. Convinha que se reunissem. O Tejuco, embora mais recente, era mais populoso, offerecia lavras mais ricas, mais vastas, mais duradou-

ras ; o Piruruca allegava a prioridade de seu descoberto, e da erecção do pelourinho. Mas a utilidade prevaleceu sobre a etiqueta : o Piruruca cedeu, e sua população passou-se para o Tejuco : o pelourinho foi arrancado ; ignoramos em que logar fòra novamente levantado : — não temos o menor empenho em sabel-o.

Com este accrescimo de população e de industria, o Tejuco começou a tornar-se importante. Todo o *Burgalhão* cobriu-se de colmados. Levantou-se um mais alto, mais bem construido, m is espaçoso, que se destinou para capella: escolheu-se Santo Antonio para padroeiro ; consagrou-se-lhe a capella, e veiu do arraial da Conceição um sacerdote, que ficou servindo de cura. O fisco já de ha muito lançava olhares ávidos sobre o Tejuco : logo que viu que ahi se erguêra uma capella, procurou um cobrador dos quintos reaes ; quando viu o sacerdote partir, mandou o cobrador após elle, e chegaram ao mesmo tempo.

Assim o Tejuco constituia-se arraial, tomando o nome do corrego, junto do qual fòra fundado; o Ibytyra ficou-se chamando Morro de Santo Antonio.

Leiamos agora um curioso manuscripto, que possuimos, datado de 1796.

II

Foi com bastante trabalho e depois de vencer immensas difficuldades, diz o manuscripto, que o Tejuco conseguiu constituir-se em povoação estavel, tendo sustentado, desde seus primeiros estabelecimentos, uma guerra constante, renhida e porfiada com os indigenas, que lhes disputavam a posse do terreno, de que se julgavam senhores, ao menos pelo direito de antiguidade. A visinhança dos *peros*, como elles chamavam aos portuguezes, não podia deixar de ser-lhes incommoda ; tomavam-lhes as terras e campos, em que caçavam, tratavam-nos como si não pertencessem á especie humana. roubavam suas filhas, escravisavam os prisioneiros, e davam-lhes caça como aos animaes ferozes. Ora o indio, acostumado a viver na mais ampla liberdade da natureza, que não se sujeitava a um chefe ou cacique sinão espontaneamente, preferia a morte á escravidão, palavra que entre elles nunca fôra conhecida. O prisioneiro era comido ; o que preferia a ser escravo do vencedor. Como, pois, poderiam resignar-se ao captiveiro dos brancos, que os obrigavam a trabalhos peniveis, repugnantes á sua indole naturalmente indolente ? Cumpria declarar-lhes uma guerra encarniçada.

Quando se descobriram as lavras do Tejuco, no alto do Ibytyra ou morro de Santo Antonio, na planura, onde é hoje o largo do Curral e então se chamava *Ocussanguca* (1), estendendo-se até á Cruz das Almas, existia uma *taba* ou aldeia de indios, segundo a melhor tradição, pertencentes á familia dos *puris*. Como e desde que tempo ahi se achavam estabelecidos, é o que se não poderá dizer. O certo é que foram elles os mais encarniçados inimigos, que por muito tempo incommodaram os tejuquenses, quando estes procura-

---

(1) O autor do manuscripto, que publicámos, parece terse enganado. A palavra *ocussanguca* não é indiana, pertence á lingua bunda, que é a geral da Africa, e significa *altura* ; assim dizem os africanos : *ocussanguca ria milundú* que quer dizer *altura do monte*. Provavelmente, foram negros angolenses, que, em tempos posteriores á descoberta do Tejuco, deram esse nome ao alto do morro de Santo Antonio, nome que hoje não conserva mais. Como esta, ha muitas denominações africanas, que tomamos por indigenas. (Veja-se a palavra no Diccionario da lingua bunda ou angolense por fr. Bernardo Maria de Cannecatim).

vam fixar-se nas fraldas do morro e fundar uma povoação estavel.

Ha uma tradição sobre a maneira por que foram vencidos e dispersos, e como se descobriu o diamante entre nós : é o que vou escrever, conforme me contaram velhos fidedignos, quasi contemporaneos da fundação do Tejuco.

Cururupeba chamava-se o cacique da tribu de indios de que fallei, estabelecida no alto do Ibytyra. *Cururú* significa «sapo negro»; não sei por que razão elle tomára esse nome.

Era um bravo e intrepido guerreiro, de olhar feroz, de figura herculea, musculoso, bello e garboso, como em geral eram os *puris*, com todas as qualidades exigidas de um chefe de tribu. — E' sabido que, entre os indigenas, o nascimento não tinha privilegios; attendiam-se ás qualidades pessoaes, o valor, a força, a intelligencia, que si não transmittem, que os filhos nem sempre herdam dos paes.

Nos combates, *Cururupeba* era sempre o primeiro que se apresentava á frente de seus guerreiros, e o ultimo que se retirava; nenhum inimigo resistia ; seu *macaná* (2) não parava na matança ; seu braço nunca se cançava, cada golpe era uma morte certa.

Muitas vezes, no auge da carnagem, avistava-se de longe o seu cocar fluctuante sobrelevando todos os outros no meio de um circulo de cadaveres. As victorias que havia alcançado, os prisioneiros qne havia feito na guerra, os inimigos que havia *bucanado* (3), já não se podiam enumerar.

Seu nome era conhecido em todo o *Hyoituruhy* — Serro-Frio. Por sua valentia, força e coragem, e, ao mesmo tempo, por sua ferocidade, tornara-se o terror do logar.

Todas as tribus visinhas tinham sido subjugadas e o reconheciam como unico chefe e dominador despotico. Era denominado, por seu poderio e immensas conquistas que tinha feito, *Cururupeba-Wassú* quer dizer — o grande, — como dizemos Alexandre — Magno, Carlos Magno.

Muitos guerreiros valentes e esforçados combatiam debaixo do seu commando: eram, entre outros, *Ieppipo*, *Sapucayaba*, *Inhyçara* e *Cunhambebe*.

Ninguem havia mais certeiro para arrojar uma setta ao alvo. Ninguem, nem mesmo seus mais fortes guerreiros, era capaz de curvar seu arco encordoado de tucúm. A ave, que elle mirava nas nuvens em empinada altura, cahia mortalmente ferida ; o galheiro, que rapido voava pelo campo, era infallivelmente trespassado. O jaguar, a onça, o tigre, a anta, todos os animaes bravios fugiam espavoridos á sua presença; seu olhar parece que os fascinava, como se diz que as cobras fascinam os passaros e pequenos animaes.

---

(2) Arma cortante de pau-ferro de que se serviam na guerra.

(3) Os indios, muitas vezes, seccavam as carnes dos prisioneiros para as conservarem e depois comerem : a isso se chama a *bucanar*.

Si eu não temesse fatigar o leitor, — si é que algum dia este escripto ha de ser lido por alguem, — contaria como um dia *Cururupeba*, estando desarmado e desprevenido, só com o auxilio das mãos, estrangulára um tigre, apertando-lhe a garganta; como, outra vez, prendêra uma anta, que amarrou em uma forte corda de tucúm, e levou-a para a *taba*, afim de ser morta pelas mulheres e crianças. Contaria muitos outros factos que mostravam sua valentia e coragem.

Havia um unico inimigo, que *Cururupeba* não tinha podido vencer, e em combate com o qual quasi sempre soffria perdas consideraveis: eram os tejuquenses, ou *peros*, como elle lhes chamava. Por muitas vezes, os indios desceram o Ibytyra, e tentaram apossar-se do Tejuco, mas eram repellidos e forçados a retirarem-se.

Os *peros*, embora inferiores em numero, eram superiores a seus contrarios pelo uso que faziam da arma de fogo, que estes desconheciam e que tanto os aterrava. O estampido do tiro e o relampago da explosão causavam nos animos dos selvagens uma impressão superstíciosa: suppunham os tejuquenses filhos de *Tupá* (Deus) e, por conseguinte, invenciveis, dispondo de uma arma tão poderosa como era o raio.

Quando, pela primeira vez, viram os nossos negros trabalhando na mineração, quasi nús, só com uma tanga enrolada na cintura, como um escarneo á honestidade, chafurdando-se na lama, com o feitor ahi ao pé para forçal-os ao trabalho por meio do castigo, exclamaram:

— *Tapanhô-a-canga!*

O que quer dizer: — Olha macaco sujo de terra. (4) Esses negros ou macacos, como lhes chamavam os indios, inspiravam-lhes horror, e davam mais um motivo para temerem os brancos que sabiam domesticar e applicar aos seus serviços um dos animaes indomitos de suas mattas.

Era, pois, mais por idéas superstíciosas, que por lhes fallecer a coragem, que os indigenas receiavam medir suas forças com as dos tejuquenses, evitando sempre um combate decisivo e ás claras, como com as tribus indigenas, que não temiam; mas, por outro lado, não cessavam de molestal-os de todos os modos. Um dia, arrancavam e destruiam-lhes as plantações, incendiavam as matas e campos, matavam as criações; outro dia, interceptavam e apoderavam-se dos comboios de viveres, que se mandavam vir das povoações circumvisinhas; outro dia, aprisionavam e bucanavam os mineiros, que, incautos e indefesos, trabalhavam mais retirados do arraial. Estes, para trabalharem com maior segurança, reuniam-se em sociedades numerosas de mineração, andavam sempre armados e promptos a repellirem qualquer aggressão imprevista.

Por muitas vezes, durante a noite, o Tejuco viu-se ameaçado de uma invasão repentina, e tão grande era o numero

---

(4) Temos visto contestar-se esta traducção. Ha perto da cidade da Conceição um arraial chamado Tapanhoacanga.

dos inimigos, que a nascente povoação seria infallivelmente tomada, arruinada e seus habitantes feitos prisioneiros, si não fosse o terror supersticioso que lhes inspiravam e as medidas de defesa, qne sempre se tomavam a tempo para fazer mallograrem-se seus planos traiçoeiros.

Cururupeba não pensava em outra cousa. Esquecera-se de todos os seus outros inimigos, das tribus qne guerreava ha tantos annos, e que agora poderiam reagir e recuperar sua independencia ; vencer e dispersar os *peros*, que ousadamente tinham invadido os seus dominios, era sua unica mira. Mas sua imaginação, sempre fertil em traças, parecia ter-se tornado esteril, sua coragem era insufficiente para reanimar os espiritos abatidos da maior parte dos guerreiros.

Assim viviam os tejuquenses em um eterno desassocego, vexados continuamente. e ameaçados de verem a cada instante destruida a nascente povoação, que apenas acabavam de estabelecer.

Vou agora contar porque maneira elles conseguiram lograr tranquillidade, vencendo e dispersando os seus perseguidores.

III

A um tiro de flecha distante da *taba* indiana, sobre uma eminencia que hoje tem o nome de Cruz das Almas, exactamente no logar onde existe levantado um cruzeiro de madeira, havia um bello e magestoso cedro, que, na lingua indigena, era conhecido pelo nome de *Acayaca*.

Era uma arvore alterosa, soberba, magnifica, situada no ponto mais culminante do Ibytyra. Quem vinha para o Tejuco, ainda na distancia de muitas leguas, avistava-a assoberbando no horisonte e balançando-se graciosa por cima das outras arvores, que sobrelevava em altura.

Uma setta arremessada pelo mais habil e esforçado atirador apenas chegava ás suas ultimas folhagens. Seis indios com os braços abertos não abarcavam seu largo tronco. Suas ramagens arredondadas em copa gigantesca, sempre virentes com o luxo da primavera, abrangiam uma vasta circumferencia, onde se poderia abrigar a *taba* inteira. Quando agitada pelo vento, o fremito de suas folhas similhava o ronco surdo da tempestade.

Seu tronco estava todo coberto de incisões e figuras hieroglyphicas, traçadas com uma tinta vermelha, corrosiva, indelevel, extrahida do urucú. Só os indigenas sabiam repara-la. O que ellas significavam, ninguem nunca soube decifrar; é certo, porém, que tinham uma significação; recordavam algum acontecimento passado, ou symbolisavam alguma idéa religiosa. Desses signaes ainda encontramos muitos nas lages das nossas serras, expostos ao tempo e ás chuvas, qne os não tem podido apagar.

Uma tradição dava á *Acayaca* edade fabulosa. Os indios, desfigurando, talvez, a tradição do diluvio universal, narrado por Moysés na Escriptura Sagrada, contavam que, em tempos immemoriaes, o *Hyoituruhy* fôra victima de um grande cataclysma; que, por uma causa desconhecida, o Jequitinhonha e todos os seus tributarios encheram, transbordaram e inundaram todo o paiz; que os montes mais elevados ficaram cobertos de aguas, perecendo na inundação todos os indios, á excepção sómente de um casal por terem subido na *Acayaca*, unico ponto a que, por sua elevação, as aguas não puderam chegar. A inundação baixára depois de alguns dias, e então o indio e a india desceram, e começaram novamente a povoar a terra.

Assim a *Acayaca*, tendo salvado a especie humana, como, segundo o Genesis, fizera a arca construida por Noé, era tida

pelos indigenas como uma arvore sagrada. Suppunham que o indio criminoso de morte, que della se approximasse, morreria instantaneamente. Suas folhas julgavam-se gozar de uma virtude sobrenatural e se applicavam como remedio infallivel a muitas enfermidades.

Debaixo de sua sombria ramagem era a *ibycoara*, ou sepultura dos caciques, dos pagés, e dos guerreiros que se tinham assignalado por alguma grande façanha. Seus corpos ahi estavam sepultados, envolvidos em grandes vasos de barro cosido, primorosamente pintados e cinzelados de volutas e arabescos phantasticos, intrincadamente entrelaçados.

Por cima da *ibycoara*, cercada de extensas bancadas de pedra em fórma semi-circular, reuniam-se os guerreiros quando se tinha de dar alguma providencia, ou tomar alguma deliberação importante sobre a paz ou sobre a guerra. A reunião era presidida pelo cacique, e nada decidiam sem ouvirem os *pagés* (5), que, ao som do *maracá*, tiravam agouros sobre o exito de qualquer empreza.

Entendiam que os manes, a quem chamavam *ángas*, dos guerreiros ahi sepultados, inspiravam á assembléa prudentes conselhos, e appareciam debaixo da fórma dos mochos, que á noite, iam pousar na *Acayaca*: aves sagradas e agoureiras, cujo piar melancolico era escutado com veneração e interpretado pelos *pagés*.

O recinto da *ibycoara* era tambem sagrado. Um prisioneiro tomado em guerra a mais odienta, que porventura fugisse da *ywarapemme* (6), e ahi se fosse refugiar, tinha um asylo inviolavel; ninguem podia mais offendel-o; poupava-se-lhe a vida; faziam-se-lhe ricos presentes, e era entregue á sua tribu sem se exigir resgate.

Jámais a *Acayaca* havia perdido um ramo. Sempre virente e viçosa em todos os tempos e estações do anno, não lhe cahia uma folha que não fosse logo substituida por outra.

Uma velha tradição rezava que, emquanto a *Acayaca* subsistisse, a tribu havia de ser sempre feliz em suas expedições, alcançaria victorias assignaladas, derrotaria seus inimigos, e seus filhos multiplicar-se-iam na prosperidade; e que, quando ella deixasse de existir, a tribu seria vencida, expulsa dos dominios de seus antepassados e dispersa pelos sertões até anniquillar-se completamente.

Ou porque de facto esta predicção tivesse alguma cousa

(5) Especie de sacerdotes, adivinhos ou feiticeiros, que se julgavam inspirados e sabiam predizer o futuro. Eram tidos em veneração pelos indigenas e davam agouros ao som da *maracá*. Maracá era um symbolo feito de um cabaço do mesmo nome, que servia de instrumento de musica e de adivinhação. Espetavam-na em um pau, enrolavam-lhe cabellos humanos no tôpo, deixando pender as pontas, ou cingiam-lhe um cocar de pennas vermelhas do goaraz.

(6) Corda de algodão tecida pelas mulheres com que se amarravam os prisioneiros para serem mortos.

de verdadeiro, — e porque não, si é certo, e ha tantos exemplos da influencia que o espirito das trevas muitas vezes exerce nos destinos humanos para seus fins perversos ? — ou porque, e é o mais consentaneo com a razão, essas idéas supersticiosas inspirassem aos indigenas uma coragem, animo e valor extraordinarios, o certo é que elles nunca foram derrotados, e, pelo contrario, sempre foram vencedores nas guerras com as tribus visinhas.

IV

Por esse tempo havia em Tejuco um mameluco, vindo de S. Paulo, chamado Thomaz Bueno. Sua origem é a seguinte: Um portuguez, não nos lembra de que logar da capitania de S. Paulo, possuia uma escrava india comprada a um sertanista, que aprisionára a laço. A escrava que se chamava *Manassú* foi baptisada com o nome de Isabel.

Manassú ou Isabel era ou não bella, ou moça velha: não importa. Um dia seu senhor a violentou, resultando ella ficar pejada. Os primeiros povoadores do Brazil eram, em geral, muito sensuaes e pouco religiosos: só tinham a religiosidade exterior.

Pouco tempo depois, a fazenda do portuguez, sendo invadida pelos indios tupinambás, *Manassú* aproveitou-se da occasião, e fugiu com elles. No mato deu á luz um menino, a que pôz o nome de *Peropyranga* que quer dizer *branco-vermelho* para designar sua origem mixta.

Vinte annos depois, foram os tupinambás vencidos e derrotados pelos paulistas, e *Peropyranga* feito prisioneiro. *Peropyranga* foi baptisado com o nome de Thomaz Bueno e depressa acostumou-se e tomou gosto pela vida dos vencedores; e sendo nascido no meio das mattas e creado entre os selvagens, conhecia sua lingua, crenças, usos e superstições.

Quando os paulistas, embrenhando-se pelos sertões de Minas, vieram á descoberta das lavras do Tejuco e de outros logares do Serro-Frio, o mameluco Thomaz Bueno, que tomára gosto pela vida aventureira, os acompanhou, servindo-lhes de interprete.

De raça mestiça, os mamelucos, em geral, achando-se na sociedade de homens mais ou menos civilisados, tinham em desprezo o sangue indigena, que lhe girava nas veias, e tornavam-se os maiores perseguidores dos indios: — ainda mais que os portuguezes.

Demais Thomaz Bueno, ainda renegava sua origem materna, partilhando as idéas erradas dos indios, que entendem que o filho só provém do pae (7). Com taes sentimentos associa-

---

(7) E' exacta esta asserção do autor. Os selvagens do Brazil, em geral, entendiam que o filho devia ser unicamente do pae, só concorrendo a mãe com o recipiente e com a nutrição. De curiosa maneira a sua linguagem o exemplificava, diz Southey. O pae chama ao filho *tairá*, e á filha *tagirá*; a

ra-se aos tejuquenses contra seus inimigos, e só por odio á raça indigena que desprezava, e a que não queria pertencer.

Servindo de interprete e como de embaixador perante os selvagens, tratou de examinar seus costumes e crenças. Não poupou traças e perfidias. Ahi seu espirito era fecundo. Ninguem melhor sabia urdir uma intriga e leval-a ás suas ultimas consequencias Fingiu abraçar os interesses delles, grangeou a sua amizade, vivia no meio da *taba* como no Tejuco; conheceu-lhes as superstições, o lado fraco por que poderiam ser atacados. Em uma palavra, revelou aos tejuquenses que seus inimigos não podiam ser vencidos emquanto subsistisse a arvore sagrada.

Ninguem ignora a grande influencia que um prejuizo exerce sobre a imaginação, principalmente de povos rudes e ignorantes, sepultados nas trevas do paganismo.

A sciencia é o luminoso pharol que vai guiando a humanidade na senda do progresso...

. . . . (8)

Conhecida a extranha superstição dos indios, os tejuquenses espreitavam a primeira occasião que se offerecesse, para cortarem ou por qualquer fórma destruirem a arvore sagrada.

Era ahi toda a difficuldade. A *Acayaca* elevava-se visinha da *taba*. Os indios a defendiam como o paladio de sua existencia, de sua força, de sua gloria. O *pero* que della se approximasse seria immediatamente preso, morto e bucanado.

Corromper algum indio com promessas ou seducções: era na verdade um meio. Mas esses homens, com quanto selvagens, ou talvez por isso, não se deixavam corromper, não trahiam seus irmãos. Seria que a corrupção é o desanimador apanagio da vida civilisada? Não sei.

Um dia, Thomaz Bueno, vindo da *taba*, appareceu no Tejuco excessivamente alegre e satisfeito. Quando se lhe perguntava o motivo de seu contentamento, respondia:

— E' porque em breve vamos ser vencedores dos selvagens.

E quando se insistia e se queria saber se havia occorrido algum acontecimento notavel, que tanto o enchia de esperanças, o mameluco respondia simplesmente:

— Mais tarde o saberão.

Era homem ardiloso, queria guardar segredo para que qualquer indiscrição não burlasse seus planos.

O que se passára na *taba* e qual era o plano do mameluco, é o que passamos a contar.

---

mãe chama-lhes a ambos *membirá*. O vocabulario dado por Marcgraff, em auxilio de Manoel de Moraes, parco como é, indica a etymologia destas palavras, explicando-lhe a differença; *tairá* significa sangue, e *membirá* produzir. Quer, pois, a palavra paterna dizer: — filho do meu sangue. — emquanto a materna diz — filho que produzi.

(8) Para não fatigar o leitor, julgamos dever supprimir uma prolixa divagação do manuscripto sobre a utilidade da sciencia e da religião, por ser materia bem conhecida.

V

Thomaz Bueno, que andava sempre em observação sobre o que se passava na *taba*, soube que os indios se preparavam para uma esplendida *tabyra*, isto é, para uma festa, que devia ter logar por occasião do casamento de *Cajuby* com *Iepippo*, o mais habil caçador e o mais bravo e valente guerreiro depois de *Cururupeba*.

Era a mais bella filha do deserto. No verdor da mocidade, innocente como uma pomba, louçã, elegante e garbosa como a tenra palmeira, linda como a flor que desabrocha sob o influxo dos raios crestadores da zona intertropical onde nascera, o jambo invejaria o delicado colorido de suas faces, o pecego o avelludado de sua tez, a jaboticaba a negrura de seus olhos, a romã o encarnado de seus labios, o marfim a alvura de seus pequenos dentes.

As mais ricas e mimosas pennas da arara adornavam-lhe o cocar. Uma nuvem negra de cabellos corredios cahia-lhe com graça sobre os hombros. Os seios palpitantes de volupia... (9).

... Emfim *Cajuby* era a *manacá* (10) da tribu, porque nenhuma outra a vencia em belleza e elegaucia.

Tal era a noiva que estava destinada para *Iepippo*.

Fôra chegada a primeira noite da lua cheia, que os indios chamavam *jacyçobausú* — litteralmente *lua rosto grande*: era a noite designada para o casamento da bella *Cajuby* com *Iepippo*. Durante o dia, toda a tribu se transportára alegre, moços, velhos, mulheres e crianças para um ameno e delicioso valle nas margens do Ipyacica.

Tudo era bulicio, como sóe acontecer na approximação de um festim. Os moços ajuntavam lenha para as fogueiras, os velhos limpavam os cachimbos, as raparigas pintavam o corpo de urucú para parecerem mais bellas, as velhas preparavam as grandes espetos de pau para assarem viandas, ou lavavam os vasos, onde tinham de servir as bebidas fermentadas.

Cajuby estava radiante de prazer e de belleza, como a flor silvestre abrindo-se aljofarada pelo rocio matutino. Um lindo

---

(9) Fomos obrigados a supprimir a descripção, qne segue, do corpo da bella indiana, por extremamente lasciva, como se acha no manuscripto. As indias viviam como Eva antes do peccado. Desculpemos o autor,

(10) *Manacá* significa uma flor : era o nome que se dava à moça mais linda da tribu.

cocar de variegadas côres cingia-lhe a fronte elegante. Trazia no braço direito uma trança fina de algodão tinto de amarello, como distinctivo da virgindade.

Esperava-se a hora do festim.

O sol tinha cahido no occidente. Esperava-se o nascimento da lua. Apenas seu disco, engrandecido pelos nevoeiros do horizonte, foi apparecendo no alto do Ibytyra, *Cururupeba* tomou *Cajuby* pela mão e dirigindo-se a *Iepippo* que se achava cercado de seus amigos e parentes, disse-lhe:

— Recebe *Cajuby* por mulher, defende-a, sê dextro caçador e intrepido guerreiro.

Iepippo recebeu *Cajuby*, beijou-lhe a trança, que symbolisava a virgindade.

Concluidas as ceremonias do casamento, deu-se começo á *tabyra*.

No meio do valle, ateava-se uma grande fogueira levantada de grossos troncos de madeira secca, intercalados de gomos de taboca e taquara, que rebentavam com estampido, aquecidos pelo fogo; ao redor e em distancia, ardiam outras fogueiras menores. Os indios ficavam no espaço intermedio, formando um immenso circulo.

As velhas assavam nos grandes espetos de pau, de que já falámos, viravam e reviravam sobre as brazas, veados, macacos, nhambús, papagaios, tiús, sapos, cobras, lagartos, tatús, e outros animaes e aves, que os caçadores tinham matado e trazido para a *tabyra*. Cada especie do reino zoologico concorrêra com o seu representante para o grande festim; só faltava um prisioneiro para tornal-o mais esplendido, e satisfazer a antropophagia.

Em grandes talhas de barro cozido, collocadas junto ás fogueiras, ferviam o *kaawy* e a *chicha* (11), que, ainda ardentes e espumantes, eram servidas a homens e mulheres em malgas ou taças feitas de barro, de craneos humanos, de animaes, ou em cabaças. Outros fumavam ao mesmo tempo a *pytyma* (tabaco) em longos cachimbos, ou enrolada em fôrma de charuto.

Ao som do *maracá* e ao rangido estridente, produzido por uma taboca dentada esfregada por uma vara rija, dançavam os moços e as raparigas danças vivas e animadas, emquanto os velhos, deitados ou sentados no chão, bebendo ou fumando, meneavam a cabeça acompanhando os movimentos dos dançantes, como se fizessem o compasso.

Os dançantes, ora dando-se as mãos, formavam dous circulos concentricos ao redor das fogueiras, redomoinhando doudejantes em violento vortice; ora extendiam-se em compridas filas duplas, que em rapido e cadenciado passo, imitando as evoluções da cobra, iam-se perder nos campos, subiam costeando o Ipiacica, como duas correntes movendo-se

---

(11) Bebidas fermentadas e inebriantes, feitas da mandioca e do milho.

em sentido opposto, e depois voltavam : e comiam e bebiam para recomeçarem a dança.

Outras vezes, os moços, com castanholas presas nos tornozelos, armados de arcos, flechas e massas, que se entrechocavam, simulavam combates de duas tribus inimigas; uns cahiam, outros davam o brado da victoria: depois erguiam-se e recomeçavam o combate. Entretanto, as raparigas se entretinham dançando por baixo de arcos de flores, que suspendiam nos ares, e com outras danças que seria longo descrever.

A orgia havia chegado ao seu auge. A lua, que, já alta, se elevava no horizonte, com seus pallidos raios,illuminava uma bacchanal do inferno. Dir-se-ia que o espirito das trevas animava ou endoudecia todas essas cabeças volcanisadas. Muitas talhas de *kaawy* já tinham sido exggotadas, as viandas consumiam-se e renovavam-se ; e não se cansavam e não se saciavam.

Bebia-se, comia-se, dançava-se, cantava-se, ou antes gritava-se, ao mesmo tempo, na maior desordem e confusão. Era como um delirio geral. As velhas e velhos, que não podiam dançar, rolavam pelo chão, estorciam-se,ebrios, com movimentos convulsivos, como possessos do espirito maligno. As creanças,gritando e saltando as fogueiras, augmentavam a algazarra.

Emquanto o valle ardia em loucos folguedos, de que apenas pudemos dar uma pallida descripção,só um guerreiro se mostrava indifferente e como extranho ao que se passava em sua presença: era *Cururupeba*, que não comia, não bebia, não cantava, não dançava.

Assentado sobre o tronco de um annoso jequitibá, derrubado pelo tempo, olhava para essa orgia infernal, e nada via. Sua cabeça descançava na *macana*, os braços cahiam-lhe inertes ao longo dos joelhos.

Entregue a uma profunda meditação, permanecia immovel, insensivel, indifferente a tudo que o rodeava. Uma nuvem de tristeza assombrava-lhe o semblante feroz ; sua fronte, como se revelasse algum pensamento afflictivo, franzia e arregoava-se com profundas rugas.

De vez em quando, involuntariamente, seus olhos se dirigiam para o lado do Ibytyra, que similhava uma sombra phantastica no horizonte, e parecia-lhe ouvir como um breve longinquo sussuro das vagas do mar quebrando-se sobre a praia. Depois succedia o silencio.

O que lhe ia na mente, o que o preoccupava, qual a causa de sua apathia e tristeza, ninguem poderia dizel-o. Era uma melancolia vaga, incerta, cuja causa elle mesmo ignorava. Era algum presentimento de desgraça inevitavel.

Ha quem negue o presentimento : não sou desses, com quanto não saiba explicar a affinidade, que existe entre o nosso estado presente e o futuro em circumstancias excepcionaes. Porque não sabemos explicar um phenomeno, devemos negar sua realidade ?

Uma vez, *Cajuby*, vendo a tristeza e apathia de *Cururupeba*, sahiu a convidal-o para dançar. O pae quiz abraçar a filha, e involuntariamente repelliu-a com grosseria, quiz desculpar-se e seus labios proferiram uma blasphemia, tentou sorrir-se e seu rosto contrahiu-se horrendamente.

Cajuby retirou-se espavorida, como se houvesse descoberto um cascavel occulto debaixo de flores, que fôra colher. Em caminho encontrou-se com *Iepippo*, cuja vista lhe dissipou o terror e ambos, saltando e dançando abraçados, voaram à *tabyra*. Esquecera-se do pae.

Era o momento em que o festim se convertêra em orgia delirante. *Cururupeba*, sempre absorto em continuo scismar, elle que não ouvia os gritos descompassados dos dançantes, a algazarra horrisona dos instrumentos, ouviu, mas agora mais distincto e mais forte, o mesmo sussurro longinquo, que costumava partir do lado do Ibytyra, e poucos instantes depois um piado lugubre, prolongado, de um mocho, procurando occultar-se na fenda de um rochedo, que se elevava sombrio na margem esquerda doIpiacica.

Cururupeba levantou-se rapido, como por um acto puramente mechanico; seus cabellos tornaram-se hirtos, seus labios tremiam, seu corpo estremecia convulsivo, suas pernas fraqueavam e não podiam sustel-o. Pela primeira vez,o temor entrára em sua alma destemida. Temia, mas não sabia o que; havia ahi necessariamente alguma cousa sobrenatural.

Cururupeba acobardar-se! não eram os homens, não eram as feras, nem os perigos, que seriam capazes de fazer seu peito dar uma pulsação de mais.

Levantou a mão para o lado onde troava a algazarra da orgia, como pedindo silencio; mas ninguem percebeu o signal.

Escutou.

Segundo piado ainda mais lugubre, mais triste, mais prolongado, partiu do mesmo rochedo: similhava o funebre gemido de um moribundo nos ultimos paroxismos da agonia. E era ainda o piado do mocho, que nunca ouvira tão sentido e aterrador.

Significava sem duvida alguma agouro sinistro, horrivel, alguma desgraça succedida ou por succeder. O mocho era reputado ave agourenta, e seu piado, dadas certas circumstancias, predizia sempre infortunios.

Cururupeba sahiu repentinamente do estado de torpor, em que se se achava. Tomou a pesada *macana*, levou á bocca a *membyapara* (12), e um som agudo, estridente, repercutiu-se pelas serras longinquas: era o grito de guerra.

Immediatamente, como por encanto, cessaram as danças, as cantigas, os maracás, a algazarra, a orgia: só se ouviam o estalido da lenha, que ardia crepitante sobre a fogueira, e o monotono murmurio do Ipiacica.

Todos esses bacchantes, um momento antes tão animados no delirio da embriaguez, como si fossem instantaneamente

---

(12) Clarim de guerra.

petrificados, quedaram-se, conservando cada um o logar e postura, em que se achava, quando fôra sorprendido pelo signal da *membyapara* ; um parára em um delicado passo de dança, outro levando aos labios a malga do *kaawy*, outro suspendendo o arco nos ares, outro descarregando a *macana*. Eram grotescas essas figuras, representando o movimento immobilisado, a torrente suspensa.

Todos escutavam attentos. Nem mais as creanças brincavam.

No meio de profundo silencio, ouviu-se a voz forte de *Cururupeba* com um rouquido de desesperação.

— Guerreiros, marchemos para a *taba*. A ave agourenta annuncia desgraças.

Apenas acabára elle de proferir estas palavras, levantou-se um tumulto inexplicavel. A embriaguez, de que toda esta gente estava dominada, desvaneceu-se num momento, as pernas, que cambaleavam, fortaleceram-se, os corpos, que se estorciam, endireitaram-se, as cabeças, que desvairavam, pensaram, viram a situação.

Os homens de armas tomaram a *macana*, o arco e flechas, e, acompanhados dos velhos, mulheres e creanças, romperam, como uma torrente impetuosa, para o Ibytyra.

Cururupeba ia na frente, tendo a seu lado o valente *Iepippo*.

Chegando ao alto do monte, alguns vultos que avistaram como phantasmas ou maus genios dos bosques, escoaram-se atravez dos silvados e desappareceram : — segundo agouro sinistro, que mais os aterrára.

Apenas atravessaram os cumulos de pedras e palisadas, que serviam de trincheiras á *taba*, a lua que até então estivera occulta por uma espessa nuvem, appareceu repentinamente, illuminado com seus pallidos raios os destroços de uma arvore gigantesca decepada.

Era a *Acayaca*, que já não existia !

VI

A *Acayaca* já não existia, eram sem duvida os *peros* que a tinham cortado. O leitor terá comprehendido que outrem não podia ser : tambem terá previsto que nisso ia a muita arte do mameluco Thomaz Bueno. E de facto, era elle a alma de tudo.

Vimos como um dia o mameluco assegurava aos tejuquenses como certa a destruição e dispersão dos indios, e vimos como quelle guardára segredo, quanto aos meios que pretendia empregar.

Indagou, prescrutou cauteloso e soube do dia em que devia realizar-se a grande *tabyra* por occasião do casamento da bella *Cajuby*.

O indio é louco pela festa. Ficar na *taba* ocioso em quanto seus irmãos vão folgar no valle, cantando, dançando ao som da *maracá*, dia inteiro, noute inteira, bebendo o *kaauy* em craneos humanos : elle não comprehende que as forças humanas sejam capazes de tanto sacrificio. Nada poderá detel-o, nem a voz moribunda de um pae que exija a sua presença ou de uma mãe ou de amante, ou das filhas, ou mesmo uma ordem do chefe. Elle deixará tudo, desobedecerá, e voará ao festim. Si estiver guardando um prisioneiro, que tem de ser bucanado, o prisioneiro fugirá ; elle sabe que no dia seguinte será morto por ter deixado fugir um prisioneiro: mas não importa, mais vale folgar uma noite e morrer depois.

Thomaz Bueno conhecia essa paixão louca dos indios pelo festim, sabia que haviam de se transportar para o valle do Ipiacica, e que a *taba* ficaria deserta. Espreitou a hora, e quando viu que tinham partido, foi communical-o aos tejuquenses. Era a occasião opportuna. Escolheram-se doze homens dos mais reforçados, e, apercebidos de fortes machados, subiram-o Ibytyra.

Mais atraz contámos como *Cururupeba*, de vez em quando era despertado de seu profundo scismar por um ruido longinquo que ouvia ao lado do Ibytyra : — era quando, aos golpes dos machados, cahia algum ramo da *Acayaca*; contámos mais como elle ultimamente ouvira um estrondo mais forte e mais distincto : — era quando a arvore gigantesca, cortada pelo tronco, cahia por terra.

Como poderia elle ouvir á distancia de uma legua ? E' o que não sebemos explicar, mas o facto é verdadeiro.

A natureza é toda cheia de mysterios, ante os quaes esbarra a sciencia humana. Os olhos vêm, mas a razão não explica.

O anno passado (13) morreu no castello de S. Leão o celebre prestidigitador, conde de Cagliostro, cujo nome encheu a Europa pelas maravilhas que praticava. Estando em Paris, via e contava o que no mesmo instante se passava na Grecia, no Egypto, na Arabia, na Persia, em Roma, na Inglaterra, por toda a parte.

Como isso succedia, é o que ninguem saberá explicar e talvez nem elle mesmo.

Por não podermos explicar um phenomeno, não devemos negal-o: já o dissemos e tornamos a repetir, para que não se neguem outros factos maravilhosos que temos de apresentar no decurso desta narração.

---

(13) Já dissemos que o manuscripto que publicamos é datado de 1796. O leitor sabe que o conde de Cagliostro, ou José Balsamo, foi preso em Roma, em 1786, e condemnado á morte, como franco-maçon, pena que lhe foi commutada em prisão perpetua, morrendo no castello de S. Leão, em 1795.

VII

A *Acayaca* já não existia : o seu tronco ahi estava decepado, suas folhas alastravam o solo, suas ramagens cobriam uma vasta extensão.

Uma irrupção subita dos inimigos, a pilhagem, a devastação, o incendio da *taba*, não causaria maior terror e desesperação. Toda essa gente, antes tão alegre, tão contente, tão exaltada com os vapores da orgia, ficára repentinamente como anniquilada ante o espectaculo, que tinha diante dos olhos.

Ao silencio produzido pela consternação, que a principio como paralysára todas as linguas, succedeu um murmurio surdo, que foi se augmentando gradualmente, similhando o sussurro, ao longe, dos ventos precursores da tempestade.

Depois succederam gritos e lamentações dolorosas, como si cada um dos selvagens houvesse perdido um pae ou irmão, ou um filho, ou um *atourassap* (14).

Reinavam o tumulto, a desordem, a confusão, quando *Jupiaçara*, um dos mais destimidos combatentes da tribu, bradou com voz forte, sobrepujando a algazarra.

— Guerreiros, deixae as lagrimas para as mulheres e para as velhas que não pódem curvar o arco, e empunhar a *macana*. Que vejo ? Será crivel que valentes companheiros, tão ousados nos combates, cujos semblantes nunca se abateram ante o inimigo, cujos corações nunca fraquearam nas desgraças, ponham-se hoje a lastimar como creanças choramigas ? Tão depressa vos esquecestes das victorias passadas, dos inimigos derrotados ? Desesperaes como uns covardes. Um *membeca tamaquaré* (15) será bastante para nos pôr hoje em debandada. A *Acayaca* já não existe : que importa ? Que era a *Acayaca* ? Uma arvore como tantas outras. Que são os *pagés* ? Embusteiros que nos tem embahido, ligando a nossa fortuna, a nossa gloria á existencia de um vegetal, como si nos fallecessem força, valor e ousadia para nos fazermos respeitados, e nosso nome ser o terror das tribus visinhas. Que é a *Acayaca* ? O madeiro de que fazemos a *macana*. Que é a *macana* ? O instrumento de nossos braços valorosos. Temos braços e armas, que mais quereis ? Guerreiros, o *pero* entrou na *taba* indiana, profanou a sagrada

---

(14) *Atourassap* quer dizer o melhor amigo, o companheiro infallivel.

(15) Um tenro lagarto.

ibicoara, onde repousam as cinzas dos bravos. Vamos, vamos vingar os manes dos *mambyxabas*. Entremos na *taba* dos *peros* e que nem um só delles veja amanhan raiar o sol no cume do *Tayaçú* (16). O inimigo não me aterra, a guerra é minha vida. Que os covardes temam a *moçaoa* (17) que vomita *tupam* (18); mas não eu, mas não vós! Sangue, sempre o sangue dos *peros*! Minhas fauces são sedentas, são como as da pantera, sempre insaciáveis; minhas mãos são como suas garras que não cançam de matar. Quero beber sangue no craneo do ultimo inimigo. Guerreiros, seja hoje a derradeira noite dos *peros*. Retomemos as nossas terras que elles usurparam, o patrimonio que nos legaram nossos paes. Tomae o arco e a *macana*, e segui-me. A's armas, guerreiros, ás armas!

E tomando a *membyapaba*, soltou o grito de guerra.

Logo seu espirito guerreiro communicou-se a toda a tribu, antes transida de terror. Um grito geral repercutiu suas ultimas palavras :

— A's armas, ás armas!

O monte pareceu estremecer, as aves nocturnas esvoaçaram espavoridas, as feras bramiram em seus covis.

Levantou-se um tumulto extraordinario. Os guerreiros já corriam ás armas, quando viram sobre o tronco decepado da *Acayaca* o vulto feroz de *Cururupeba*, brandindo a *macana* e agitando um facho de tiririca incendido, em signal de que queria falar.

Restabeleceu-se o silencio, e *Cururupeba*, cuja voz similhava o ruido do trovão, bradou:

— Quem aqui se atreve a gritar ás armas sem minha ordem? quem é aqui que commanda? quem é o chefe?

Ninguem respondeu, e *Cururupeba* cujos olhos chammejavam como os do tigre nas trevas do covil, bradou com mais força :

— Guerreiros, deponde as armas até que eu dê o signal da guerra, sou eu que o ordeno, eu o unico chefe da tribu.

Mas ninguem se moveu. Já era o principio de uma revolta.

— Guerreiros, continuou *Cururupeba*, deponde as armas. E' *Cururupeba* quem o ordena, e *Cururupeba* nunca repetiu uma ordem.

O mesmo silencio, a mesma immobilidade.

Então *Jupyaçara* avançou para a frente e com ar de ameaça exclamou :

— *Cururupeba*, digo-te que nem eu, nem os bravos que me rodeam, deporemos as armas. Vamos marchar contra os *peros*, é soada a sua ultima hara. Si queres pôr-te á nossa frente, seguir-te-hemos, como nosso chefe, porque és o mais valente; si recusas, iremos sós, não precisamos de ti.

---

(16) Serra de S. Francisco.
(17) Espingarda.
(18) Raio.

Com estas palavras, os olhos de *Cururupeba* scintillaram, e com voz tremula de raiva, dirigindo-se aos revoltosos, bradou :

— *Jupyaçara*, e vós outros que o seguis, ouvi o que vos diz e cumprirá *Cururupeba* : ninguem partirá sem minha ordem, e quem já não depuzer as armas conhecerá quanto custa desobedecer á ordem de um chefe.

Um murmurio já de terror, já de indignação, acolheu esta ameaça. *Jupyaçara* tornara-se mais atrevido, e, dando alguns passos para a frente, replicou :

— E' costume entre os guerreiros, quando um chefe se acobarda ante o inimigo ser deposto, condemnado á morte e logo executado. *Cururupeba* foge ao combate, acobarda-se ante miseros *peros*, e, portanto, não é mais nosso chefe. Partiremos sem elle. Mas antes de partirmos soffrerá a pena do sua covardia.

E, curvando o arco, arremessou uma flecha, que sibillou e partiu certeira ao peito de *Cururupeba*. Este, porém, com um movimento rapido, torceu o corpo e a flecha desviada atravessou-lhe o braço esquerdo.

Cururupeba arrancou-a sem proferir uma palavra, sem dar a menor demonstração de dôr, e, pelo contrario, seu semblante, onde antes se liam a colera e a ferocidade, tornou-se sereno e tranquillo. Depois, avançando para *Jupyaçara*, com voz calma e compassada, disse :

— *Jupyaçara*, seja *Tupá* testemunha como não te castigo pelo que me fizeste, mas por teres arrastado os guerreiros á desobediencia. Agora morrerás para servires de exemplo.

E, proferindo estas palavras, descarregou tão forte *macanada* sobre a cabeça do indio, que este cahiu morto sem soltar um gemido.

— Qual outro ha ahi, continuou, que se atreva a vir vingar a morte de *Jupyaçara*? Si ha, que appareça.

— Eu, bradou um guerreiro, saltando na frente, com a *macana* empunhada ; eu, *Cunhambebe*, *atourassap* de *Japyaçara*, serei seu vingador. *Cururupeba*, tu já foste bravo, já foste valente, mas hoje estás timido como um velho. *Jupyaçara* já proferiu a tua sentença de morte por um covarde e trahidor á *taba*, agora ainda te tornaste criminoso por teres derramado o seu sangue. O sangue pede sangue. *Jupyaçara* pede ser vingado, e tu morrerás : sou eu que t'o digo, eu, *Cunhambebe*, seu *atourassap*.

Jupyaçara era um guerreiro estimado da tribu. Seu cadaver jazia por terra, sanguinolento, o sangue sahia-lhe pela bocca em borbulhões, o que os indios supersticiosamente interpretam como um reclamo de vingança.

Logo, ao redor de *Cururupeba*, formou-se um grupo numeroso brandindo a *macana* em ar de ameaça, bramindo e vociferando contra *Cururupeba*; ao redor deste formou-se um outro grupo. Toda a tribu dividiu-se em dous partidos hostis.

— Morra *Cururupeba*, o trahidor! vinguemos *Jupyaçara*! bradaram os partidistas de *Cunhambebe*.

Cururupeba não sabia o que era temor; com a mesma coragem com que arrostava o inimigo no campo da batalha, fazia face á revolta.

Não querendo sacrificar os amigos, que o rodeavam, e como ultima tentativa de pacificação, avançou para a frente dos revoltosos e bradou:

— Guerreiros, quereis o meu sangue? Eil-o, derramae-o, saciae vossa sêde fraticida; mas poupae-vos uns aos outros. Poderia resistir-vos sem os bravos que me cercam: nem tantos precisava; já vos é conhecida a força do meu braço. Nos combates só me vêm as costas os fracos, que me não pódem seguir. Não vos temo, mas temo por vós, pela sorte da tribu. Vêde alli em baixo na encosta do Ibytyra: dalli nos observa o *pero*. Dilacerae-vos em dissensões intestinas, e elle subirá a dispersar o resto da *taba*. Puni um criminoso, e vos revoltastes contra o castigo: é a primeira vez que assim procedeis. Não o comprehendo, mas presinto soada a derradeira hora da *taba*; para que luctar contra a fatalidade? Deponho o commando. Confiae-o ao mais valente dentre vós; que esse sustente a vossa gloria; irei combater a vosso lado, e debaixo de suas ordens. E si ainda não estaes zatisfeitos, eis-me. Derramae o meu sangue, sacrifico-me pela paz. Sentireis a minha falta, mas, juntos, ainda sereis sempre invenciveis, e, desunidos, espera-vos uma triste sorte: a escravidão.

Calou-se, e cruzou os braços sobre o largo peito. Seu porte era sublime de heroicidade e dedicação

Os indios recuaram respeitosos. Os mais exaltados ficaram tranzidos de terror. A paz ia restabelecer-se: a tempestade ia acalmar-se.

Nesse momento, porém, um jorro borbulhante de sangue cobria a face de *Jupyaçara*. Seu cadaver estremeceu, como si fizesse um reclamo aos vivos, e seus labios pareceram balbuciar palavras mysteriosas.

A superstição reagiu.

Esse espectaculo, que parecia ter uma significação sombria, despertou nos animos dos selvagens os instinctos sanguinarios.

Cunhambebe, brandindo a *macána*, em signal de desafio, exclamou:

— Vingança, guerreiros! *Jupyaçara* clama vingança.

A este grito, uma nuvem de settas, disparadas contra *Cururupeba* partiu do lado dos revoltosos. Viu-se o seu vulto colossal ainda conservar-se em pé por alguns momentos, depois cahir como alteroso jequitibá decepado pelo tronco. Como *Jupyaçara*, morrêra sem dar um gemido. Era assim a morte dos guerreiros.

VIII

Uma revolta, seguida da morte do chefe, era um crime tão monstruoso, que se julgava impossivel fosse perpetrado. Nunca tinha havido um exemplo e, por conseguinte, nos costumes dos selvagens, que não possuiam leis preventivas, não se encontrava uma pena proporcionada. Entre elles o principio da penalidade, consagrada nos costumes, fundava-se na vingança. Era o que dictava a paixão do momento.

A morte de *Cururupeba* exigia, pois, vingança : seus partidistas se armaram. Os revoltosos o presentiram e, de seu lado, se prepararam para a resistencia.

A *Acayaca* já não existia. O laço de fraternidade que os unira por tanto tempo estava rompido. Moralise-se como se quizer a predicção ; o certo é que ella se realisava. Appelle-se muito embora para a força de superstição, ou para o quer que seja de sobrenatural.

Os dous partidos se discriminaram. Formaram-se duas fileiras em ordem de batatha. Soaram as *membyaparas*, o grito de guerra atroou os ares, o Ibytyra estremeceu.

Começou o combate. As flechas disparadas quasi ao acaso cruzavam-se nos ares, e só podiam attingir um ou outro combatente, porque a lua principiava a eclipsar-se, e as trevas a dominar.

Matava-se pouco : isso não saciava a sêde de sangue. Queria-se a carnagem. O fraco gemido do raro moribundo, que cahia traspassado, não satisfazia.

As duas filas se approximaram e se chocaram : foi um embate terrivel, como de duas vagas impellidas por ventos contrarios.

Bateram-se à *macana*. O combate tornou-se mais encarniçado. As fileiras rompiam-se. Os corpos juncavam a terra, que se alagava de sangue. Como não havia chefe que systematisasse a matança, e cada um matava por sua conta, o guerreiro mais forte perfurava a fileira inimiga, deixando após si um rastro de cadaveres.

Depois, os braços cançaram de manobrar a *macana*. Deixaram as armas, e atracaram-se ; cada um arcou-se com o inimigo,que viu de frente.

Deu-se então uma lucta horrorosa, que não é possivel descrever.

Já não era mais um combate, era uma briga de tigres enraivecidos ; não se queria vencer, queria-se matar ; não se luctava pela victoria, mas pela carnificina.

Travavam-se braço a braço, corpo a corpo. Dilaceravam-se com os dentes, com as unhas ; rolavam atracados pelo chão ; precipitavam-se nos fossos ; rasgavam-se as carnes nas pontas dos rochedos, nos gorgulhos cortantes ; atracavam-se pelas gargantas, até se estrangularem : um não se levantava sem deixar por terra o cadaver do contrario, quando ambos não morriam.

Todas as cabeças pareciam inebriadas com os vapores do sangue. Não eram mais gritos que se ouviam, mas como rugidos de feras. Reinavam a desordem e confusão. Velhos, mulheres e crianças eram envolvidos na carnificina. Não se sabia quem era amigo ou inimigo.

Dous combatentes travavam-se a braços, luctavam, arrancavam-se pedaços de carne viva, até um ficar morto por terra : o que sobrevivia levantava-se e arcava com o primeiro que encontrava, quem quer que fosse, um amigo ou inimigo, um irmão, um pai, um filho, um *atourassap*: e renovava-se a lucta !

Cada um combatia, matava, como si fosse unico, e todos os mais inimigos.

Tendes presenciado scenas da furia sanguinaria do hydrophobo ? Assim era a raiva dos selvagens. E pelo que ? Nem elles o sabiam. Havia ahi o quer que seja de fatal e fóra da ordem das cousas humanas.

Durante o combate a lua se havia eclipsado completamente, phenomeno natural, mas que, em outras circumstancias, inspirava aos indigenas um terror panico, porque suppunham que *anhangá* nessa occasião devorava *jacy* ; entretanto, elles não tinham visto o eclipse. Uma nuvem negra obscurecia o ceu ; nenhuma estrella scintillava no firmamento, crebros relampagos rompiam os ares, o estampido dos trovões abalava a montanha ; e elles continuavam o combate nas trevas : nada ouviam, nada percebiam.

Quando, porém, a carnificina estava em seu auge ; quando as imprecações, as blasphemias dos moribundos, os gritos dos combatentes, gritos de raiva e de desespero, se envolviam com o rugido da tempestade, que se approximava, fez-se sentir o canto melancolico de uma *maracá*. Era um canto tão terno, tão enfraquecido, e foi ouvido por elles que não ouviam o estampido dos trovões !

A terra estava ensopada de sangue e alastrada de cadaveres.

Ao canto da *maracá* cessou a lucta repentinamente.

Os poucos combatentes, que sobreviviam, levantaram-se da lama sanguinolenta : dir-se-iam espectros que surgiam do tumulo.

Olharam e viram em pé, junto ao tronco de uma mangabeira, um velho, tendo na mão a sagrada *tatarendy* (19), que lhe illuminava o rosto venerando.

Era o *pagé Pyrakassú*.

---

(19) Facho feito de uma graminea, denominada tiririca, que nasce nas lezirias dos rios, untado com resinas para mais

IX

Seis leguas ao sul do Tejuco, ha um sitio fragoso, coberto de rochedos alcantilados, entre os quaes, mais se eleva um de fórma quasi oval, que os indigenas chamavam *Itapuan*, e nós, traduzindo a palavra, chamamos Pedra-redonda. O sitio ficou tambem chamando-se Itapuan.

Duas serras ahi correndo para leste, quasi parallelas, apertam um lindo valle coberto de vegetação rasteira, mas sempre virente e luxuriosa. Onde ellas se fecham ao occidente em fórma semi-circular, por baixo de uma extensa rocha lageada, encoberta em bastas e emmaranhadas selvas, rebenta com impeto, borbolhando, um olho d'agua, que, apanhando as humidades, que marejam das terras alagadas, ou se infiltram pelo granizo da rocha, se converte em arroio modesto, correndo placido, occulto debaixo de arbustos alapardados. Mais adiante, serpeando pelo valle, recebe as vertentes lateraes e se converte em corrego. Ultimamente outros corregos o engrossam, torna-se um rio caudaloso e toma o nome de Jequitinhonha, — o rio mais rico do mundo pelos seus diamantes.

Ao pé da nascente do Jequitinhonha, onde a serra do lado direito quebra-se quasi perpendicular, ha uma gruta natural, encravada na rocha, espaçosa, abobadada, profunda, na qual se entra por um caminho estreito atravez de rochedos quebrados, de fórmas angulosas, irregulares, que parecem desprendidos e rolados do alto da serra, por uma causa desconhecida, com o tempo : porque o — tempo — é o causador de todas as alterações geologicas do globo, quando não sabemos explical-as por uma causa immediata.

Nessa gruta vivia o *pagé Pyrakassú*, que, no capitulo precedente, vimos apparecer inopinadamente no meio dos combatentes, e pôr fim á lucta com sua presença.

Appellidavam-no *mancyçaba*, que quer dizer penitente, em razão da vida solitaria que passava.

O interior da gruta nada offerecia de singular. Era uma gruta natural como tantas outras, que perfuram nossas serras: sómente poderia attrahir a attenção o achar-se ella toda alastrada de folhetas de ouro em grande espessura, que cobria o solo. Não se lhe procure uma causa sobrenatural; todo esse

---

facilmente accender. Era, provavelmente, com que os *pagés* queimavam a *pytyma* para fumegar a *maracá* ; e por isso se reputava sagrado.

ouro não era nativo e ahi se achava por uma razão muito simples.

Quando as indigenas iam consultar o *pagé*, levavam suas filhas para elle lhes pôr a bençam. O *pagé* as abençoava, promettendo-lhes mil prosperidades. As meninas, então, sahiam, deixando as velhas em consulta, e iam brincar nos *ebyenitybas* (20) do Jequitinhonha. Ahi ellas catavam as melhores e mais bonitas folhetas de ouro, e, á tarde, quando o sol cahia, voltavam para a gruta e as esparziam no chão. O *pagé* sorria-se.

Pyrakassú era o mais velho e respeitavel dos *pagés* da tribu. Em communicação directa com os espiritos sobrenaturaes, orgam e representante de *Tupá* sobre a terra, segundo acreditavam os indios, seus oraculos se reputavam infalliveis. Ninguem contravinha suas determinações, ninguem contestava suas predicções. Si nascia um menino, era preciso consultal-o sobre seu futuro; si se contractava um casamento, si se planejava alguma empreza, emfim sobre todos os actos mais importantes da vida, pedia-se o seu parecer. A tudo elle dava uma resposta, um conselho sensato.

Das entranhas palpitantes das aves, de seu vôo rapido, vagaroso, ou natural, de seus piados tristes ou alegres, altos ou fracos, do rugido das feras, das conjuncções das estrellas, da direcção dos ventos, do estado da atmosphera, emfim, de qualquer incidente ou phenomeno da natureza, elle sabia tirar um agouro bom ou mau, conforme as circumstancias.

Era, ao mesmo tempo, o *poçanangara* (21) do logar. Conhecia todas as hervas, todas as raizes, todas as fructas do campo. Curava todas as enfermidades com medicamentos por elle descobertos ou cujo conhecimento lhe fôra transmittido por seus antepassados.

Seu nome era egualmente conhecido e respeitado pelas tribus visinhas, donde vinham consultal-o, já sobre enfermidades, já sobre qualquer caso importante, que exigia um conselho prudente e sensato.

No tempo em que correm os acontecimentos que estamos narrando, *Pyrakassú* já era bastante edoso; sua edade precisa não poderemos dizer; só sabemos que elle contava ter visto a *Acayaca* florescer cento e cincoenta e duas vezes.

Já estava bem decrepito, mas só quanto ao physico; sua alma ainda conservava intactas, e talvez ainda mais lucidas, todas as faculdades intellectuaes. Parece que a materia cahia para depurar-lhe o espirito.

Ultimamente, já nem mais podia sahir da gruta. Estava cego e paralytico. Quando precisava mover-se era tacteando as rochas. Mas ninguem ahi entrava, que elle não conhecesse: nada ahi se movia que elle não percebesse — com os olhos e sentidos do espirito.

No dia, porém, em que succederam os acontecimentos

---

(20) Areões.
(21) Medico.

que narrámos no capitulo antecedeute, operou-se em *Pyrakassú* uma mudança inexplicavel : — cessaram completamente sua cegueira e paralysia.

Vendo distinctamente todos os objectos que o rodeavam, e senhor dos seus movimentos, sahiu da gruta e foi assentar-se na relva virente do valle que margêa o Jequitinhonha.

Via e movia-se, parecia remoçado : isso tinha alguma significação, que elle procurava conhecer, e que sobremaneira o aterrava.

Durante todo o dia, esteve tirando agouros, do vôo das aves, de seu canto, da viração, do cicio das arvores, do murmurio brando do rio correndo a seus pés, de tudo o que observava na natureza. E elle se tornou pensativo, melancolico ; era a primeira vez que os agouros se rebellavam contra sua pericia.

A noite é melhor conselheira, pensou ; esperemos o mocho, a lua, as estrellas ; nas trevas se lê melhor.

Cahiu a tarde, o sol desappareceu atraz do Itapuan, os passaros cessaram de cantar, reinou o silencio, succederam as trevas. O velho observava attento.

Depois, a lua mostrou seu disco no occidente. Estava côr de sangue, com manchas negras, mais negras que o costume. As estrellas scintillavam, mas fracamente ; seu brilho era côr de fogo. As nuvens percorriam o ceu, rapidas como phntasmas espavoridos.

Pyrakassú leu no firmamento uma grande desgraça, que estava para acontecer ; mas qual era essa desgraça, é o que não podia decifrar. Seu espirito se perturbava, suas idéas se confundiam.

Ficou absorto, immovel, estatico na contemplação dos astros ; elle que tudo conhecia, tudo previa com a mais ligeira observação, agora nada soletrava na natureza, sinão vaga e confusamente. Algumas vezes seu espirito parecia delirar, e uma horripilação similhante á do febricitante agitava-lhe o corpo.

Que significavá isso ? era um outro enigma.

A' proporção que a lua subia no horizonte, mais se complicavam e se obscureciam os agouros, mais profunda se tornava sua tristeza : e elle não podia conhecer o motivo.

Assim se achava pensativo, prostrado, abatido, em um estado penivel, com o espirito emmaranhado em um mysterio impenetravel, quando um luminoso meteoro, sahido do oriente, atravessou o espaço e desappareceu no alto do Ibytyra.

Um raio de luz esclareceu-lhe as trevas do espirito : tudo fóra decifrado em um momento. E com o accento do desespero :

—Já é tarde !..., exclamou : lá cahiu a *Acayaca* aos golpes dos *peros*... Profanação das profanações ! *Tupã*, *Tupã*, porque cegaste os guerreiros ? Porque nos entregaste ao inimigo? Porque arruinaste a tribu? *Tupã*, porque se emmudeceram os agouros quando eu os consultava ? Porque não

palpitaram as entranhas das victimas, não enrubesceram as estrellas, não falou a *maracá*? Para que restituiste a vista aos olhos, já fechados á luz, a força ao corpo já enfraquecido pela edade, quando eu não podia vir a tempo e correr a salvar a *taba*?

E calou-se. Duas lagrimas deslisaram-lhe pelas faces rugosas; a fronte pendeu-lhe sobre o peito. Quanto tempo assim esteve, abatido, concentrado no intimo da alma, entregue a pensamentos aterradores, não saberemos dizel-o.

Repentinamente, as nuvens se abriram, um raio cahiu a seus pés, as serras abalaram-se, repercutindo o trovão, e logo um mocho, adejando por alguns instantes sobre sua cabeça, descreveu uma ellipse em rapido vôo, e tomou a direcção do Ibytyra, com um piado lugubre.

O velho despertou-se. Comprehendeu a voz da natureza. Seus olhos scintillaram de colera, seus dentes rangeram, um som rouco partiu-lhe da garganta, como o rugido do tigre.

— Sim, já é tarde para salval-a, mas não para a vingança.

E, tomando a *maracá* e a *tatareudy*, seguiu caminho do Ibytyra. Voltaram-lhe as forças da mocidade. Em uma hora, talvez, em menos, transpoz seis leguas; e chegou á *taba*, no momento em que os indios se dilaceravam, como já contámos.

Então embocou a *maracá*, e seu canto fraco e melancolico fez cessar o combate.

X

Restabelecido o silencio, *Pyrakassú* depoz a *maracá*. Volveu os olhos ao ceu, tudo eram trevas : a lua eclypsada, as estrellas encobertas com uma nuvem negra, espessa, que, de vez em quando, se incendiava aos relampagos. Na terra, era o silencio apenas interrompido pelos gemidos de algum moribundo estrebuchando no chão, ou pelo piado triste das aves nocturnas, que, aterradas, procuravam as brenhas para se abrigarem da tempestade.

Os guerreiros que o cercavam, cobertos de sangue, estropeados, com as carnes dilaceradas, podendo apenas suster-se, illuminados pelo clarão fraco, vacillante e esverdeado de resinosa *tatarendy*, não similhavam homens, mas espectros surgidos dos tumulos. Sorprehendidos com a vista do *pagé*, que havia tantos annos não sahia da gruta e agora se apresentava no meio delles, como um juiz que vinha punir-lhes os desvarios, não podiam pronunciar uma palavra. Esperavam como o delinquente transido de remorsos espera a sentença que tem de condemnal-o.

— Guerreiros, exclamou o *pagé* repassado de profunda magua, com a inflexão de desespero, guerreiros, que é de vossos irmãos ? Ereis tantos milhares, e só vejo espectros sanguinolentos, que me rodeam!... Eu, o *mancycaba* do Itapuan, o velho da solidão, cujos olhos estavam fechados á luz, e já ás bordas da sepultura, fui arrancado das brenhas para assistir ao exterminio da tribu ? Era a vontade de *Tupá*; eis-me junto de vós. Guerreiros, que é dos vossos irmãos ? *Cururupeba*, que é dos guerreiros que te nomearam chefe para defendel-os ? *Iepipo Cunhambebe*, *Jupyaçara*, *Guirarepoty*, *Tupynachaoa*, *Taiaçú*..., onde estaes. que me não ouvis ?

Ninguem respondeu; houve um profundo silencio. O *pagé* continuou :

— Sim, já me não ouvis, já não podeis acudir ao meu chamado. Vós, bravos guerreiros, e tantos outros, que levastes as armas victoriosas além do *Hyoituruy*, que contaveis os triumphos pelos combates, que engrandecestes e fizestes respeitado o nome da tribu, que ereis o terror do inimigo sempre fugitivo em vossa presença, que na peleja ereis insaciaveis de sangue, como o jaguar, vós já me não ouvis ; ahi jazem no pó vossos cadaveres mutilados pelo braço fratricida. Já muito tinheis feito pela gloria da *taba* ; fostes bem

felizes em morrer porque não presenciastes a sua destruição.

Dormi, guerreiros, dormi o somno dos bravos, para surgirdes algures.

Desgraçados de vós que sobrevivestes !... Que horror! Vejo-vos manchados de sangue, do sangue de vossos irmãos, de vossos paes, de vossos filhos, de vossos *atourassaps*! Vejo cadaveres de velhos, de mulheres, de envolta com cadaveres de guerreiros. Tinheis sêde de sangue, matastes como os tigres, por amor á carnificina; vosso espirito desvairou, matastes como covardes, sem respeito ao sexo, á força e idade. Fratricidas, parricidas, filicidas... retirae-vos, desapparecei de ante meus olhos, sois amaldiçoados...

Houve um movimento e um sussurro: era signal de ameaça ou de remorso? Não sabemos. O *pagé* continuou com voz mais branda:

— Mas não, não sois culpados; sois desgraçados, sois dignos de lastima. .Não vos crimino. Não estava em vossas mãos fazer falhar os vaticinios. Devieis acabar derramando sangue amigo. como outr'ora derramastes o inimigo. Assim estava predito, assim estava marcado na historia de vossa vida pelo dedo de *Tupã*. O destino não se torce; é como a torrente impetuosa que ha de seguir fatalmente o seu curso, é como o sol que, á tarde, cahirá infallivelmente no occaso. Não vos crimino, fostes o braço do destino, servistes de instrumento para se realizarem as prophecias. Impellidos por uma força occulta, fostes as victimas de todos os horrores, que acabastes de praticar. Cegos, desvairados, marchaveis para os abysmos, que os olhos não podiam ver. Eu vos lastimo: sois desgraçados, e não culpados.

A *Acayaca* era o symbolo sagrado de vossa união, de vossa fraternidade, de vossa existencia, de vossas glorias, de vossos triumphos, de vossa força; a *Acayaca* já não existe, e logo appareceu entre vós a scisão, a discordia, a revolta, e vos devorastes uns aos outros em lucta fratricida.

Que sois agora, vós que *yroiçãng* sublevaria como a tenue poeira da terra?

Porque sobrevivestes a vossos irmãos? Porque não vos trucidastes até ao ultimo? Desgraçados! O vaticinio é terrivel, mas verdadeiro. A mão de *Tupà* carregou pesada sobre vossas cabeças: condemnou-vos ao exterminio. As gerações passam e são substituidas por outras; são como as vagas do Paraná. Vossa missão é finda sobre a terra. Soou a hora derradeira. Vosso nome, vossa gloria passada, vossas conquistas, serão esquecidas. Os *peros* tomarão vossas terras, vossas matas virgens, vossos campos onde mataveis a caça; edificarão no local da *taba*; profanarão a *ibicoara* dos bravos. Fugireis para os bosques, occultar-vos-eis nas brenhas; e ahi sereis caçados a tiro, apanhados a laço, como fazieis com as feras. Violentarão vossas mulheres, prostituirão vossas filhas; e quando escapardes á *moçaba*, sereis

reduzidos à escravidão! Escravidão!... Esta palavra não vos horrorisa? Podeis ouvil-a sem vos arripiarem as carnes? Escravo, um filho das selvas!...

Maldição sobre os *peros*!...

O velho calou-se e levou a mão á fronte, como acabrunhado pelo desespero.

Lufadas rijas de vento, precursor da tempestade, que ha muito ameaçava, vergavam os ramos das arvores, com um sibillo sinistro.

Os indios não se moviam, não davam um signal, não proferiam uma palavra; dir-se-iam petrificados pelo terror.

Pyrakassú continuava immovel e como insensivel ao que o rodeiava. Depois, como si despertasse de um sonho afflictivo, levantou a cabeça.

— Basta, exclamou, basta de lamentar; a alma dos bravos não fraqueia nas desgraças. E' chegada a hora: o furacão ruge, e *anhangà* desencadeia os elementos; a tempestade se approxima, as nuvens rasgam-se, os relampagos aclaram os abysmos: é tempo. Guerreiros, consultemos os espiritos. Ouvi a sentença que elles vão proferir pela voz dos agouros.

E nas chammas da *tatarendy* accendeu um mólho de *pytyma*; um fumo negro subiu aos ares, redemoinhando em espiras. Aspirou seus vapores inebriantes, como costumava praticar quando tinha de proferir algum horrivel vaticinio: fumigou a *maracá*, emquanto seus labios murmuram horrendos esconjuros, e emboccou-a.

Os indios olhavam aterrados, como repro bos no juizo final olharão o anjo vingador; e nada comprehendiam.

A *maracá* desferiu um canto funebre aterrador, como evocação mysteriosa, dirigida ao espirito das trevas. Esse canto tinha alguma significação sinistra, porque o rosto do *payé* expandiu-se com um sorriso de alegria infernal. Seus olhos scintillaram com um brilho extranho: dir-se-ia o phosphorear dos olhos da panthera no meio das trevas. Suas faces se animaram, os dentes lhe rangeram, como se saboreasse de antemão uma vingança horrivel.

Dominado pela embriaguez nascida dos vapores da *pytyma* que aspirara, seus labios orlaram-se de uma espuma negra. Estoreia os braços, as pernas, o pescoço, revolvendo os olhos tremulos, agitando todo o corpo com as convulsões do epileptico.

Uma pythoniza da antiguidade, possessa do espirito maligno, estrebuchando na tripode, não era mais horrenda!

Repentinamente, cessaram as convulsões.O *payé* endireitou-se e extendendo o braço sobre o Tejuco exclamou com ar prophetico.

— *Tupà* nos abandonou *Tupà* entregou-nos ao inimigo, despedaçando nossa raça. Ahi vem a torrente impetuosa, que tem de arrazar nossos campos: ahi vem o furacão do oriente qne tem de varrer-nos da *taba* e despersar-nos no deserto, como folhas seccas mirradas ao sol. Ride-vos, ó *peros*! lá embaixo do Ibytyra, atravez do negrume da tem-

pestade, vejo-vos resfolegando com o nosso exterminio. Ride-vos, emquanto é tempo, emquanto tambem não chega a hora da desgraça. *Anhangà* foi evocado, e a voz da *maracá* surgiu das entranhas da terra para vingar a raça proscripta. Sua vingança é terrivel, desapiedada, como só elle sabe vingar. Quereis riquezas, achareis muitas debaixo da terra que calcamos debaixo dos pés; mas o ouro ha de escaldar-vos as mãos, a cobiça ha de devorar-vos as entranhas. Tomastes nossas terras, expulsastes-nos da *taba*; mas vossos filhos serão tambem expatriados, e vel-os-heis arrastados em correntes para irem perecer em um paiz, onde o sol cresta e ennegrece a pelle. Hoje, nossos perseguidores, amanhan sereis perseguidos por outros, que virão disputar-vos as riquezas que descobrirdes. Fugireis para os bosques, esconder-vos-heis nas brenhas, nos abysmos, nos precipicios, no meio dos animaes bravios, e ahi mesmo sereis caçados á *moçaba*, como nos caçastes a nós. Profanastes nossas *ibicoaras*, onde repousavam as cinzas dos bravos; e vossos corpos jazerão insepultos sobre a terra para serem pastos de corvos, ou serão lançados no Jequitinhonha e arrojados ao mar; vossos ossos branquearão os rochedos, e ninguem se animará a buscal-os para o jazigo sagrado.

Maldição sobre vós e vossos filhos! A vingança de *anhangà* será terrivel!...

Vamos, guerreiros! que das cinzas da *Acayaca* surjam as desgraças dos *peros*. Segui-me: eu sou o instrumento de *anhangà*, eu sou *anhangà*, sou mais cruel do que elle, mais feroz, mais inexoneravel, mais sem piedade!... E' chegada a hora da vingança! Maldição sobre os *peros*!...

E tomando a sagrada *tatarendy* cuja luz esverdeada lhe dava o aspecto de uma furia, seguiu com passo firme, acompanhado dos indios cambaleantes. Chegando ao pé da *Acayaca*, abaixou a tocha sobre as verdes e humidas ramagens. A chamma transmittiu-se, as folhas crepitaram, e em breve a *Acayaca* incendiava-se, levantando immensas labaredas! A terra, ensopada de sangue, reflectia, rubros, os raios das chammas; o ceu cobriu-se de espesso e negro fumo; as arvores illuminadas pelos clarões vacillantes, similhavam phantasmas gigantescos, ameaçadores.

Ante este espectaculo, o rosto do *pagé* tomou uma expressão terrivel. Seus labios descerraram-se com um sorriso de alegria satanica. Linguas de fogo vinham lamber-lhe o corpo nú, e elle contemplava extatico, insensivel, como o genio do mal, tendo sempre nos labios esse sorriso de demonio...

O incendio tinha chegado ao ultimo grau de intensidade. Toda a *Acayaca* ardia. Uma immensa pyramide de fogo subia até ás nuvens.

Então o *pagé* lançou um ultimo olhar provocador para o lado do Tejuco: seus labios murmuraram esconjuros mysteriosos que ninguem ouviu e nem comprehendeu. Depois avançou e, no meio das chammas, foi subindo lentamente

pelos galhos abrazados; similhava a figura de um condemnado. Chegado ao ponto mais alto, desappareceu envolvido por um turbilhão de chammas.

Uma immensa rosca de fumo negro subiu aos ares, de envolta com scentelhas e cinzas ardentes, como quando desaba um edificio incendiado.

Ao mesmo tempo que isto succedia, uma nuvem espessa, que pairava por cima da *taba* em fórma de docel, vinha descendo, descendo lentamente. Uma de suas extremidades extendeu-se e baixou até tocar na terra; immediatamente um vento forte do occidente fêl-a revolver-se sobre si, formando uma tromba; a tromba envolveu-se ao redor do incendio em rapido vortice com uma violencia impossivel de descrever-se. O vento tornou-se em furacão, as arvores eram desarraigadas, seus galhos retorcidos, quebrados e lançados ao longe.

Não era isso um phenomeno natural, um meteóro; era uma machinação satanica.

Depois, ouviu-se um medonho estampido, como si no logar rebentasse repentinamente algum vulcão: — e incendio, tromba, furacão, tudo desappareceu em um instante.

Succederam as trevas espessas, palpaveis, similhante ás da praga do que falam as escripturas. Começou a tempestade que parecia só esperar este desfecho para romper.

Foi umu tempestade, como ainda nunca se tinha visto, e nem depois se viu, diz a tradição. Não foi só a tempestade, foi uma noite de horrores, em que parecia ter-se de acabar o mundo: nem lingua nem penna humana poderá descrevel-a.

Lufadas impetuosas de vento destruiam os colmados, arrancavam ou quebravam as arvores, abalavam as serras, faziam rolar os rochedos. Os raios cruzavam-se nos ares tão frequentes que formavam como uma abobada de fogo illuminando o negrume do ceu. A terra estremecia, fendia-se, abria abysmos sorvedores, onde se submergiam rochas, arvores, casas, animaes, tudo o que havia á superficie; depois, fecharam-se e abriram-se em outro logar. Chovia, que já não era chover; era uma torrente que descia das nuvens, ou, na expressão biblica, tinham-se aberto as cataratas do ceu.

E que aguas que cahiam! eram negras, grossas, misturadas de cinzas e carvão!...

Os tejuquenses oravam e imploravam a misericordia divina, confessando os seus peccados, como si nessa noite tudo devesse perecer.

Ainda mais os aterrava a singularidade da cinza e do carvão, que cahiam com a chuva. Fazia-os recordar-se do que tinham ouvido contar das cidades de Herculanum, Stobia e Pompeia sepultadas debaixo das cinzas do Vezuvio. Julgavam que algum vulcão ahi perto houvesse surgido inopinadamente.

XI

Antes o Tejuco houvesse perecido nessa noite medonha; não teriamos soffrido os males que soffremos posteriormente.

Feliz ou infelizmente, a tempestade começou a declinar, depois de mais de duas horas de devastação. Quando rompia o dia, as nuvens que toldavam o céo foram se rarefazendo, e afinal desappareceram. O sol apontou no dorso dentado da serra do S. Francisco.

Que contraste admiravel apresentava a natureza, relativamente ao que era alguns momentos antes! O céo azulado, a athmosphera pura, a manhã bella e alegre: tudo parecia sorrir-se.

Mil flôres tinham desabrochado durante a noite, alcatifando os campos aljofarados que reflectiam as cambiantes côres do prisma. As terras estavam como lavadas. Respirava-se um ar puro, fresco, que parecia infiltrar a vida pelos póros do corpo. Passaros cantavam alegres nas serras, nos bosques, nos campos, nas grimpas, por toda a parte. Os passaros são os mais apreciadores de um bello dia; só as crianças podem ser tão alegres: é que não ha verdadeira alegria sem a innocencia.

A vegetação ostentava-se luxuriante. Das serras ainda corriam fios dagua, que, ao longe, semelhavam fios de prata. As praias dos rios e corregos alvejavam alastradas de finissima arêa.

Era uma dessas manhãs bellas e alegres como só os poetas sabem pintar.

O que parecia bem singular e extraordinario era que, tendo a tempestade, durante a noite, feito tantos estragos, agora não apparecia vestigio algum. As arvores não estavam desarraigadas, e nem estorcidas, os rochedos não estavam deslocados e nem abalados, a terra não estava fendida e nem sua superficie alterada; não se via cinza, nem carvão, nem agua negra, nem lavas de volcão, que se suppunha ter-se arrebentado ahi perto. Era celebre.

E pelo contrario:

Diz a tradição que fôra nessa noite tempestuosa que se mudára completamente o aspecto physico do nosso sólo: tão alegre que é hoje, tão virente, tão florido todo o anno, com seus campos deliciosos, com sua atmosphera sempre pura, com seu clima temperado, com suas serranias alcantiladas, abysmos horrorosos até ao sublime, com seus rios crystalinos, descobertos, deixando ver o leito prateado de alva arêa,

ou recamado de seixos brilhantes, crystalisados, com suas grutas sombrias, fechadas por columnas de stalactites, com suas fontes limpidas rebentando na rocha: — por toda a parte, poesia. E antes era tão triste, coberto de terra vermelha, como os terrenos agricolas.

XII

Apenas o sol apparecêra no horizonte, o mameluco Thomaz Bueno, seguido de alguns tejuquenses, subiu ao alto do Ibytyra.

A noite tinha sido horrenda, procellosa ; mas bem longe estavam de pensar qual houvera sido a causa.

Avançavam, mas só ouviam a chilreada dos passaros alegres saudando o dia, e o sibilo dos ventos atravez da folhagem das arvores. Então seguiram mais animados.

Chegados á planura, um horroroso espectaculo apresentou-se á sua vista. O chão estava todo juncado de cadaveres de indios, homens, mulheres, velhos, moços e meninos : uns tinham o craneo fracturado, outros os intestinos sahidos. outros o pescoço arroxeado,em signal de estrangulação; quasi todos estavam arranhados, mordidos, contusos, mutilados. Em alguns logares, os cadaveres estavam amontoados, em outros esparsos e cobertos de lama. Crianças e velhos, mulheres e homens, uns por cima dos outros promiscuamente. Muitos ainda tinham nas unhas e nos dentes pedaços de carne humana. Viam-se grupos de dous a dous ainda atracados, mordendo-se, estrangulando-se ou arrancando-se as entranhas. Seus semblantes desfigurados eram horriveis, contrahidos pela colera e desesperação.

A *taba* estava deserta.

Onde existira a *Acayaca*, nem mais vestigio se via, nem um ramo, nem uma folha apparecêra. A terra estava limpa e como revolvida, e queimada em alguns pontos.

O caso era extraordinario. Mandaram chamar o sacerdote, que servia de cura no arraial.

Veiu o padre já paramentado, por ter sido prevenido do occorrido, e declarou que tudo isso era obra do espirito das trevas, que cumpria conjurar.

Cava-se o logar onde existira a *Acayaca* para arrancarem-se as raizes e não mais poderem brotar ; e não se encontrou uma só raiz : tudo tinha desapparecido.

Revolveu-se e queimou-se a terra.

O padre tomou o aspersorio e rociou-a com agua benta, recitando as orações do ceremonial, que o povo acompanhava contricto, de joelhos.

Acabada a ceremonia, e para não mais ser a povoação incommodada pelo espirito maligno, mandou que no logar se levantasse um cruzeiro, que é o que ainda hoje existe.

Como estava elle enganado, quando pensava que por essa fórma o espirito das trevas deixaria de nos incommodar! O final desta narração bem o demonstrará.

XIII

Levantando o cruzeiro no logar onde existia a *Acayaca*, o sacerdote fez uma breve allocução ao povo, recommendando-lhe o temor de Deus, a confiança na sua protecção, e o reconhecimento ao grande beneficio, que acabava de fazer-lhe.

Depois, os mineiros partiram alegres e satisfeitos para seus serviços. Agora podiam trabalhar tranquillos. Livres dos indigenas, seus eternos inimigos, não precisavam mais estar de prevenção, minerando, por assim dizer, com a espingarda em uma das mãos, e o almocafre em outra.

As enxurradas tinham quebrado e excavado as terras mineiraes, formando em alguns logares altos taludes. Grandes e espessas camadas de desmontes tinham sido levadas pelo impeto das torrentes. As catas principaes estavam abertas, desbarrancadas, como si ahi operasse um serviço a talho aberto. No fundo, por baixo de uma camada fina de arêa, negrejava o esmeril com suas facetas brilhantes ; de envolta ou por baixo do esmeril amarellecia o ouro abundante, enchendo as frinchas e escabrosidades da piçarra.

Este estado das terras e das catas foi uma surpresa para os mineiros. Cada um, que chegava e via maravilhado o descortinamento de seu serviço, cahia de joelhos e rendia mil graças á Divina Providencia.

Começaram o trabalho, que quasi só consistia em apanhar as folhetas de ouro, ou quando muito apuravam o esmeril.

Tiravam ouro, muito ouro, com muita facilidade.

Succedia, porém, que no sessar das pedras, ou na occasião de apurar-se o esmeril, appareciam umas pedrinhas rijas, brilhantes, transparentes, ordinariamente crystalisadas na fórma de octaedro.

Era a primeira vez que os mineiros as encontravam : e que sobremaneira os surprehendia.

Seria por não as terem visto nos dias anteriores? Não : porque o methodo do lavor tinha sido o mesmo, as terras as mesmas, os cascalhos os mesmos, a attenção a mesma, e isto succedia em todas as catas e por todas as partes ; portanto, se ellas já antes existissem, teriam sido encontradas. Logo, formaram-se da noite para o dia.

Um phenomeno mineralogico, pensaram os mineiros. E colheram algumas das taes pedrinhas para mostrarem ao Dr. Medina, amante e apreciador de curiosidades naturaes.

O Dr. Medina era um sabio e distincto naturalista, que nesse tempo residia em Tejuco, natural da cidade de Madrid, pertencente a uma familia nobre e rica, cujos ascendentes muito se haviam illustrado nas guerras com a mourema, ganhando com isso honrosos titulos de nobreza e fidalguia. Formado em diversas faculdades na universidade de Salamanca, ahi fôra professor de historia natural por muitos annos.

O Dr. Medina era um homem de vasta erudição, no seu tempo, o maior sabio da Hespanha, membro de varias associações litterarias e scientificas de Londres, Paris, Edimburgo, Vienna, Berlim, Moscow e de outras cidades; seu nome era conhecido em toda a Europa.

Sua paixão predominante era pelas sciencias naturaes, porque, sendo profundamente religioso, viu que, estudando as obras do Creador, é que o homem póde conhecer a sua omnipotencia e infinita sabedoria.

O solo da patria offerecia um theatro estreito ás suas observações scientificas: emprehendeu viajar pelo mundo.

Já havia vinte annos que elle viajava: percorreu a Europa, a Asia, a Africa, a Oceania, e agora se achava no Brazil, paiz novo, cuja natureza ainda virgem, e flora ainda não explorada, attrahiam a attenção dos sabios europeus. A geologia começava a ser estudada com paixão, e a America offerecia um theatro importante para esses estudos.

O Dr. Medina viajava pela capitania do Rio de Janeiro, quando correu a noticia do descobrimento das lavras auriferas do Tejuco. O amor da sciencia o pôz logo em marcha para o novo descoberto, onde pretendia dedicar-se a exames mineralogicos e metallurgicos, como já o tinha feito em outros logares do Brazil.

Chegára a Tejuco poucos dias antes dos acontecimentos, que narrámos no capitulo antecedente. Os tejuquenses fizeram-lhe uma recepção a mais cordial e hospitaleira, não só em respeito ás suas excellentes qualidades pessoaes, como por ter sido sempre um povo naturalmente amante das sciencias e das novidades.

Era o Dr. Medina, no tempo em que correm estes acontecimentos, um homem de edade de sessenta annos, de cabellos grisalhos, de estatura ordinaria, fronte larga, olhar expressivo e intelligente. Em sua physionomia lia-se a intelligencia, a par de uma bondade extrema. Grangeou logo a confiança e sympathia dos tejuquenses.

Hospedára-se em um elegante colmado, que existia onde é hoje a igreja do Amparo. Em uma saleta da frente, collocára elle o seu laboratorio. Ahi se entretinha, muitas vezes, dias inteiros em observações e exames chimicos. Nenhuma substancia animal, vegetal ou mineral resistia á força de seus reagentes. Compunha e decompunha com a maior facilidade qualquer corpo organico ou inorganico. Admiravam a presteza e habilidade com que transformava os mineraes; o ferro em cobre, o cobre em prata, a prata em ouro. Em um

momento fazia sobre um pouco de terra brotar uma semente, cobrir-se de folhas, de flôres e de fructos. O seu maior afan era de formar um ente, que elle chamava *homunculus* (22), que não sabemos em que consistia, porque a este respeito nada quiz revelar, e consta que nunca o conseguira.

Uma excellente qualidade possuia o doutor, que sobresahia a todas as mais; era muito desinteressado, muito amante do proximo, muito religioso e temente a Deus. Insistimos sobre esta qualidade, porque ella tem relação immediata com o que vamos contar.

O Dr. Medina achava-se em seu laboratorio, fazendo combinações de simplices para a organização de seu encantado *homunculus*, quando lhe appareceram pela tarde os mineiros, trazendo-lhe as pedrinhas crystalisadas, que tinham achado em seus serviços, e de que já falámos.

Apenas elle as viu, estremeceu.

Os mineiros perguntaram si aquillo tinha algum valor.

O doutor ficou silencioso e pensativo; uma nuvem de tristeza assombreou-lhe o semblante, antes sempre calmo, tranquillo e risonho.

Os mineiros não deixaram de notar essa mudança, e como insistissem com a pergunta, respondeu:

— Porque querem saber?

— E' porque se tiverem algum valor poderemos ajuntar muitas, disse um delles.

— Poderão ajuntar muitas?

— Sim, porque todos nós as achamos em nossos serviços em logares differentes, e tivemos a idéa de trazel-as para o sr. doutor examina-las.

— E foi hoje a primeira vez que as encontraram?

— Cremos que ellas nasceram esta noite da terra, ou cahiram com a tempestade, porque não appareciam nos dias anteriores.

O doutor tornou-se ainda mais pensativo. Nada podia comprehender. Toda a sua sciencia naufragava ante esse phenomeno mineralogico, que não podia explicar.

Depois, com ar de simulada indifferença, disse:

— Meus amigos, não se importem com essas pedras,

---

(22) Zimmerann diz o seguinte: « Il est impossible d'arriver à la fabrication atificielle d'un être organisé. Les alchimistes ont regardé comme le comble de la science de composer par des moyens chimiques un *homunculus*, un être organisé, un animal. Non seulement cette œuvre est impossible, mais on ne peut même arriver à la production d'aucune des substances dont se compose l'être organisé. Nous savons bien ce qu'il y a d'azote, de carbone, d'oxygene et de fer dans le sang, ce qu'il y a de soufre dans les jaunes d'œuf et de phosphore dans les os; mais en mêlant toutes ces substances au degré voulu, nous n'obtiendrons ni du jaune d'œuf, ni du sang, ni des os. » (*Le mond avant la création de l'homme*).

são simples crystaes; vão minerar o ouro de que já pagam o pesado direito do quinto, e deixem-n-as que de nada valem.

Mas os mineiros não ficaram satisfeitos, e o doutor, notando a incredulidade em seus semblantes, continuou:

— Para melhor convencel-os do que digo, vou mostrar-lhes do que ellas se fazem.

E, tomando um cadinho, lançou dentro algumas das pedrinhas. Depois fêl-as passar por uma operação chimica algum tanto laboriosa, e apresentou aos circumstantes admirados alguns pedaços de carvão, a que tinham sido reduzidas.

— Convençam-se agora, disse elle, de que nada valem: são um bonito carvão a que tirei o brilho e a fórma crystalisada. Se querem muitas pedras como essas, eu posso formar.

Os mineiros não responderam, mas em seus rostos lia-se o assentimento, acompanhado de viva curiosidade.

O doutor tomou alguns carvões sobre o fogão da forja do seu laboratorio, collocou-os em um cadinho novo, de barro, lançou por cima algumas gottas de um liquido rosado, que trazia em um vidro, depois de um ligeiro processo chimico, que ninguem póde comprehender, apresentou em resultado varias pedrinhas crystalisadas em fórma octaedrica; mas não tinham o mesmo brilho, a mesma côr e perfeição como as encontradas nas minas, e pelo contrario apresentavam um côr embaciada.

Os mineiros nada disseram, mas via-se que não estavam satisfeitos, porque suas pedrinhas eram mais lindas, e de melhor agua.

O doutor o percebeu, e ficou pensativo. «Teria eu errado o processo chimico?» pensou elle.

Tirou da estante um manuscripto de seu proprio punho, provavelmente sobre o processo, que elle inventára; leu algumas linhas, examinou o cadinho, examinou o liquido de que se servira, e abanou a cabeça, como se dissesse: «decididamente não errei, tudo se fez conforme a regra.»

E continuou ainda pensativo.

Passados alguns instantes, como si fosse despertado por uma idéa subita, levantou a cabeça e dirigindo-se aos circumstantes com ar de ineffavel alegria, exclamou:

— Meus amigos, vejo que não estão satisfeitos. A minha experiencia não foi completa; mas agora acabo de descobrir a razão; faltava-me conhecer a natureza do carvão de que se compõe os pequenos crystaes, que os senhores me trouxeram. E' o que vou conhecer.

E sujeitando-o á uma nova operação chimica, em alguns minutos o decompoz. Examinou cuidadosamente os residuos, e exclamou:

— E' carvão de cedro (23). Tragam-me amanhã carvão

(23) Já dissemos que os indignas chamam o cedro *Acayaca*.

de cedro, que formarei crystaes tão lindos como os que se descobriram nas minas.

No dia seguinte, os mineiros fizeram carvão de cedro, e levaram para o doutor.

Este o submetteu á chimica, e em poucos minutos o converteu em pedrinhas crystalisadas em tudo semelhantes ás encontradas nas minas, na côr, no brilho, na transparencia, na fórma de crystallisação, tão perfeitas, que não se poderiam distinguir umas das outras.

Repetiu a expériencia muitas vezes, e sempre com feliz resultado. Os mineiros estavam admiradissimos.

— Meus amigos, disse então o doutor, agora estão satisfeitos? Já vêm, que os seus crystaes de nada valem; posso dar-lhes quantos quizerem, de todos os tamanhos e qualidades. Repito: vão para suas lavras, tratem de tirar o ouro, e não se importem com essas pedras.

Os mineiros retiraram-se, mas desapontados por verem que as pedrinhas, cuja mineração suppunham havia de dar-lhes grandes lucros, de nada valiam.

Agora cumpre advertir que o dr. Medina logo á primeira vista conheceu que estavam descobertos os diamantes entre nós, e taes eram os que elle procurou persuadir serem simples crystaes.

Mas o doutor era um homem verdadeiramente religioso em toda a força da palavra, como já dissemos; considerava o diamante como um objecto puramente de luxo, desnecessario ao homem, e capaz de fazel-o perder sua alma; considerava as dissenções que tinha havido por occasião do descobrimento das lavras auriferas, tantas ambições ateadas, tantos interesses chocando-se, tantas vidas sacrificadas, tanto sangue derramado, e o fisco pairando por cima, como os corvos, que esvoaçam acompanhando os exercitos para devorarem os cadaveres.

O doutor considerava tudo isso, e como homem atilado e intelligente, que era, e conhecendo a insaciavel ambição e sordida avareza da metropole, ainda previa maiores desgraças, si porventura se patenteasse a descoberta de diamantes nas lavras do Tejuco. Logo acudiriam outros aventureiros, e viria a discordia, nasceriam rixas e contendas; a paz, harmonia e fraternidade, que até então tinham ligado os tejuquenses, em um momento desappareceriam. Depois chegaria o fisco e tomaria lavras e propriedades particulares.

Assim pensava o doutor: si eram bem ou mal fundadas suas suspeitas, o leitor saberá depois.

XIV

Os mineiros estavam contentissimos, já o dissemos. Não encontravam mais embaraços para proseguirem em suas explorações, e enchergaram diante de si um vasto territorio aurifero ainda virgem e de facil lavor.

Estenderam seus descobertos. Do Tejuco, como ponto de partida, foram-se espalhando por toda a parte, e por toda a parte descobriram lavras riquissimas, donde extrahiam ouro, muito ouro e com a maior facilidade. Appareciam folhetas grandes, como nunca tinham apparecido nas outras lavras da capitania de Minas. Vendia-se ou negociava-se o ouro a esmo. Bem poucos usavam da balança. Só se conheciam os pesos de oitava para cima. O vintem foi introduzido posteriormente.

E que ouro! era quasi todo de lei, de toque de vinte e dous quilates.

Os primeiros descobertos foram nos terrenos de alluvião, como gupiáras, taboleiros (24) e leitos de rios. Para que trabalhar nos montes, quando estes tinham descoberto e derramado suas riquezas nos valles adjacentes?

Descobriram-se as lavras do Jequitinhonha, do Ribeirão do Inferno, do Caetémirim, da Itahipaba, do Parauna, do Inbahy, da Inhacica, e de outros logares. Foram até Macahubas.

Corre a noticia; chegam outros povos dá circumvisinhança, gente boa e morigerada, e logo a população do Tejuco augmentou-se prodigiosamente.

Forma-se uma olaria ahi nas margens do Rio Grande. Arrazam-se os colmados, que são substituidos por casas construidas de madeira e taipa cobertas de telha. Muros solidos e alinhados substituem as sebos irregulares e tortuo-

---

(24) O ouro achamol-o em dous estados: de alluvião, isto é, arrancado pela violencia das aguas dos montes e serras, seus logares naturaes, e levado pelos mesmos valles e leitos dos rios. A estes valles os mineiros chamam taboleiros, quando com pouca differença estão ao nivel com o leito do rio; ou gupiaras quando se alongam mais dos mesmos rios, acham-se mais elevados a elles e encostados aos montes visinhos. Temos em segundo logar ouros que se encontram nos seus logares ou depositos primitivos, como são os de vieiros e camadas. --(*Memorias da capitania de Minas pelo dr. J. V. Couto*).

sas de urumbeba (25). O que chamamos hoje Arraial de Baixo, era uma espessa e sombria matta virgem, onde se cortavam grossas madeiras para taboado e construcções. Tratou-se de construir um edificio mais decente e importante ahi aonde é o Brugalhau, debaixo da invocação de Santo Antonio (26).

As terras ao redor fertilissimas, os campos excellentes, para criação, os rios piscosos, os matos abundantes de caça. Quem não queria extrahir ouro, plantava ou criava; quem não queria plantar ou criar, caçava ou pescava. Vivia-se como se queria na maior abundancia, na maior harmonia e fraternidade.

O povo era temente a Deus, e observador de seus Santos Mandamentos; confessava-se todos os annos; nos domingos e dias santos ouvia-se missa com devoção. Não succedia como hoje, que ninguem se confessa, que as egrejas ficam desertas nos dias santificados: tudo isso devido á detestavel libertinagem, que tem grassado na Europa, debaixo do nome de philosophismo, e que infelizmente vai de uma maneira prodigiosa infeccionando a nossa terra (27).

Era bello aquelle tempo: não se perpetrava uma morte; não se commettia um furto: a propriedade era um direito sagrado, inviolavel; não havia exemplo de ter-se violado uma donzella; não se perturbava a paz da familia, não appareciam rixas, contendas ou desordem, porque todos estavam contentes e amavam-se reciprocamente como irmãos.

A hospitalidade, o amor dos paes, a veneração á velhice, constituiam uma religião. Quando chegava ao arraial alguma pessoa de fóra, cada um queria, á porfia, leval-a para sua casa. Si passava um velho, os moços levantavam-se respeitosos; si elle falava, todos se calavam e ouviam-n-o attentos; si elle queria assentar-se, dava-se-lhe o melhor logar. Mas tambem naquelle tempo não havia velhos libertinos como ha hoje.

Os paes educavam os filhos iucutindo-lhes na alma o respeito ás leis, ás autoridades constituidas, o amor de Deus, o horror do peccado e do crime: virtudes civicas e religiosas.

Os maridos guardavam a mais restricta fedelidade ás suas mulhêres; viviam na melhor harmonia e nunca houve exemplo de divorcio ou separação. E' que se olhava o matrimonio como um Sacramento, e não como especulação ou meio de satisfazer paixões sensuaes.

As moças trajavam com decencia, e por isso eram bellas

---

(25) Especie de cacto, que plantavam para servir de tapume dos quintaes. Ainda hoje se usa.

(26) Esta capella foi transportada em 1750 para a rua Direita. E' hoje a matriz que se destinou para servir de Sé do futuro bispado.

(27) Já dissemos que este manuscripto é datado do anno de 1796.

e formosas; não se via esse luxo affectado dos tempos de hoje, que só serve para encobrir os defeitos physicos, e corromper a moral; tanto postiço, tantos enfeites, tantos atavios, tanta mentira...; que decepção por que passa um mancebo, quando, em vez de mulher, se vê casado com uma boneca enfeitada!

Não havia mulheres devassas, e nem casas de prostituição, onde se perdem os moços, estragam-se as forças, esquecem-se os deveres da moral e religião, e são causa de grande parte dos males, que flagellam a sociedade.

Os moços não se casavam sinão depois dos 30 annos de idade: deviam ter bastante tempo para bem pensarem, bem meditarem sobre o estado que iam tomar. E, quando se casavam, ainda estavam innocentes como na edade da puericia. As donzellas nem se lembravam do casamento antes dos vinte annos.

Em uma palavra, e para não mais alongar-nos, viviam na mais completa innocencia e felicidade, que faziam recordar os antigos tempos patriarchaes, ou a edade de ouro imaginada pelos poetas. Si no mundo havia um povo verdadeiramente ditoso, era o do Tejuco.

Entretanto, os mineiros continuavam a extrahir ouro, muito ouro, de que pagavam, com a mais escrupulosa exactidão, o quinto da corôa real. O tributo era bem pesado, mas não murmuravam, em paga da felicidade, que a Providencia lhes concedêra neste canto do Brazil.

O governo não se importava comnosco; o fisco não nos incommodava, porque lhe enchiamos de ouro com fartura os bojudos cofres; si queria mais, davamos; si ainda queria mais, davamos; davamos muito, tudo o que se exigia; davamos mais do que de nós se exigia. Augmentavam-se as exigencias, ainda davamos. Assim o fisco ficava tranquillo e não nos perseguia, como em outras partes da capitania.

Compravamos bem cara a tranquillidade, mas o que queriamos era a paz e a felicidade, e não o ouro. E demais havia tanta abundancia, que não valia a pena discutir com o fisco.

Constantemente os mineiros encontravam em seus serviços as pedrinhas, de que já fallámos, brilhantes e crystalisadas. Mas, ignorando que fossem diamantes e que tivessem valor, só as apanhavam por curiosidade para as terem em cima das mesas. Outras vezes serviam de tentos no jogo, ou de brinquedo das crianças.

Um sujeito descobriu que com ellas se cortava o vidro: — era sua unica utilidade. Diz a tradição que certa velha, cujo nome ignoramos, possuia uma exactamente do peso de libra, de que se servia para pesar o algodão que fiava.

O dr. Antonio Ferreira do Valle e Mello, ouvidor geral da comarca do Serro-Frio, quando soube do apparecimento dessas pedrinhas, veiu a Tejuco, de proposito, para examinal-as. Sendo um magistrado instruido, e distincto minera-

logico que já por muitos annos tinha residido na India, conheceu logo que eram diamantes.

Mas o dr. Mello, a par da instrucção, reunia muita religião, caridade e amor ao proximo : e assim, receiando as funestas consequencias, que infallivelmente resultariam, si se patenteasse a descoberta de diamantes em sua comarca, de mãos dadas com o dr. Medina trataram de occultal-a, e continuaram a persuadir os mineiros que eram crystaes e que de nada valiam.

Este acto de philantropia bem caro lhes custou, como depois se verá. Assim são as cousas : muitas vezes quer-se fazer bem, e resulta o mal.

Mas o espirito maligno não dormia, e, pelo contrario, preparava o terreno para suas perversidades. Invejando nossos costumes simples, innocentes e religiosos, machinava ás occultas a perdição dos Tejuquenses.

XV

Bernardo da Fonseca Lobo, que ainda conhecemos já bastante velho e morreu ha pouco tempo. — Deus lhe perdôe o mal que nos fez, e commiserando-se de sua alma a tenha na Santa Gloria, si é que elle morreu penitente e arrependido, o que não me consta. — Bernardo da Fonseca Lobo, diziamos nós, era um mineiro, que trabalhava em um serviço aurifero, mesmo no leito do corrego Tejuco.

Morava em uma pequena, mas elegante casa situada onde é hoje o alpendrado, que se chama casa da Intendencia, e serve para deposito dos generos da terra. Era assoalhada de taboas e coberta de telhas, como já havia muitas. De seu repartimento interno é que não nos lembramos bem. Tinha a frente para o arraial, que então só occupava o local das actuaes ruas do Amparo, das Beatas, do Espirito Santo, do Brugalhau, e quando muito só se estendia até á Cavalhada-Nova.

Já se vê que a casinha de Bernardo da Fonseca Lobo ficava um pouco retirada, em um alto, relativamente ao arraial.

Era bello vêl-a de lá de baixo, toda caiadinha de tabatinga, em um alto, cercada de rochedos, sombreada por arvores silvestres.

Para lá se ir, era preciso subir-se por um caminho esbarrancado, atravez de um bosquesinho onde existe o actual beco da Tecla.

Ella tinha o seu quintal cercado de achas de braúna que abrangia todo o terreno onde estão a igreja e o largo de Santo Antonio, e ainda se estendia até á rua do Chafariz; onde é a casa do Intendente (28) existia o seu bananal espesso e sombrio; onde é o cemiterio havia plantadas arvores de espinho, como larangeiras e limoeiros; no centro do largo de Santo Antonio, estava o seu viveiro de peixes.

Como está hoje tudo mudado! Nem mais casinha, nem mais quintal, nem mais bosques, nem mais arvores, nem mais rochedos; ahi se vêm grandes edificios, ruas bem calçadas, praças lindas, alpendrados; é o centro e o mais povoado do Tejuco.

Pelos annos de 1728, chegando ao Tejuco um frade da irmandade da Terra Santa, sahiu Bernardo da Fonseca Lobo pressuroso a convidal-o para hospedar-se em sua casa. Já dissemos, em um dos capitulos anteriores, que a

---

(28) Hoje casa da Camara Municipal.

hospitalidade era uma das virtudes, que mais distinguiam os habitantes do Tejuco.

O frade acceitou o convite, e foi para a casa de seu obsequioso hospede.

Ignoramos quo nome tinha esse frade, apezar de informações, que procurámos, de homens velhos, que tambem não souberam nol-o dizer. Mas isso pouco importa para esta narração. Só sabemos que elle viera em commissão de seu superior para fazer cobranças do que se devia á irmandade, e arranjar novos irmãos.

Em casa de Bernardo da Fonseca Lobo, havia, em cima da mesa da sala, dentro de um copo, varios diamantes escolhidos, eguaes, regulando tres quilates cada um, que serviam de tentos no jogo do gamão, de que era elle apaixonado. Havia tambem um diamante mais pesado, de lindissima fórma, que servia para segurar papeis. Diz-se que este pesava vinte e duas oitavas e seis vintens.

O frade, logo que viu os diamantes, fez um espanto tal, que attrahiu a attenção de seu hospede.

Este, notando a alteração das feições do frade, e não podendo adivinhar a causa, perguntou-lhe si soffria algum incommodo.

— Não é nada, filho, respondeu elle; foi uma pequena indisposição. que soffri, e que já vai passando. O cilicio, que trago sempre sobre as carnes, debilita-me bastante, o que dá causa a repetidos achaques, mas passageiros. Bemdito seja o nome do Senhor!

E levantou os olhos para o ceu, com o ar da mais edificante compuncção.

O frade mentia, como o leitor terá comprehendido. Era um desses ambiciosos hypocritas, que, abusando de nossa Santa Religião, se revestem com a capa da santidade, para illudirem os simplorios e credulos, e conseguirem seus fins.

Conhecia perfeitamente o diamante por ter estado em Krichna e Pennar na India, ondo já se extrahia. Tinha-o visto agora no Tejuco: tal era a causa de sua sorpreza; e pretendia tirar proveito desta descoberta.

Procurou recompôr o semblante para seu hospedo não desconfiar, e se póz a conversar sobre objectos religiosos; mas sua voz tremia, e seus olhos, de vez em quando, como por uma attracção invencivel, volviam-se com avidez para a mesa, onde estavam os diamantes.

Bernardo da Fonseca Lobo, tendo de dar algumas ordens para a hospedagem do frade, apenas se retirou da sala, este avançou-se para a mesa com a gana e velocidade do gato, que se atira sobre a presa. Tomou os diamantes nas mãos, e ficou maravilhado; seus olhos scintillavam de prazer, suas mãos tremiam convulsas. Nunca vira tão bellos na India, onde tinha estado.

Assim esteve por algum tempo em muda contemplação. O que lhe ia no interior, o que projectava fazer, só Deus poderia dizer. E poz-se a revolver as pedras, ora exami-

nando-lhes a côr, ora observando-as atravez da luz para conhecer-lhes a agua, ou si tinham algum ponto ou jaça. Repentinamente, ouviu os passos de Bernardo que voltava.

Era o frade um perfeito comico, sabia amoldar a physionomia a todas as circumstancias. Simulando a maior indifferença, perguntou ao seu hospede que entrava:

— Onde achaste estas pedras, filho ?

Bernardo, que nada suspeitava, respondeu com a mesma indifferença, porém, real :

— Dessas pedras ha aqui por toda a parte, principalmente nos leitos dos rios.

— Ha aqui por toda a parte ? Pergutou o frade, sem poder sopear um movimento de sorpreza.

— Isto é, encontram-se nas lavras de ouro conhecidas, de envolta com o cascalho.

— E ha muitas ?

— Quantas se queiram. Julga v. revm.ª que ellas têm algum valor ?

— Valor, filho, isto ? São pedaços de crystal.

— O dr. Medina assevera que são carvões crystalisados : o que não comprehendo.

O frade olhou admirado para seu interlocutor. Ha, pois, um dr. Medina, pensou elle, que já conheceu o diamante : estará elle tirando proveito da ingenuidade deste povo ? Ha sem duvida ahi algum mysterio. Depois continuou :

— Não conheço esse dr. Medina. Quem é elle ?

— E' um sabio naturalista, que aqui se acha. Elle faz quantos crystaes desses se queiram com o carvão do cedro, que dá os mais perfeitos e mais brilhantes.

— O dr. Medina faz destes crystaes ?

— E' como tenho a honra de dizer a v. revm.ª; porque fui testemunha ocular.

— Elle os faz do carvão do cedro ?

— Do carvão do cedro, que os indios chamam *Acayaca*. E nos diz que elles não têm valor.

O frade ainda menos comprehendeu. Parecia-lhe impossivel que um homem podesse fabricar o diamante, e ainda mais impossivel que não se quizesse utilizar da solução desse grande problema mineralogico.

Que o dr. Medina fazia diamantes, é um facto que não podemos negar, porque ahi está a tradição para attestal-o. O como não sabemos, e elle nunca o quiz revelar: o que se explica pelo seu espirito eminentemente religioso, visto que o diamante é a causa da perdição de muitas almas, como objecto puramente de luxo e vaidade.

O frade ficou pensativo. Mas logo, excitado pela ambição, tratou de tirar proveito da descoberta que acabava de fazer, e continuou como solicitando um offerecimento:

— São bem bonitos estes crystaes. E esfregava-os uns sobre os outros, escutando com avidez esse rangido peculiar, que só produzem os diamantes.

— Estão ás ordens de v. revm.ª, disse Bernardo ; só sinto que não tenham valor.

— E é por isso que eu os acceito, filho : é mesmo por não terem valor. E dizes que ha por aqui muitos como estes ?

— Si v. revm.ª quizer, posso arranjar-lhe muitos outros.

— Si não fosse incommodo...

— Incommodo, nenhum. Ninguem aqui lhes dá importancia, visto não terem valor.

— Então acceito. Quero leval-os por curiosidade, e mais como uma lembrança de sua hospitalidade.

Bernardo da Fonseca Lobo sahiu pelas casas particulares, pedindo diamantes. Ninguem lh'os negou por não conhecel-os. Ajuntou uma porção extraordinaria, que levou para o frade ; este os agradeceu com a simulada indifferença do costume, dizendo sempre que os recebia como curiosidade sem valor.

XVI

A' noite, Bernardo da Fonseca Lobo, depois de ter-se despedido de seu hospede, que lhe declarou precisar de descanço, retirou-se para o seu quarto; mas não pôde dormir, não sabemos pelo que. Já era uma hora depois de meia noite, e nada de dormir Como fazia um calor extraordinario, levantou-se e sahiu para ir espairecer um pouco no jardim.

Passava cauteloso e andando nas pontas dos pés defronte da porta do quarto, onde estava o frade, com receio de despertal-o, quando, pelas frestas, viu que havia luz dentro, signal de que ainda elle não dormia.

— Santo homem! pensou Bernardo. Ainda a esta hora está orando ou disciplinando-se. Neste momento ,quantos homens estarão commettendo peccados! e elle dilacerando-se e rogando a Deus por todos os peccadores! Taes são as cousas deste mundo! Oh! sublimidade de nossa Religião! Oh! santa dedicação dos servos de Deus!

E Bernardo ficou pensativo. Nesse momento, o demonio da curiosidade o tentou.

— Vou espiar, disse elle de si para si; não vejo que haja nisso inconveniencia; será um espectaculo bem edificante; aprenderei a imital-o e a purgar os meus peccados. Sim, até é mesmo um dever.

Assim tranquillisado sobre o que lhe poderia arguir a consciencia, avançou pé ante pé até á porta do quarto e espiou pelo buraco da fechadura.

Bernardo fez um movimento de sorpreza, que quasi trahiu a sua presença.

Viu que o santo homem nem orava, nem se disciplinava.

Eis o que o frade, a essa hora da noite, estava fazendo, em vez de orar ou disciplinar-se.

Assentado junto a uma mesa, pesava e repesava os diamantes; dividia-os em lotes; examinava cada uma das pedras, e observava-as atravez da luz, como um perfeito conhecedor; formava grandes partidas, formava menores; separava os fundos; separava as regulações; calculava; escrevia em tiras de papel, e depois queimava o que tinha escripto.

Tudo isso era um enigma para Bernardoda Fonseca Lobo, que nada comprehendia. O que, porém, elle percebeu, e não podia deixar de perceber, era o grande interesse, que o frade tomava por essas operações: seu semblante antes tão grave e severo, de religiosidade affectada, agora expandia-se com

um sorriso de ineffavel satisfação: suas mãos tremiam quando tocavam nas pedras. Por pouco physionomista que fosse Bernardo, não lhe poderiam escapar essas alterações.

Estava admiradissimo do que via. Um raio de luz começava a penetrar-lhe no espirito. Aquellas pedras devem ter algum valor, pensou elle.

E continuou a espiar o frade.

Depois,este ajuntou todas as partidas em uma só, para ver o effeito que poderia produzir na vista todos os diamantes reunidos, como consta-nos costumam fazer os compradores e vendedores dessas pedras.

Os diamantes scintillaram como milhares de estrellas reunidas.

Então o frade levantou-se como fascinado, deslumbrado ante tanta riqueza ; e esquecendo-se de que alguma pessoa poderia ouvil-o, exclamou, nos paroxismos do prazer :

— Duzentos e setenta e nove mil oitocentos e setenta e cinco quilates e vinte e tres grãos e meio de diamantes !...

Bernardo da Fonseca Lobo, sempre espreitando, estremeceu quando o ouviu pronunciar a palavra « diamantes. » Com quanto não o conhecesse, sabia de tradição que era uma pedra preciosa e de subidovalor.

Bateu de mansinho na porta ; mas o frade estava absorto, extasiado na contemplação dos diamantes, e não ouviu.

Bateu segunda, terceira, quarta e quinta vez e sempre com mais força ; e o frade ainda não ouvia.

Deveria arrombar a porta ? pensou elle. Mas isso era uma violencia, uma falta contra os deveres da hospitalidade ; mas, por outro lado, o frade era um trahidor, um usurario, um ambicioso, que abusára de sua ingenuidade, dizendo-lhe que os diamantes eram crystaes, para delles se apoderar.

Que fazer ?

Assim estava indeciso, sem saber que partido tomaria, quando o frade ainda imprudentemente exclamou :

— São quasi 280,000 quilates... Inteirarei 300,000 e mais ainda si for preciso, graças á simplicidade de meu hospede. E' uma fortuna de principe !...

A estas palavras, Bernardo não pôde mais se conter. Recuou, fez um arremesso violento, arrombou a porta com os hombros, e apresentou-se repentinamente no meio do quarto.

O frade, que não esperava tão brusca e repentina apparição, voltou-se, de sobresalto, espavorido ; mas, conhecendo seu hospede, procurou serenar-se tomando a mascara da beatice.

— Que succedeu, filho, para entrares aqui a esta hora e com tal violencia ?

— E' escusado simular, reverendissimo, respondeu Bernardo. Eu vi e ouvi tudo pela fresta da porta.

O frade tornou-se pallido como um cadaver. Quiz pronunciar algumas palavras e não pôde. Seus labios tremiam convulsos. Um paciente, subindo os degraus do cadafalso, não estaria mais aterrado.

Bernardo continuou :

— Sei que o que tomavamos por crystaes são verdadeiros diamantes, e que aquelles pesam 280,000 quilates. Ignoro o seu valor com exactidão, mas v. revm.ª o disse : alli está uma fortuna de principe. Reverendissimo, eu o suppunha orando e disciplinando-se, quando casualmente por aqui passava ; quiz vêr como se serve a Deus para edificar-me. Soffri uma decepção : e logo que não pude lucrar a bem de minha alma, é justo que lucre a bem do meu corpo. Ambos nós concorremos para ajuntar-se essa fortuna de principe : eu trazendo os diamantes, e v. revm.ª descobrindo-lhes o valor; portanto, nem um nem outro deve ficar com toda ella. Proponho que se vendam os diamantes e que dividamos o producto.

Com esta proposta, o frade pareceu tranquillisar-se, mas foi porque teve uma idéa de que logo falarei ; e compondo o semblante com o sorriso o mais affavel, que pôde simular, respondeu :

— Acho a sua proposta muito razoavel, filho. Ambos nós arranjamos essa riqueza : é justo que a dividamos. Iremos vender os diamantes ; e o producto pertencer-nos-á em partes iguaes.

Assim convencionados, Bernardo da Fonseca Lobo retirou-se para seu quarto. Era já bem tarde quando adormeceu, pensando nas palavras « é uma fortuna de principe, » que ouvira ao frade proferir.

Será excusado dizer que teve os sonhos mais agradaveis.

XVII

Alvorava o dia quando Bernardo da Fonseca Lobo se levantou.

Seu primeiro pensamento dirigiu-se á immensa riqueza, que ia dividir com o frade. Já se lhe afigurava accordar em um rico palacio, servido por creados vestidos de libré. Até se esqueceu de resar, costume que adquirira desde creança, graças á oducação religiosa que os meninos recebiam naquelle bom tempo: — como tudo hoje está mudado!...

Mal se vestiu e se encaminhou para o quarto, onde repousava o frade. A porta estava apenas cerrada. Escutou: no interior estava tudo silencioso. «O frade provavelmeuto dorme o melhor dos somnos, emballado por sonhos aprazíveis, pensou Bernardo. Ainda é muito cedo, não devo despertal-o.»

E retirou-se, e foi dar um passeio no jardim. Tudo ahi era o mais bello e poetico, que se podia imaginar: as hervas rociadas pelo orvalho matutino, as flores desabrochadas embalsamando os ares com seus agradaveis perfumes, os passarinhos cantando alegres nos arvoredos, as nuvens arreboladas; mas Bernardo tinha a mente preoccupada com sua fortuna: e nada via e nada sentia.

Passados alguns momentos, voltou ao quarto do frade. A porta ainda estava cerrada, o mesmo silencio reinava no interior. «Este frade não accordará?» disse elle; e revestiu-se de maior paciencia e seguiu outra vez para o jardim.

Voltou segunda e terceira vez; mas nada indicava que seu hospede se tivesse levantado.

Entretanto, já o sol tinha apparecido no dorso da Serra de S. Francisco; e lá embaixo, no arraial, ouvia-se o bulicio do povo que trabalhava. Já era tarde.

Bernardo não pôde conter sua impaciencia. Empurrou a porta de mansinho para não despertar seu hospede de sobresalto.

Entrou. A claridade do dia penetrava pela janella entreaberta. O quarto estava vasio, nem frade e nem nada que pertencia ao frade.

Bernardo ficou attonito. Os diamantes tinham sido guardados em uma gaveta da mesa; abre-a, e nada de diamantes!

Uma suspeita horrivel passou-lhe pelo pensamento.

Corre apressado á estribaria; os animaes do frade tambem ahi não se achavam.

O frade tinha um creado chamado Espindola, de origem italiana.

— Espindola! Espindola! sr. Espindola !exclamou Bernardo com todas as forças de seus pulmões, mas ninguem lhe respondeu.

— Mio caro Espindola! mio carissimo Espindola! mio signore del mio cuor! continuou elle a gritar, mas nada de resposta.

Bernardo logo conheceu que era excusado continuar a chamar, porque ninguem lhe responderia.

— Estou roubado! exclamou deixando-se cahir aniquillado sobre um banco de pedra. Roubaram-me tudo! Era uma fortuna de principe. Lá se foram meus sonhos, minhas illusões, meus castellos dourados! Tanto diamante, que tive o trabalho de ajuntar! Era tudo o que havia no arraial: uma fortuna de principe, que eu, estolido, como sou, deixei escapar-me das mãos! Maldito frade, avarento hypocrita! Maldito Espindola. Oh! a minha fortuna! Tanto diamante! tanta riqueza!...

E deixando cahir a cabeça sobre os joelhos, poz-se a soluçar e a chorar como uma creança.

O leitor terá comprehendido, que o frade não concordára sinão apparentemente na divisão dos diamantes para melhor poder enganar a Bernardo da Fonseca Lobo. Depois aproveitára a occasião em que este dormia tranquillo, confiado na sua boa fé, para preparar-se e fugir.

Nem mais se lembrára das cobranças da Terra Santa, de que viera encarregado, e de alistar novos irmãos.

Diremos agora,em parenthesis e para não mais falar sobre o frade, que este retirou-se do Tejuco sem ser percebido, e sem que si soubesse que caminho tomára : si para a Bahia ou Rio de Janeiro, unicas sahidas, que então tinham estas lavras. Talvez si disfarçasse para não ser conhecido. Tambem nunca mais se tiveram noticias suas. Que fez dos diamantes ? vendel-os-ia em favor da irmandade ? não se sabe. Si a fortuna que elle levou fosse applicada religiosamente, poderiamos remir o Santo Sepulcro do poder dos infieis. Que gloria não seria para a christandade, que triumpho para a religião christan.

XVIII

Era costume naquelle tempo ir o povo, á tarde, depois de terminados os trabalhos do dia, espairecer em um campinho que havia onde é hoje a rua do Bomfim, e a que chamavam — Passeio.

Ahi uma frondosa gameleira estendia ao longe suas pesadas ramagens: o solo era plano e alcatifado de gramineas sempre virentes.

Emquanto os passaros sobre as arvores entoavam o hymno da tarde, despedindo-se dos ultimos raios do sol, que douravam os altos cumes da Serra de S. Francisco, os homens se entretinham em alegres e innocentes palestras.

Conversava-se sobre tudo, sobre a religião, sobre negocios, sobre lavras, sobre os melhoramentos de que precisava a povoação, o alinhamento de uma rua, a factura de uma ponte, o concerto de uma estrada, sobre o melhor meio de satisfazer-se uma exigencia desarrazoada do fisco, sobre um novo systema de mineração; discutia-se na melhor harmonia, porque cada um ahi concorria com o desejo de aprender ou ensinar alguma cousa, que julgava util a todos.

Ouviam-se com toda a attenção os conselhos dos homens velhos e varões sensatos: porque a experiencia e o bom senso são dois seguros pharoes na senda da vida.

Os moços que não queriam assistir a essas discussões iam se entreter no jogo da bola e em outros divertimentos; ou passeavam conversando innocentemente com as raparigas, sem ser preciso as mães estarem espreitando cautelosas, porque conheciam-se as bôas intenções de todos.

Durante este tempo os meninos brincavam, saltando na relva, emquanto as mães vigilantes observavam para que não lhes succedesse alguma desgraça, e moderando-lhes as travessuras quando se tornavam excessivas.

Na tarde do dia em que vimos Bernardo da Fonseca Lobo na maior afflicção por ter sido roubado pelo frade, que fugira, levando os seus diamantes, como contavamos no capitulo antecedente, nessa tarde, estando reunidos no passeio os moradores de Tejuco, na fórma do costume, conversava-se sobre uma india, que um mineiro contava ter visto, alta noite, espreitando a janella da casa de Bernardo, e que fugira quando elle se approximára.

A este respeito contavam-se varias historias. Uns contavam que, por vezes, a tinham visto durante a noite, vagando pelas ruas do arraial, emquanto repousavam os habitantes;

outros, que, na época da lua cheia, se via sempre no alto da Ibytyra, triste, silenciosa, assentada sobre uma pedra onde se verificára a carnificina dos indigenas: outros, que, muitas vezes, era ella encontrada atraz de alguma moita escutando o que se conversava. E sempre que se sentia percebida, fugia rapida como uma visão.

O mameluco Thomaz Bueno, que já é conhecido do leitor, contava que, quando ia para sua lavra no corrego do Piruruca, já por vezes tinha visto a india observando-o passar em pé no alto de um rochedo, que ficava um pouco arredado do caminho: e que, quando elle lhe apontava a espingarda, a india desapparecia ligeira no emmaranhado das selvas.

Asseverava mais Thomaz Bneno, que tinha conhecido a india, e era a bella *Cajuby*, de que já fallámos nesta narração, durante a *tabyra* de cujo casamento com o bravo *Icppipo* vimos os tejuquenses cortarem a sagrada *Acayaca*.

Então formavam-se differentes conjecturas sobre o apparecimento de *Cajuby*, e como teria escapado á mortandade dos indios; quaes seriam suas intenções e o que viria fazer no meio dos christãos.

Conversava-se sobre este assumpto, quando viram Bernardo da Fonseca Lobo que ia passando um pouco retirado.

Bernardo ia cabisbaixo, triste, abatido, pensativo, com os olhos fitos no chão e as mãos cruzadas atraz das costas.

— Olá! sr. Bernardo! gritou Thomaz Bueno. Então que tem que vai tão triste?

Bernardo não respondeu, e continuou a andar.

Thomaz Bueno repetiu a pergunta, segunda e terceira vez; e Bernardo não respondeu, continuando sempre a andar.

Bernardo soffre algum incommodo, não é aquelle o seu natural, disse um dos circumstantes, em ar de compaixão.

— E' verdade, disse outro; e necessitamos saber se elle tem algnma precisão. Aquillo não é atôa.

-- Vamos então ter-nos com elle.

— Não é preciso irmos todos; basta ir o sr. Thomaz Bueno em nosso nome.

Este pequeno dialogo mostra quanto naquelle tempo viviamos unidos, e como si constituissemos uma só familia de irmãos. Todos se interessavam pelo que succedia a cada um.

Thomaz Bueno destacou-se do grupo, e foi ter-se com Bernardo, a quem expoz o objecto de sua fraternal commissão.

—Fico muito obrigado aos senhores, respondeu Bernardo; e assevero-lhes que, presentemente, não soffro incommodo algum. E continuou seu caminho.

Thomaz Bueno levou a resposta aos seus committentes.

— Bernardo estará louco? disse um.

— Estará apaixonado? disse outro.

— Nem uma nem outra cousa, disse uma velha; já sei o que é: Bernardo hontem hospedou um frade em sua casa; á noite, o frade pregou-lhe taes sermões, que Bernardo ficou contricto e arrependido de seus peccados. Estará agora pen-

sando em alguma maneira de melhor servir a Deus e de não recahir no peccado. Santo homem!

Esta conjectura era a mais satisfactoria para o momento, e foi acceita.

Deixaram Bernardo e mudaram de conversação.

XIX

Cumpre agora explicar como o nome de *Cajuby* torna a apparecer nesta narração onde se têm visto factos tão maravilhosos, mas que se não podem negar, a menos de querer-se contestar uma tradição constante, o testemunho de pessoas fidedignas.

Já contámos como em uma noite se anniquilára a *taba* indiana, que existia no alto do Ibytyra. Nem todos os indigenas pereceram. *Cajuby* fôra do numero destes. Como escapára á carnificina, é o que não sabemos explicar.

De todos os que sobreviveram, foi a unica que não abandonou o sólo da patria; os mais indigenas, restos da *taba*, sem chefes, enfraquecidos, incapazes de continuarem a lucta com os *pêros*, dispersaram-se pelas mattas, ou foram-se reunir a alguma outra tribu alliada. O certo é que nunca mais delles se teve noticia.

Cajuby não se matou sobre o cadaver de *Ieppipo*, seu esposo de alguns momentos, como era o costume da tribu, e sobrava-lhe coragem; *Cajuby* não quiz acompanhar os outros indios, que se embrenharam nas mattas; preferiu ficar no meio dos inimigos, que se apoderaram da *taba*.

Vivia occulta nas circumvisinhanças do Tejuco.

Ella tinha de vingar primeiramente a morte de *Ieppipo*, depois a destruição da tribu. Dedicára-se a essa vingança.

Não era isso facil, mas uma india vingativa perece, ou realisa seus intentos.

Era *Cajuby* a india, que alguns tejuquenses diziam ter visto por vezes, alta noite, vagando pelas ruas do arraial, ou espreitando occulta o que se fazia, o que se conversava.

Era ella que, em todas as luas cheias, se via, a noite, triste e silenciosa, assentada em um rochedo no alto do Ibytyra. Alli fôra morto *Ieppipo* na noite de *jacyçobuoçu*. Ia choral-o.

Era ella que Thomaz Bueno costumava encontrar no caminho, quando ia para sua lavra do Piruruca.

Era ella, finalmente, que um mineiro, na noite de que fallámos no capitulo antecedente, viu espiando pela janella da casa de Bernardo da Fonseca Lobo. Escutára toda sua conversação com o frade; conhecêra que os *peros* davam grande valor a essas pedrinhas que ella encontrava nos leitos dos corregos e a que chamavam diamantes; vira o frade fugir depois de separar-se de Bernardo, e a tristeza e afflicção deste por ter sido roubado e ludibriado.

XX

Era noite quando Bernardo da Fonseca Lobo voltou para casa, sempre triste, silencioso, pensativo. Ninguem no arraial lhe arrancára uma palavra.

Não podendo dormir pela supor-excitação em que tinha a mente, assentou-se em um tamborete junto á mesa do quarto. Nem se lembrava de fechar as portas: é que tambem nesse tempo não havia ladrões em Tejuco, e ninguem se lombrava de segurar suas casas.

Estava como embrutecido. Nenhuma idéa lhe occorria. Só pensava nos diamantes, [illegible] riqueza que lhe roubára o frade. Seu espirito abatido não achava meio algum de resarcir o prejuizo.

As horas assim passavam. Já era bem tarde, e elle, sempre extatico, meditativo, quasi sem a consciencia de que existia. Tanto poder tem a ambição sobre o homem!

Bernardo, em um momento, tornára-se ambicioso.

O coração do homem é um abysmo insondavel; seus desejos são insaciaveis: são as cabeças da hydra quo renasciam à proporção que se decepavam.

Diogenes, coberto de trapos, foi um ambicioso singular, de máu gosto; Alexandro mentia quando declarava invejar a vida do cynico.

Não importa; a ambição é a condição vital do progresso; sem ella, o mundo estaria em completa immobilidade. Só cumpre refreal-a para não transpôr os limites do justo. Ahi está a difficuldade. A razão quasi sempre é impotente para sopear a paixão.

A noite já ia adiantada. No arraial, todos ropousavam. Dominavam as trevas e o silencio. Só se ouviam o piado lugubre de algum môcho perdido no alto dos rochedos e o monotono murmurio do corrego Tejuco quebrando-se nas fragas da Gupiára.

Bernardo da Fonseca Lobo era talvez o unico que á essa hora não dormia. Como o abutre da fabula, a ambição roia-lhe as entranhas. Seu quarto estava apenas illuminado pelo fraco e enfumaçado clarão de uma candêa pendurada na parede; a luz esvermelhada e vascillante fazia as sombras dos moveis dançar como espectros doudejantes.

Era no momento em que suas faces se incendiavam de colera, repassando-se-lhe no espirito, talvez pela millesima voz a traição do frade. Então teve um pensamento, ou antes uma inspiração infornal, que Satan lhe soprou na mente.

Levantou-se repentinamente. Seu rosto expandiu-se com uma expressão de indizivel alegria, que já passava a delirio. Esquecera-se de que estava só. E exclamou desvairado, nos paroxismos do contentamento:

— Eis a descoberta incognita do grande problema, cuja solução me torturava o espirito. Estupido que eu era! Não enxergava o que tinha diante dos olhos! Uma idéa tão simples, um meio tão facil...Archimedes não era mais estupido emmaranhado no labyrintho de seus circulos, procurando uma demonstração. Era Colombo tendo um novo mundo defronte e não o vendo. E' sublime a minha idéa. Vai, frade ambicieso; roubaste-me a riqueza, mas não me roubarás a gloria, a immortalidade. Parto immediatamente para Lisbôa, e vou denunciar a El-Rei o apparecimento de diamantos no Tejuco. Vou dar-lhe um novo mundo, mais que um novo mundo, riquezas com que comprará a Europa inteira, riquezas com que cobrirá os mares de esquadras poderosas, riquezas com que estenderá seus dominios á Asia, á Africa, á Oceania. Portugal dominará o mundo, Lisbôa será a rainha do universo! E eu serei mais celebre, mais immortal que os Cabraes e Colombos. Serei recompensado com a munificencia real. Pedirei tudo, e tudo se me concederá: governador de alguma capitania? E' pouco: vice-rei do Brazil? sim, serei vice-rei do Brazil: é a unica recompensa condigna! O meu nome passará á posteridade: daqui a mil annos, por toda a eternidade, se fallará em Bernardo da Fonseca Lobo, o descobridor dos diamantes do Tejuco, que levou sua patria ao auge da grandeza, e produziu uma revolução no universo. Partirei amanhã para Lisbôa; não, partirei hoje mesmo. Adeus, ó tejuquenses! adeus para sempre! Bernardo já não é o pobre mineiro, que cavava quotidianamente a terra para extrahir um pouco de ouro, com que subsistia: Bernardo é vice-rei do Brazil, vosso governador. Ouvireis os meus bandos publicarem-se pelas vossas ruas ao som de caixas, lereis o meu nome abaixo do nome de El-Rei. Serei grande, serei nobre, serei titular, serei tudo o que quizer!...

Mas agora occorre-me uma idéa: falta-me o essencial. Como hei de apresentar-me perante El-Rei sem levar alguns diamantes, que provem o seu apparecimento? Contentar-se-ha elle só com a minha palavra? Julgar-me-ão visionario: será uma decepção. Ha um meio: não irei hoje, irei amanhã, irei depois se fôr preciso. Mas se o frade preceder-me, se elle fôr dar a denuncia a El-Rei, antes de eu chegar? Este pensamento é horrivel! Lá se vão minhas esperanças, meus sonhos dourados!... Eu perder o meu governo, deixar de ser vice-rei!... perder tanta gloria,que me estava reservada no futuro!... perder tudo, titulos, honras, grandezas!... Frade hypocrita, maldito, traidor! E não possúo um diamante, um só... Darei tudo, ouro, muito ouro tudo o que possuo por um diamante. Um diamante neste momento vale um milhão, dous milhões, mil milhões! As circumstancias urgem, não ha tempo a perder. Darei metade de minha vida. Já me

parece ver o frade ante o throno de El-Rei dando a denuncia... Maldição sobre ti, frade excommungado! Sobre ti e sobre teu acolyto... Eu enlouqueço, não sei onde tenho a cabeça... Maldito, maldito, mil vezes maldito...»

E cahiu como anniquilado sobre o tamborete. Seus labios tremiam de colera. E depois começou a soluçar e a chorar como uma criança.

Nesse momento, a porta do quanto abriu-se com estrondo, e entrou um vulto.

Bernardo era homem de coragem e não se intimidou.

O vulto avançou e parou defronte.

Então Bernardo pôde entrever as feições de uma bella india, com seus cabellos corredios, olhares de fogo, fascinadores.

— Quem é, e que queres? perguntou elle com impaciencia.

— *Pero*, chamo-me *Cajuby*, não me conheces?

— *Cajuby*? recordo-me desse nome maldito: é o de uma infiel sepultada nas trevas do paganismo, condemnada ás penas do inferno. Não pereceste com tua raça impia? E' o teu espectro surgido do inferno, que vejo diante de mim? Retira-te, impia, e volta para as chammas donde sahiste.

Cajuby mordeu os labios para conter a indignação, que lhe inspiravam essas palavras.

CAJUBY. — *Pero*, não me perguntaste quem eu era?

BERNARDO. — Quem tu és? Eu o sei. Uma alma condemnada, que vem para escarnecer-se de mim, para mais torturarme. Sahe. eu ti conjuro. Retira-te.

CAJUBY (*com brandura*). — Acalma-te. Vê: sou um ento como tu. Não vim torturar-te. Sou unica no mundo; creatura entre os homens e as féras, tenho a todos por inimigos. Posso ser-te util.

BERNARDO. — Ser-me util? tu? Sabes o que quero?

CAJUBY. — Sei. Escuta-me.

BERNARDO. — Eu escutar-te? A ti, uma alma condemnada? Farás o que quero?

CAJUBY. — Farei. Não dizias ha pouco que quem te desse um diamante...

BERNARDO (*delirante*). Um diamante!... Fallas em diamante!... Tu, idolatra; tu, filha das trévas, conheces isso? Sabes o que dizes, comprehendes o alcance dessa palavra? Tu tambem queres me roubar?...

CAJUBY. — Ouve-me, *pero*: quero dar-te diamantes, muitos diamantes.

BERNARDO. — Retira-te, retira-te de diante de meus olhos! Sahe, condemnada das chammas eternas! Vai cumprir a tua pena. Não quero teus diamantes; são brazas do inferno donde sahiste para vir tentar-me. Feiticeira, eu te esconjuro. Não venhas perder a minha alma, que sou um verdadeiro christão.

CAJUBY (*abrindo um picuá* (29) *cheio de diamantes*). —

---

(29) Peça ôca, de chifre ou de outra materia, em que os mineiros guardam os diamantes.

Vê: não são brazas do inferno. São diamantes verdadeiros, como os que pedias ha pouco.

BERNARDO. — Diamantes ? Sim, são diamantes ! Dá-m'os... Eu os quero. (*Avança para tomal-os*).

CAJUBY. — Não, não os dou; vendo-os.

BERNARDO. — Quanto queres ? Eu os compro.

CAJUBY. — Ha pouco offerecias por um diamante tudo o que possuias.

BERNARDO. — E não te basta ? Queres mais ?

CAJUBY. — Não preciso de tua fortuna...

BERNARDO — Queres então a minha alma? Queres um pacto infernal ? E's o diabo com mascara de mulher ? Sahe, tentação ! Espirito das trevas. Não me tentarás. Não te venderei a minhaalma..

CAJUBY. — Não quero tua alma. Já t'o disse: sou um vivente deste mundo, como tu.

BERNARDO. — Se não és Satan, falla, que queres ?

CAJUBY. — Troco os meus diamantos por tua espingarda.

BERNARDO. — Por minha espingarda ?

CAJUAY. — Sim.

BERNARDO. — E para que ?

CAJUBY. — Não te pergunto o que pretendes fazer dos diamantes.

BERNARDO. — Para fazeres mal a alguem ? Não quero, retira-te.

CAJUBY (*fazendo os diamantes brilhar aos olhos de Bernardo*). — Não tens precisão delles como dizias. Adeus. Eu os levarei.

BERNARDO (*detendo-a*). — Não, não sahirás. Dá-me os diamantes. Tentação ! Toma a espingarda. Não matarás a ninguem: juras, não é assim ? Não és capaz disso. E's bôa, és compassiva.

Fez-se a troca. *Cajuby* sahe apressada sem proferir uma palavra, e desapparece no meio das arvores e rochedos, que cobriam a esplanada da Gupiára.

Bernardo examinou os diamantes: eram muitos e lindissimos. Ficou deslumbrado.

Pouco tempo depois, estava prompto e partia para Lisbôa.

Emquanto Bernardo da Fsnseca Lobo vai a caminho de Lisbôa, em busca do vice-reinado, contaremos o que, no dia seguinte, succedia em Tejuco. Em brove, levarei o leitor á capital do reino, para assistir á sua entrevista com El-Rei.

XXI

Cajuby, sahindo da casa de Bernardo da Fonseca Lobo, atravessou a Gupiára, subiu o Ibytyra, e foi postar-se no meio dos rochedos, que escavam o *Tapynhangá*.

Tapynhangá era uma caverna profunda, medonha, sombria, descendo pela terra quasi perpendicularmente, no lado occidental do Ibytyra, onde o monte se quebra abruptamente; um abysmo cercado de rochedos alpestres, cujo fundo não fôra conhecido. Por ahi escoavam-se as aguas pluviaes e enxurros da planura, sem que se soubesse por onde tinham expedição.

Os indigenas a denominavam *Tapynhangá*. palavra que póde traduzir-se por — Caverna do Diabo.

Na noite da destruição da *taba*, como já tentámos descrever em um dos capitulos anteriores, o campo ficára alastrado de milhares de cadaveres. Os tejuquenses não tiveram tempo e nem forças para enterral-os; e temendo que, si ficassem expostos, sua putrefacção infeccionasse a atmosphera, e produzisse alguma epidemia, resolveram lançal-os no *Tapynhangá*. Depois atiraram por cima terra, arêa, pedras, gorgulho, tudo o que servia para cobril-os.

Tal foi a sepultura dos indigenas.

Pedimos agora licença ao leitor para uma pequena digressão a respeito do *Tagynhangá*, ou Caverna do Diabo, como lhe queiram chamar.

XXII

Em tempos remotos, — não poderemos indicar a data com precisão ; só possuimos documentos, como sejam listas de serviços, de praças, e um livro de receita e despeza, que só alcançam o anno de 1722, — em tempos remotos, dizia eu, organizara-se em Tejuco uma associação com o fim de minerar-se ouro no leito do corrego de S. Francisco, onde este faz barra com o Piruruca.

Como o cascalho do corrego, nessa paragem, achava-se em grande profundidade, e fazia muita agua, que transudava do interior, foi preciso extrahil-a assentando-se uma roda para mover bombas de rosario, as primeiras que se viram em Tijuco. Dahi proveio chamar-se — Lavra da Roda — e — Sociedade da Roda.

Tiraram muitas arrobas de ouro porque o logar era riquissimo. Estava na confluencia de dous corregos auriferos ; as aguas, encontrando-se, revolviam o cascalho, e o metal, como mais pesado, devia necessariamente ir-se depositando no fundo : razão de sua riqueza.

Diremos em parenthesis que fez parte desta associação o avô do nosso distincto patricio, padre José da Silva e Oliveira Rollim, que lá se acha presentemente degradado nas Pedras de Ancoche, definhando aos poucos, por se ter envolvido na conjuração de Tiradentes (30) E' crime aspirar-se á liberdade? Por felicidade, outros conjurados do Tejuco não foram conhecidos.

Em 1752 a Sociedade da Roda obteve licença de El-Rey D. José I para minerar na vertente oriental do Ibytyra ou Morro de Santo Antonio, no logar chamado Gupiára, podendo explorar um rico vieiro, que ahi existia na quebrada do morro, e ainda hoje existe, porque só aproveitaram os cabeços, que deram arrobas de ouro. (31) Para esta minera-

---

(30) O padre José da Silva e Oliveira Rollim, condemnado como inconfidente, foi afinal perdoado pela rainha d. Maria I, e veiu acabar seus dias em Tejuco, soffrendo enfermidades, que adquiriu na prisão.

(31) Ainda hoje este rico vieiro, no centro da Diamantina, está por se explorar. Os antigos, logo que chegaram a certa profundidade, o abandonaram. Uma companhia que se organizasse para a sua exploração, poderia colher grandes resultados. Já o dissemos nas Memorias do Distincto Diamantino.

ção, a Sociedade da Roda conduziu do Rio das Pedras um rego d'agua na distancia de quatro milhas, e é o que ainda hoje abastece o arraial. A pedra para tanques e outras obras da mineração foi quebrada e extrahida das rochas do *Tapynhangá*.

Por essa fórma alargou-se a entrada do *Tapynhangá*; e tendo-se penetrado até á profundidade de duzentos pés, nas escavações que se faziam, começaram a encontrar-se ossadas humanas, esqueletos ainda inteiros, fragmentos de *maracás*, *ywapemmes*, *cocares*, *macanas*, *arcos*, *flechas* e outras armas pertencentes a indios.

Succedeu que nesse tempo se achasse em Tejuco um naturalista allemão, o dr. Zschokkeffs, que viajava pelo Brazil, encarregado, dizia elle, pelo seu governo, de fazer observações scientificas.

Zschokkeffs tendo assistido ás excavações, que os mineiros faziam no *Tapynhangá*, com o fim de tirarem pedra, perguntou ao desembargador Sancho de Andrade Castro e Lanções, quo se achava presente e era então intendente, que fósseis eram esses que appareciam.

O intendente explicou-lhe, como eram ossadas de cadaveres de indios, que ahi haviam sido lançados, e que nada offereciam de extraordinario.

Zschokkeffs, tendo voltado para a Allemanha, dez annos depois publicou uma obra em cinco volumes, com estampas, intitulada — Historia da criação e transformação do globo. Ulm. 1763. — Possúo essa obra escripta em allemão, e para que o leitor faça uma idéa da maneira por que grande numero de viajantes descrevem e contam o que dizem ter visto nos paizes por onde viajaram, vamos traduzir e transcrever um trecho, que nos é relativo.

No 2.º volume, á pag. 325, diz Zschokkeffs o seguinte:

« A geologia é uma sciencia que, podemos dizer, data de hontem. E, entretanto, nenhuma outra em tão curto tempo tem feito mais rapidos progressos, dissipado prejuizos, erros e superstições mais inveteradas; nenhuma outra tem dado provas mais incontestaveis do poder do genio humano, resolvido mais vastos problemas, e excitado um mais vivo interesse.

« Quaes são as bases da geologia? — A arêa e as rochas, que calcamos aos pés.

« Entretanto, temos conseguido reunir os archivos do mundo primitivo; e desenterrámos desse immenso thesouro a historia positiva e distincta das differentes épocas do globo, das gerações de plantas e animaes, cuja idade remonta a uma tal antiguidade, que, comparada com a do genero humano, é um nada sem valor.

« A geologia, estudando e examinando a crosta terrestre, demonstra até ao grão da evidencia, confirmando as tradições biblicas, que, em uma época, milhões de annos posterior á criação, um immenso cataclysma transformou completamente a face da terra, mudou a natureza, diminuiu sua vitalidade, degenerou as especies e extinguiu outras. Do estudo dos fós-

mam da caverna, e quando passam é de longe, e persignando-se. Não me foi possivel desabusal-os dos prejuizos.

« Com muita difficuldade, consegui que me deixassem ir vel-a. Foi-me preciso dizer-lhes que eu conhecia uma oração muito proficua para afugentar os espiritos malignos. Mas nenhum quiz acompanhar-me, e deixaram-me ficar, aterrados com a minha temeridade, julgando-me já um homem morto.

« Assim parti, unicamente seguido pelo meu particular amigo J. Kupferschiefer, habil desenhista, que me acompanhava sempre em minhas viagens. Como me disseram que a caverna era escura, apercebi-me de tochas de que usam os naturaes, feitas de uma graminea, que chamam *tiririca*, untada de resinas.

« Nunca tive uma idéa mais feliz do que nesse dia pelos importantissimos descobertos que fiz, e que vão de uma vez confirmar as sublimes theorias geologicas! Os principios estão comprovados, a sciencia está salva! E a mim cabe parte da gloria, por haver contribuido para a sua sustentação.

« O *Tapynhangá* é uma espaçosa caverna, immensa, profunda, coberta por um grande rochedo, que sobresahe do lado do occidente. Descemos por uma longa escadaria natural, de pedra, até á profundidade de 1226 pés abaixo do nivel da entrada. Grossas columnas formadas pelas estalactites e concreções pedregosas pareciam sustentar a abobada granitica.

« Iamos acompanhados de tres criados nossos, allemães, que conduziam as tochas. As luzes já pouco esclareciam pela falta do oxigenio, quando chegámos ao fundo da caverna. Levado pelo amor da sciencia a que tenho dedicado minha vida inteira, ordenei que se fizessem algumas excavações no sólo.

« Foi uma inspiração divina que tive. O mais rico archivo do mundo primitivo patenteou-se aos meus olhos : parecia que a providencia havia colligido, folha por folha, a historia das épocas geologicas dispersa, por todo o globo terraqueo, para deposital-a nessa caverna sombria em um canto do mundo. Julguei estar vivendo em um tempo anterior á creação do homem, ou ao menos em uma época anti-diluviana!

« Oh! sublimidade da sciencia! Oh! grandeza do genio humano, que vai até ás entranhas da terra descobrir os arcanos que a natureza parecia occultar á creatura!

Para dar uma idéa, posto que imperfeita, do importante descobrimento que fiz, vou descrever os fosseis que appareceram nas excavações, a que mandei proceder. E para melhor ser comprehendida, irá acompanhada das respectivas estampas, que foram fielmente tiradas, a meu pedido, pelo sabio J. Kupferschiefer.

« A figura n. 1 (32) representa um gigantesco *dimornis* (do grego *deidos* terrivel, e *ornis* passaro), ave de rapina dos tempos antidiluvinos, cuja especie já não existe. Tinha noventa

(32) Esta figura, assim como as mais, de que se fará menção, vem reproduzidas no manuscripto.

palmos de altura e cem de comprimento. Congenere do condor, que conhecemos, era *fissipede*, com tres garras anteriores e uma posterior. Tinha o bico arqueado como o da aguia, começando-se a curvar algum tanto distante da base, coberto de pelle nua, na qual se achavam situados os narizes ; ambos os olhos scintillantes, as unhas aduncas, o halito forte, o grito horrivel, o corpo robusto, a indole activa, indomavel e ao mesmo tempo generosa ; o vôo curto e pesado. Tão prodigiosa era a força do *dinornis*, que podia elevar até ás nuvens um elephante de nossos tempos, sustentando-o nas garras com tanta facilidade como uma aguia faz com um pequeno animal.

« Conheci e reconstrui esta ave só por algumas penas da cauda, que encontrei, cada uma das quaes tinha vinte e dois palmos de comprimento ! (33)

« A figura 2 representa um enorme tatú (*dasypus gigans*), que reconstrui com os fosseis que encontrei. Era do tamanho de um grande elephante. Herbivoro, com quanto tambem se alimentasse de pequenos animaes, na falta de hervas, seu principal alimento. Tinha unhas agudas e proprias para cavar a terra ; a cabeça cinzenta com laivos amarellados. A concha que o cobria, e lhe servia como de escudo, era composta de escamas imbricadas, dispostas em anneis e de fórma hexaedrica.

« Reconstrui este animal por ter achado um fragmento de sua concha. (34)

« A figura 3 representa o *homo diluvii testis*.

« E' o esqueleto completo de um gigante, achado na camada intermedia dos fosseis do *Tapynhangá*. Pertencente a um individuo da primeira raça humana, que, com o diluvio, desappareceu da face da terra. Por elle se póde concluir quanto a nossa especie degenerou physicamente depois desse immenso cataclysma.

« O esqueleto tem cento e oitenta pés de altura ; a tibia tem quarenta ; o craneo tem setenta e cinco de circumferencia. Eu e o meu amigo J. Kupferschiefer entrámos ambos em uma das cavidades dos olhos ; passâmos pelo craneo e sahimos pela bocca. Ao sahir Kupferschiefer tropeçou em um dos dentes incisivos, e deu uma quéda, que lhe ia sendo bem fatal.

---

(33) O leitor terá comprehendido o acervo de falsidades, que Zschokkeffs escreveu para seus patricios a respeito de Tejuco. As pennas que se encontraram no *Tapynhangá*, e que se lhe apresentaram, foram de araras, de que os indios faziam seus *cocares*. Entretanto, elle lhes dá vinte e dois palmos de comprimento ! e com ellas reconstrue o seu fabuloso *dinormis!* Eis como os extrangeiros, sabios improvisados, escrevem suas viagens. (Nota do manuscripto).

(34) O sabio naturalista viu fragmento de uma *maracá* ou cabaça que tomou por concha do tatú ou *dasypus gigans*. (Nota do manuscripto).

« *O homo diluvii testis* era de genio irrascivel, indolente, astuto, falto de fé em suas transacções, turbulento, ambicioso, soberbo, sem amor, sem caridade, sem sentimentos religiosos, sem estimulos de honra e de virtude, um selvagem, quasi um animal bravio. Devia ter cabellos negros, nariz aquilino, labios grossos, cutis morena. Todos estes predicados colligi possuir o *homo diluvii testis* — por ter notado uma curvatura quasi imperceptivel na ultima phalange do dedo minimo do pé esquerdo! Oh! grandeza da sciencia!

« Devia ser herbivoro, com quanto seu estomago, insensivel á acção do mais forte veneno, podesse digerir a pedra e o ferro. (35) (36).

« Eis como a sciencia e as observações geologicas confirmam as tradições biblicas. Deus se arrependera, diz o Genesis, de haver criado o homem, porque seus crimes tinham

---

(35) O esqueleto do — *homo diluvii testis* — de que falla Zschokkeffs, é de um indio que lhe foi apresentado. (Nota do manuscripto).

(36) Zimmermann diz o seguinte: « Foi uma salamandra que deu motivo ao estranho engano, em consequencia do qual julgou-se ter-se achado o homo fossil. Eis o que aconteceu. No principio do ultimo seculo, um sabio suisso Scheuchzer annunciou pomposamente haver descoberto um esqueleto fossil humano, *homo diluvii testis*, como elle tratou de chamar-lhe. Foi em Oeningen, sobre o Rheno, que o achado se fizera: a cabeça, a columna vertebral, os braços, as pernas segundo o naturalista daquelle tempo — pertenciam a um esqueleto humano. Durante muito tempo, este *preadamita* foi muito fallado, mas bem que se invocasse em apoio de sua existencia a descoberta nas costas da Guadalupe de verdadeiros esqueletos humanos petrificados, reconheceu-se afinal sua verdadeira natureza, graças á anatomia comparada.

«Provou-se que os fragmentos encontrados em Oeningen pertenciam a uma salamandra gigantesca, o que foi logo confirmado por se descobrirem nas margens do Rheno e no Japão esqueletos completos destes animaes anti-diluvianos de 3 a 5 pés de comprimento...

« A figura da pagina seguinte representa um esqueleto completo desta especie de salamandra, ao redor do qual traçaram-se os contornos provaveis do corpo do animal. Vendo-se o desenho, é difficil comprehender-se como se póde confundir esse esqueleto com o homem. Devemos notar que a principio só se tinham achado fragmentos; que faltava quasi um terço do esqueleto a contar das extremidades posteriores: que os braços estavam mutilados, entretanto que os dedos achavam-se perfeitamente conservados; e que, emfim, uma semelhança longinqua com o esqueleto humano podia — auxiliando a imaginação — converter-se em uma identidade perfeita no espirito de quem queria que sua vontade se transformasse em realidade. »

chegado ao cumulo ; e, intimamente commovido, exclamára:— Destruirei os seres, que criei, e farei desapparecer da face da terra desde o homem até aos animaes, desde os reptis até aos passaros do céo ; porque me arrependo de tel-os criado.

« Peccador, arrepende-te de tuas culpas ante o deploravel esqueleto de um condemnado do mundo primitivo.

«Betrubetes Beingerust von einem alten Sunder,
«Erweiche, Stein, das Herz der meuen Bosheitskinder...

« As figuras 4, 5, 6, 7 e 8, representam pingos de chuva petrificados, que encontrei na terceira camada dos fosseis, de crystalizações mais ou menos regulares ; alguns delles pesavam mais de duas arrobas. (37)

« Pela descoberta destes petrificados podemos fazer uma idéa approximada da prodigiosa quantidade d'agua, que as nuvens despejavam nos tempos primitivos. E assim julgo que, de hoje em diante, deve cessar inteiramente a disputa tão renhida entre os doutores da egreja sobre a maneira como se realisára o diluvio universal, julgando-se impossivel— a menos de recorrer-se a uma causa sobrenatural — que uma chuva só de quarenta dias cobrisse toda a terra e as mais altas montanhas ; egualmente ficarão confundidos os deistas que negam a existencia desse grande cataclysma por não poderem explical-o. »

Zschokkeffs continúa a apresentar outras figuras, como as do *pterodactulo*, — *dinotherium*, — *hyotherium*, — *paleotherium*, — *mammoyth*, — *mastodonte*, — *mylodonte*, — *hoplophoro*, etc., etc., de passaros anti-diluvianos, de insectos e até de infusorios, ou animaes microscopicos, que no mundo primitivo, diz elle, eram do tamanho de um boi do nosso tempo !

O leitor nos desculpará esta digressão, que fizemos unicamente para demonstrar a impostura dos pretendidos naturalistas, que viajam a pretexto de observações scientificas em paizes longinquos ; e contam mil falsidades, quando pensam que não hão de ser contrariados.

Agora relataremos o fim da historia que iamos narrando

---

(37) Zschokkeffs viu pedaços de crystaes, que tomou por pingos de chuva petrificados.(Nota do manuscripto).

XXIII

No dia seguinte ao do scena, que presenciámos,á noute, em casa de Bernardo da Fonseca Lobo, uns seis ou sete mineiros, sahindo do arraial do Tejuco, dirigiam-se para as lavras do Piruruca.

Nas cabeceiras do corrego tinha-se feito um descoberto importante. Ahi fumegava o rico vieiro de ouro, cujas cabeças, tempos depois, se descobriram na lavra denominada -- Bicas, — que existe na vertente opposta. O material encontra-se geralmente disseminado nas terras superiores. Algumas linhas de um saibro grosso em direcção horisontal eram a melhor formação, e posteriormente muito concorreram como indicio mais ou menos infallivel para novos descobertos.

Fòra essa a razão porque muitos mineiros do Tejuco tinham serviço no Piruruca. Sahiam do arraial pela madrugada, trabalhavam durante o dia, e voltavam á tarde.

Eram 10 horas do dia, quando o grupo de mineiros, de que fallámos, subia o Ibytyra.

Já era bem tarde, dirá o leitor, para irem ao serviço. E' verdade, era bem tarde; mas nessa manhã tinha occorrido uma novidade no arraial, e dera motivo a retardarem-se.

E' sabido como nas pequenas povoações qualquer acontecimento, por insignificante que seja, põe logo tudo em agitação.

Para furtar-nos ao trabalho de contar o que succedêra, vamos ouvi-lo da bocca dos mesmos mineiros que iam conversando.

— A esta hora, dizia um delles, bem podiamos já ter tirado uma cata. se não fosse a demora, que tivemos em procurar por toda a parte o sr. Bernardo.

— E eu que já bem podia ter lavado o esmeril, que deixei hontem por apurar; e tanta precisão, que tenho dessa apuração para completar certa quantia.

— E foi tudo trabalbo perdido, porque ninguem sabe para onde fôra o tal homem.

— Querem saber a minha opinião? Eu creio que Bernardo enloqueceu e fugiu de casa; queira Deus não lhe succeda alguma desgraça.

— Mas para onde iria? Deviamos continuar a procural-o.

— Se elle não apparecer até hoje á noute, é porque lhe haverá succedido alguma cousa.

— Que nos diz a isso, sr. Thomaz? Qual a sua opinião so-

bre o desapparecimento de Bernardo? Não acha que é bem extraordinario?

Es'a pergunta foi dirigida ao mameluco Thomaz Bueno, qua até então caminhava silencioso.

— Eu não sei lhes responder, meus senhores, disse o mameluco. Isso para mim ainda é mysterio que não posso comprehender, não obstante as explicações, que se têm querido dar. E' como diz o velho professor do latim — *tot capita, quot sententiœ*; cada um tem sua opinião differente. Que ha ahi mysterio é o que não soffre duvida.

— E porque o senhor diz isso?

— Digo, porque digo. E' porque sei de certas particularidades, que os senhores ignoram.

— Que é então que o senhor sabe e que nós ignoramos?

— Vou lhes contar o negocio desde o principio, e depois façam o juizo que quizerem. Os senhores sabem que hontem, á tardinha Bernardo appareceu no passeio, triste, abatido, silencioso; e apezar das instancias que fizemos para contar-nos o que tinha, nada quiz declarar. Mãe Gertudes conjecturou que seria porque Bernardo ia-se confessar, e estava fazendo o seu exame d consciencia. Assim nós nos tranquillisámos, e ninguem mais se lembra disso. Hoje, porém, indo eu á sua casa, pelas cinco horas da manhã, a convidal-o para o serviço, acho as portas todas abertas, e nada de Bernardo; dirijo-me á estribaria e tambem não encontrei o seu animal. Era celebre: sahir om viagem sem participar a ninguem e deixar suas portas escancaradas! Fui indagar dos visinhos, para ver se colhia algu na informação. Mãe Maria, que mora ahi perto, sómente soube informar-me que hontem vira Bernardo recolher-se para a casa pelas nove horas da noute.

— Pelas nove horas da noite? disse um dos mineiros. E' contra o seu costume. Alguma paixão....

— Escuta o resto, interrompeu Thomaz Bueno. Eu conversava com mãe Maria a este respeito, quando mãe Genoveva, que mora defronte, ouvindo a nossa conversação, fez-me um signal e chamou-me de parte.

— Mãe Genoveva sempre sabe de tudo! atalharam alguns mineiros.

— Escutem. Mãe Genoveva então contou-me, em particular, que, estando em sua janella, alta noite, ouvira vozes confusas em casa de Bernardo e pareceu-lhe que ahi se brigava e apesar da distancia, com o silencio da noite, ella uma occasião poude ouvir Bernardo gritar como enfurecido « diamantes! »

— Dicididamente Bernardo estava louco, atalhou um mineiro.

— Escutem, senhores; não me interrompam. Estava louco ou não: é o que não sei dizer. Contou-me mais mãe Genoveva que durante este tempo passeava em cima do telhado da casa um grande gato preto.

— Da casa de Bernardo?

— Sim, da casa de Bernardo. Que o gato, algumas vezes,

parava, e como que escutava o que se dizia dentro : então seus olhos brilhavam ao longe nas trévas como duas brazas ardentes.

— E como ella via o gato, si a noite estava escura ? objectou um mineiro.

— Meus senhores, não me peçam explicações sobre cousas sobrenaturaes; principalmente quando o espirito maligno...

Thomaz Bueno fez uma reticencia e persignou se. Os mineiros tambem persignaram-se em silencio. Depois de alguma pausa, o narrador continuou :

— Assim esteve mãe Genoveva por muito tempo em observação, e sempre as mesmas vozes alteradas dentro da casa, e o mesmo gato a passear no telhado. Finalmente, ella viu um vulto sahir correndo pela porta, e desappareceu entre os rochedos da Gupiara; no mesmo instante, o gatosoltou um miado aterrador, seus olhos brilharam com um fogo extraordinario, pulou em terra e desapparecer atraz do vulto. Então ella diz que sentiu um cheiro de enxofre tão forte que suffocava. Atterrada com o quo acabava de presenciar, com difficuldade conseguiu a fechar a janella e recolher-se para seu quarto. Que levara todo o resto da noite rezando, e por isso que de nada mais sabia. Tambem eu, de nada mais sei. Indaguei de outros visinhos, e nada poderam informar-me. Ninguem vira Bernardo. Já corremos todo o arraial; tudo so pôz em movimento, e não ha noticia para onde fôra.

— E uma outra circumstancia, sr. Thomaz Bueno, que o senhor esqueceu-se do referir: é que antes de hontem esteve hospedado em casa de Bernardo um frade da Terra Santa, que constou viera em cobranças, e tambem desapparecêra, sem que se soubesse para onde fôra.

— E' verdade. Eu até já havia arranjado umas cincoenta oitavas de ouro que devo, como irmão, de minhas annuidades: e agora não sei a quem hei de entregal-as.

— E eu tambem.

Disseram outros mineiros.

— Que o frade se fosse : isso nos não importava, continuou Thomaz Bueno; assim como veiu não sabemos donde, bem poderia se ir quando quizesse. Mas Bernardo desapparecer assim mysteriosamente de entre nós, sem darmos causa, sem sabermos porque, sem se despedir, sem dizer para onde ía : isso é muita ingratidão para com seus patricios, de quem elle não tinha motivo algum de queixa, e que, pelo contrario, o estimavam.

— Não é só nisso que penso; o que me faz mais scismar é o gato preto e o mais que viu e contou mãe Genoveva.

— Emfim, meus senhores, o que sei lhes dizer, é que o que tiver de acontecer ha de acontecer.

Iam assim conversando, quando chegaram ao alto do Ibytyra. Thomaz Bueno então, fazendo uma diversão, disse :

— Sempre que passo por aqui lembra-me que nestes mesmos campos, que se estendem ante nossos olhos, já existiu outr'ora, — haverá dez annos a esta parte — uma poderosa

tribu indiana, que bem nos incommodou quando tratavamos de estabelecer-nos lá embaixo no Tejuco. Olhem, acolá, naquelle plano era a sua *taba* que se espraiava pela planura, e ia até á aresta do quebrado do morro, onde principia a Gupiara. Naquelle morro á direita, dominando a *taba*, estava a choça do cacique, o celebre *Cururupeba*; mais embaixo, fazendo cumiada com aquella ponte de rocha, que lá apparece no meio das selvas, era a de *Iepippo*. Lá no alto, onde está o cruzeiro, erguia-se a grande arvore de cedro que elles chamavam *Acayaca*; olhem, ao redor ainda se vêem algumas pedras lavradas toscamente, das bancadas, que cercavam o recinto da *ibycoara*; outras têm sido conduzidas para o arraial e applicadas em construcções. Perto daquella arvore de jatobá, que fica á esquerda, levantava-se o poste onde com a *ywapemma* se amarravam os prisioneiros, que os anthropophagos condemnavam a ser *bucanados*. Eu tinha entrada franca na *taba*, e conhecendo a lingua dos indignas, muitas vezes passei ahi dias inteiros com elles, observando-lhes as crenças e costumes, os meios de defesa e tactica de guerra; era o meu estrategema para vencêl-os, e que teve excellente resultado.

— Mas isso era uma traição, sr. Thomaz, atalhou um dos mineiros.

— Uma espionagem.

— Nenhum interesse no mundo, nenhuma consideração, nem mesmo o amor da patria, me forçaria a ser espião. Esta palavra não sei o que tem de repugnante.

— Sou tambem de sua opinião.

— E tambem eu.

Disseram varios mineiros.

— Pois eu não entendo assim, ao menos quando se trata de indios, disse o mameluco.

— Os indios são creaturas de Deus como nós outros.

— Tambem as féras são creaturas de Deus.

— Mas os indios são creaturas racionaes, e que podem ter entrada no Paraizo.

— Quaes creaturas de Deus! exclamou o mameluco com mau humor. Indio não é gente, é um selvagem, é um animal do matto. Logo que elle não segue a religião christã, logo que elle não se veste como nós, é como se não fosse homem; e não é na realidade. Matar um indio é o mesmo que matar um cão; ou ainda menos, porque o cão não offende a Deus, e o indio vive em constante peccado de idolaria, cannibalismo e outros.

Nesse tempo tinham chegado ao ponto mais agreste da planura, todo dentado com pontas de rochas denegridas pelo tempo, no meio de um espesso emmaranhamento de arbustos achaparrados.

Thomaz Bueno continuou:

— Indio é creatura de Deus, dizem os senhores: é o que veremos. Olhem: por aqui anda uma india, chamada *Cajuby*, nome pagão, que conheci no tempo da *taba*, e que não

sei como sobrevivêra a seus damnados irmãos. Muitas vezes, a tenho visto ali em cima daquelle rochedo fazendo-me foscas, como se eu lhe tivesse medo. Que olhares, quo me lança!... parece querer devorar-me com os olhos. Tudo isso porque desmanchei-lhe o casamonto: casamento não; não devo dar essa palavra sagrada á reunião peccaminosa de idolatras. Quando lhe aponto a espingarda, ella desapparece nos silvados. Deixa estar: um dia hei de dar-lhe cata; quando menos pensar, hei de metter-lhe uma bala na cabeça; será a primeira vez que a encontrar. Olhem agora aqui o *Tapynhangá* ou Caverna do Diabo: terá sido talvez o antro de algum *pagé* ou feiticeiro desses idolatras, e que entretinha relações com os espiritos infernaes. Atraz destes negros rochedos, muitas vezes mo occultei, espreitando o que faziam os indios, o que diziam, o que projectavam em minha ausencia. Os estupidos! jurei que havia de mostrar-lhes a differença quo ha entre um christão e um idolatra. E' peccado armar mundéos ás feras e espreitar-lhes os passos?

— Sr. Thomaz, interrompeu um mineiro, essa linguagem não é de christão. Não é bom tentar a Deus.

— Ora deixe-se de escrupulos. O senhor não é mais christão que El-Rei Nosso Senhor, e ha lei que manda matar e escravisar os indios.

— Escravisar, sim; mas matar, não.

— Não se manda fazer lhes guerra? E guerrear não é matar?

Depois de uma pausa o mameluco continuou:

— Lembra-me, como se fosse hoje, a noite em que subi por aqui, por este mesmo caminho, que então era um trilho apertado, escabroso, cortado de saltos; atravessei estes mesmos penedos, acompanhado de doze bravos e robustos tejuquenses, todos nós apercebidos de machados e foices: iamos cortar a arvore infernal, a *Acayaca*, que os indios adoravam, e em cujas ramagens, á noite, pousavam os demonios, seus conselheiros e protectores. Lembra-me que aqui neste campinho nos foi preciso esperar que a lua nascesse, porque era quando deviam começar a *tabyra* e as ceremonias da união illicita da tal *Cajuby*. Esperavamos soffregos. Eramos treze companheiros: todos gente intrepida e corajosa. E que fatalidade! Os doze já pereceram, alguns de desastres e outros do um modo mystorioso e inexplicavel. Esta coincidencia tem-me feito scismar algumas vezes, apezar de eu ser desabusado e não crer em superstições. Só resto eu: mas louvado Deus, góso bastante saude e pretendo ainda viver bastantes annos. Como eu dizia, esperavamos neste caminho que a lua nascesse; quando ella foi apparecendo lá no alto daquelle...

Thomaz Bueno não terminou a phrase. Do traz do mesmo rochedo, para onde elle apontava, ouviu-se um tiro; uma bala atravessou-lhe o craneo, e elle cahiu morto, como se fosse fulminado por um raio.

Os mineiros, attonitos, viram sahir uma india do logar donde partira a detonação; a india tinha nas mãos a arma fumegante; depois subiu ligeiramente as rochas do *Tapynhangá*, e desappareceu no abysmo. Tudo isso se fez rapido, como se fòra uma visão.

A india era *Cajuby*.

XXIV

Hontem, 26 de dezembro de 1796, minutos antes de meia noite, tendo nós acabado de tirar a limpo o capitulo antecedente desta narração, rasgámos em tiras os borrões; abrimos janella que dá para nosso pateo e ahi as atirámos. Depois fechamol-as e recolhemó-nos a nosso quarto, disposto a continuar o trabalho no dia seguinte.

Bem longe então estavamos de pensar que haviamos de escrevermais o presente capitulo, tratando exclusivamente de nossa pessoa. Para isso pedimos licença ao leitor que, com essa pequena digressão, conhecerá o estado do oppressão em que vivemos nós, os habitantes do desgraçado Tijuco.

Hoje começavamos a levantar-nos do leito pelas 5 horas da manhan, quando nos bateram á porta; mandámos abrir e entrou um meirinho da intendencia.

O meirinho intimou-nos uma portaria, que trazia, do intendente Dr. João Ignacio do Amaral Silveira, em virtude da qual deviamos ser conduzido incontinenti á sua presença.

Levantámo-nos, vestimo-nos e seguimol-o.

Chegámos a casa do intendente. Este se achava na sua sala de audiencias, assentado junto a uma mesa, tendo o escrivão a seu lado.

— Mandei chamar a Vmc. para um interrogatorio, disse-nos o intendente, e poz-se como por distracção a folhear o Regimento Diamantino, á espera que o escrivão acabasse do aparar uma penna, cujo bico tinha difficuldade de enxergar, porque ainda não era bem dia.

Estes interrogatorios, e cousas peiores, são tão frequentes entre nós, que nada estranhámos, e com toda a impassibilidade esperámos que se desse começo.

O escrivão, depois de tres ou quatro bocejos, aparou a penna. Depois dobrou uma uma folha de papel almaço pelas margens, ao comprido, endireitou os oculos, molhou a penna, e dirigindo-se ao intendente disse laconicamente :

— Está prompto.

O intendente fechou o Regimento e voltou-se para nós, perguntou-nos qual nosso nome, naturalidade, idade, filiação, estado, profissão e não nos lembra o que mais. Demos as competentes respostas e tudo se escreveu.

Ahi vão mais as perguntas, que nos foram feitas e as respostas que demos.

P. — Vmc. esteve hontem em sua sala até bem tarde. A que hora foi-se deitar ?

R.— Recolhi-me ao meu quarto pouco antes de meia noite.
P.— Quem estava em sua companhia?
R.— Ninguem. Estava só.
P.— Que fazia a essas horas da noute?
R.— Escrevia.
P — Que era que Vmc. escrevia?
R.— Sobre muita cousa: sobre a historia, por exemplo.
P.— Então não estava fazendo contas?
R.— Contas de que?
P.— Por exemplo, contas de diamantes que comprou ou pretende vender. Não sabe que isso é prohibido, sob pena de degredo e confisco?
R.— Sei, nunca fui contrabandista.
P.— E não conhece alguma pessoa que seja suspeita desse commercio prohibido?
R.— Não conheço.
P.— Vmc. antes de retirar-se para seu quarto, como diz que o fez, não rasgou um papel e lançou os fragmentos pela janella, que dá para o pateo do sua casa, separado da rua por um muro baixo?
R.— E' verdade, fiz isso.
P.— Que papel era esse que Vmc. rasgou?
R.— Era o borrão que eu acabára de tirar a limpo, e de que não mais precisava.
P — Esse borrão era da historia que Vmc. disse que escrevia?
R.— E' verdade.
P.— Quando Vmc. atirou os fragmentos no pateo, um delles, conduzido pelo vento, foi cahir na rua; um dos meus espiões o apanhou e trouxe-me. Eil-o aqui. Conhece a sua letra?
O intendente apresentou-nos uma tira pequena e estreita de papel, onde só estava escripto um nome.
R.— Conheço. E' minha a letra.
P.— Que palavra se acha escripta?
R.— E' a palavra — diamantes.
P.— Então Vmc. ainda continúa a sustentar que escrevia sobre historia?
R.— Continúo, porque era sobre a historia do descobrimento dos diamantes que eu escrevia.
— Estou satisfeito, concluiu o intendente e cessou de interrogar-nos.
Todas essas perguntas e respostas foram tomadas pelo escrivão, á proporção que eram dictadas pelo intendente.
Depois o escrivão fechou o termo do interrogatorio, que o intendente rubricou e nós assignámos.
Terminada esta formalidade, dirigimo-nos e ao intendente e lhe perguntámos:
— Agora posso retirar-me?
— Ainda não, repondeu-me elle, recolha-se a cadêa até segunda ordem minha.

O meirinho conduziu-nos para a cadêa. Fomos posto no tronco, e se recommendou ao carcereiro para que nos conservasse incommunicavel. Assim se fez.

Entretanto, deu-se uma busca rigorosa em nossa casa. Revolveu-se, mecheu-so tudo. Abriram-se nossas gavetas, leram-se meus papeis, cartas, tudo o que encontraram ; mas nada se achou quo podesse comprometter-nos como contrabandista.

A busca com todas as formalidades minuciosas durou até bem tarde, de fórma que só pelas oito horas da noute, é que tivemos mandado de soltura.

E fomos bem feliz, porque a prisão poderia durar dias o mezes.

Pagámos a carceragem, sahimos da cadêa e achamo-nos e restiuido a nossa familia, que já se mostrava bem afflicta.

Tudo isto succedeu, como se vê, por se achar um fragmento do papel quo conservava a palavra — diamantes, que nós tinhamos escripto !

São dez horas da noute. Vamos agora continuar a nossa historia pedindo novamente desculpa ao leitor por esta digressão.

XXV

Vimos como Bernardo da Fonseca Lobo partira precipitadamente do Tejuco para ir denunciar, em Lisbôa, a El-Rey, o descobrimento dos diamantes.

Não contaremos as tribulações e desasocegos que soffrêra durante sua longa viagem, sempre receioso de ter sido precedido do frade, e ver frustarem-se seus planos e esperanças; fôra esse seu eterno pesadelo. Viajára muitas vezes noite e dia, procurando atalhos, expondo-se o perigos, atravessando mattas desertas, rios caudalosos, serras inaccessiveis á outrem, que não estivesse dominado pelo espirito da ambição, em risco de ser devorado pelos animaes ferozes, ou aprisionado pelos indios, o que ainda seria peior.

Mas parece que o espirito maligno, que projectava a nossa perdição, aplanava-lhe as difficuldades, o dirigia-lhe os passos debaixo de sua infernal protecção. Assim Bernardo chegára a Lisbóa sem accidente notavel.

Quando pisou na praia do Tojo, soltou um desses suspiros de contentamento de que não é possivel dar-se uma idéa. Chegára a sua suspirada terra da promissão.

Bernardo perguntou onde era o palacio de El-Rey, e para lá se dirigiu.

Declarou que queria fallar pessoalmente a Sua Magestade sobre negocio de grande interesse para a real corôa.

As palavras — interesse da real corôa — foram a chave magica, com que se lhe abriram as portas do palacio.

Era então rei de Portugal, Algarves e seus dominios, D. João V, principe devasso, dissoluto, immoral, pusillanime, supersticioso. Costumava dar bastonadas em seus ministros, quando não executavam suas ordens caprichosas, ou quando o não faziam com promptidão.

El-Rey estava em seu quarto particular conversando familiarmente com os ministros: eram conversas licenciosas, que fariam doer outras conciencias, por mais calejadas que fossem, mas não as suas. El-Rey dava gargalhadas que se ouviam em todo o palacio; os ministros riam-se, porque elle ria-se.

Foi nessa occasião que o camarista annunciou-lhe que Bernardo da Fonseca Lobo, chegado do Brazil, queria fallar-lhe em particular sobre negocio — não se esqueceu de ajuntar, — que interessava á real corôa.

El-Rey mandou que Bernardo fosse levado a sua presença.

O camarista sahiu e elle continuou a mesma conversa licenciosa.

Poucos minutos depois, Bernardo é conduzido á real presença. Ouviu sempre dizer que ha acções mais eloquentes que discursos bem elaborados. Assim, sem proferir uma palavra, abriu ante os olhos de El-Rey, em presença de sua côrte, o grande *picuá* cheio de diamantes.

O effeito foi maravilhoso. Houve um estremecimento geral. Todos os semblantes se expandiram, todos os olhos chammejaram de pasmo e ambição, todos os labios se descerraram tremulos e ouviu-se uma exclamação geral, mecanica, simultanea, como se partisse de uma só bôca:

— Oh! diamantes!

Esse ponto de admiração não ha palavras, que possam exprimil-o, e dal-o a comprehender ao leitor...

— Diamantes! respondeu Bernardo, como fazendo echo á exclamação da côrte, e satisfeito com a emoção que acabava de occasionar. Sim, são diamantes pertencentes á V. M.

— Pertencentes a mim? disse El-Rey, que não podia conter-se de alegria.

— Pertencentes á V. M.

— Donde os houveste? Onde os achate? Senhor...

— Bernardo da Fonseca Lobo, humillissimo vassallo de V. M.

— Sr. Bernardo da Fonseca Lobo, onde os achaste?

— Nos dominios de V. M.

— Nos meus dominios? Na India?

— Na India, Real Senhor, não ha diamantes tão bellos e em tão grande quantidade.

— Não são dos meus dominios da India?

— São dos reaes dominios do Brazil.

— Ha diamantes no Brazil! exclamou El-Rey franzindo a fronte e carregando-o sobr'olho. Depois dirigindo-se aos ministros, continuou: Estaes ouvindo, senhores? Ha diamantes no Brazil e vós não me participaveis conhecendo as penurias com que lutam as finanças do estado!

Os ministros tremiam porque viam El-Rey lançar os olhos irritados sobre seu bastão de marfim.

— Ignoravamos... ia começando um dos ministros com voz tremula.

— Ignoravam! Um ministro ignorar que no Brazil ha diamantes. Sois na verdade uns ignorantes, uns indolentes, que não zelaes os interesses de minha corôa. Demittirei o ministerio, procurarei ministros que me sirvam com mais interesse e saibam descobrir diamantes nos meus dominios. Não é assim, Sr. Bernardo, que ministros devem ser os que descobrem diamantes nos meus dominios?

Bernardo julgou que ia ser nomeado ministro: era-lhe isso bem honroso: mas a pequena amostra que acabava de ver, do genio irascivel de El-rey o fez persistir em sua primeira pretenção; assim ia reclamando:

— Mas real senhor, eu preferia...

— Que queres, Sr. Bernardo? interrompeu El-Rey com sua volubilidade natural e sem tirar os olhos dos diamantes, que revolvia nas mãos e fazia scintillar como o brilho iriado das estrellas. Que queres? Darei tudo o que me pedires.

Depois, dirigindo-se a um dos ministros: Qual é a capitania mais rica e mais importante do Brazil?

Como o ministro se demorasse em responder, talvez por ignorar, El-Rey descarregou-lhe tão forte bastonada que o ministro vacillou e cahiu por terra. Depois El-Rey continuou, dirigindo-se para Bernardo:

— Quero nomear-te governador e capitão general da capitania mais rica do Brazil; quero mostrar que sei condignamente recompensar os vassallos que me servem com dedicação. Pede-me o que quizeres: honras, grandezas, titulos, governos, tudo te concederei; o thesouro de minhas graças ha de ser inexhaurivel para recompensar-te. São lindas estas pedras, são magnificas, continuou El-Rey, examinando os diamantes. São realmente magnificas! E de certo não as ha tão lindas nos meus dominios das Indias. Esta ha de pezar trinta quilates. Não tem ponto, nem a menor jaça. Que agua! é da primeira. Que piões bem configurados! Será engastada em minha corôa. Estes pingentes! como brilham! imitam as cambiantes de côres do iris. Esta perderá bem pouco com a lapidação. Sou entendido na materia. Vejam, desta pyramide formar-se ha a tabula com trinta e tres facetas: esta será a culassa octogona com vinte cinco facetas: por tudo cincoenta e oito facetas. E' um brilhante perfeito; hei de mandar lapidal-o na Inglaterra em facetas ao angulo de 48.º; dará assim mais brilho, os hollandezes lapidam ao angulo de 50.º: não gosto dessa lapidação. Então, Sr. Bernardo, é no Brazil que se encontram estas riquezas? é nos meus dominios do Brazil? Por toda a parte, nos corregos, nos rios, nos campos, nas serras, não é assim?

— Não, Real Senhor, essas pedras só se encontram nas circumvisinhanças do arraial do Tejuco.

— Só ahi? mas não importa, se fôr em grande abundancia. E o cacique do Tejuco não as conhecia?

— De que cacique falla V. M.?

— Do cacique que governa a tua terra.

Bernardo não entendia; abriu grandes olhos e ficou silencioso. Então o ministro que tinha levado a bastonada, interveiu:

— S. M. falla do ouvidor geral da comarca do Sorro Frio.

— E' isso mesmo, continuou El-Rey: fallo do ouvidor geral da comarca do Serro Frio. Porque razão elle não me participou ha mais tempo, que no Tejuco havia diamantes?

— E' porque fui eu o descobridor dos diamantes. O ouvidor ignorava que no Tejuco os houvesse.

— Ahi vem esta palavra — ignorava! Estou muito mal servido de empregados, todos ignorantes! Não, não é ignorancia; é falta de zelo, é corrupção, é indolencia. Um dia,

ainda hão de ignorar que sejam meus vassalos e eu seja soberano. Depois, dirigindo-se ao ministro, bradou, irritado :

— Manda já escrever em meu nome ao governador da capitania para reprehender severamente o ouvidor por sua negligencia e mau procedimento no cumprimento de seus deveres. Manda, e já.

Esta ordem foi acompanhada de segunda bastonada ainda mais forte.

O ministro sahiu.

— Então foste tu quem descobriu os diamantes em Tejuco? Perguntou El-rei a Bernardo.

— Fui eu, Excelso e Poderosissimo Monarcha ; eu Bernardo da Fonseca Lobo, humillissimo vassallo de V. M., fui eu o descobridor dos diamantes no Tejuco. Um dia inteiro, uma semana, um mez não seria bastante, se eu me propozesse a narrar a historia deste descobrimento, todos os sacrificios que fiz e as contrariedades com que tive de luctar; o desejo ardento de prestar um relevante serviço ao magnanimo principe, que a divina providencia collocou no throno portuguez para a felicidade de seus fieis vassallos, deu-me forças sobrenaturaes com que pude vencer todas as difficuldades. Pelos annos de 1719, era eu um dos mais abastados mineiros do Tejuco : fui um dos primeiros fundadores da povoação, um desses destemidos aventureiros, que para maior gloria da portugueza monarchia se embrenhavam nos sertões do Brazil em busca do precioso metal, que V. M. recommenda se descubra. Com aturado trabalho e graças aos auxilios divinos,—porque sempre fui escrupulosissimo no pagamento dos reaes quintos devidos a V. M., e é na obediencia ás leis, no exacto cumprimento dos deveres de vassallo que consiste toda a virtude, toda a religião, como nos dizem todos os empregados de V. M.— por essa fórma consegui ajuntar uma fortuna já bastante para abrigar-me das vicissitudes do futuro. Assim, não mais trabalhava e gosava do bem estar que a Providencia me concedêra. Uma voz interna, porém, dizia-me que estava destinado a prestar um relevante serviço ao excelso soberano. O clima do Tejuco, sua atmosphera, a natureza de suas aguas crystalinas, suas rochas, seus rios caudalosos, seus corregos, sua vegetação sempre virente, seus campos sempre floridos em todas as estações do anno, seus animaes, o genio docil de seus habitantes, emfim tudo em Tejuco indicava que aquelle terreno devia ser diamantino. Firme nesta persuasão, adquirida pela longa pratica da mineração e o estudo dos livros dos mais afamados alchymistas, puz-me com confiança em procura do diamante. Seria longo enumerar a V. M. todas as pesquizas que fiz neste sentido. Bastará dizer que, durante dez annos, vivi embrenhado nas mattas e nas cercanias alprestes do Tejuco. Passava dias e noites sepultado na profundidade de grutas escuras, cavando a terra, revolvendo as pedras, no meio de animaes ferozes, o ameaçado a cada momento de ser devorado pelo indio anthropophago : dormindo muitas vezes ao relento, supportando o sol, a chuva,

o frio, o calor, em logares agrestes, desertos, exposto ás febres e molestias que infectam as lizirias dos rios. Foi um trabalhar incessante em todo esse tempo. Vendi tudo o que possuia, fiquei pobre, fiquei reduzido á miseria. Passei por louco e davam-me esmolas para poder subsistir. Então pensei no suicidio, mas a religião me deteve. Um dia, porém, vi coroados os meus esforços, como passo a contar a V. M. e de uma maneira um pouco milagrosa. Achava-me...

— Esta jaça, esta jaça! interrompeu El-rei que examinava um grande e bello diamante de fórma octaedrica.

El-rei nenhuma attenção tinha prestado á longa historia que lhe contava Bernardo, tão entretido e absorto se achava no exame das pedras que observava uma por uma, como perfeito conhecedor. As palavras de Bernardo entravam pelos ouvidos reaes como um murmurio longinquo e monotono. Este não o percebêra, porque fallava com os olhos baixos em signal de respeito.

— Esta maldita jaça! continuou El-rei, fará o brilhante perder ao menos dous quilates na lapidação... Mas não, agora lembra-me um meio de evitar tanto prejuizo: a jaça é em um dos piões, póde-se cortal-o por ella e formar-se a tabula. Aquelle outro pião deverá ser o vertice da pyramide superior; não ficará o brilhante defeituoso, considerando-se uma outra pyramide por este lado. E' isso: o pião jaçado servirá de tabula; o prejuizo será de um só quilate. Que dizes, Sr. Bernardo? Não és tambem da minha opinião?

— Concordo perfeitamente com a opinião de V. M., respondeu Bernardo, embora nada houvesse comprehendido.

— Por aqui será a base das pyramides, continuou El-rei: é o que se chama rondiz. Bello espaço que fica para o vizel. A culassa tendo grande profundidade faz augmentar o brilho. E' esta uma linda pedra; lapidada, dará um brilhante de 10 quilates; se não fosse a jaça seria de 11 quilates. E dizes que foste o descobridor destas preciosidades?

— E' verdade, Real Senhor; e éra o que eu tinha a honra de narrar a V. M. Achava-me no ponto....

— Achas que este diamante tem ponto? Estás enganado; já o examinei, sou entendido na materia, ficará um brilhante perfeito.

— Não é sobre o ponto do diamante que eu fallava, mas...

— Vê agora este outro diamante, interrompeu El-rei, é uma rosa regular; tomará a figura de um rhombo cobrindo-se sua superficie de triangulos equilateros. Será uma linda rosa.

El-rei ainda continuou por largo tempo no exame dos diamantes, explicando suas differentes fórmas e meios de lapidação. Bernardo não achava uma occasião azada para terminar ou antes recomeçar sua historia.

Afinal, El-rei, depois de ter feito todas as suas observações, e inebriado de alegria, dirigindo-se a Bernardo:

— Agora, meu amigo, podes te retirar; o tempo me é precioso, e tenho negocio de importancia a tratar.

— Mas, Real Senhor, eu tenho a honra de contar a V. M. a maneira como descobri os diamantes em Tejuco, os trabalhos, os sacrificios....

— Isso pouco importa, amigo; amanhã, depois, em outro dia, contarás.... aos meus ministros.

— E a promessa de V. M...

— Que promessa? De recompensar-te?

— Sim, Real Senhor: por ser eu quem descobriu os diamantes no Tejuco.

— E' verdade, não me esquecerei.

— Nomeando-me governador, confiando-me honras, titulos, grande...

— Não me hei de esquecer. Adeus, Bernardo, tenho outros negocios a tratar. Podes retirar-te.

Bernardo hesitou.

— Retira-te, disse El-rei com ar imperioso.

Bernardo saiu bastante descontente pelo modo grosseiro por que fôra despedido.

XXVI

. . . . (38)

Por esta fórma já eram passados oito mezes e Bernardo ainda esperava ser premiado pelo serviço que prestára á corôa, denunciando o descobrimento de diamantes no Tejuco.

Durante esse tempo, viu muitas vezes El-Rey passar adeante delle, olhal-o e não dar mostras de conhecel-o.

El-Rey estava esquecido do que lhe promettera.

Bernardo não desanimára. Dirigiu ao monarcha uma extensa exposição dos seus serviços e trabalhos em beneficio da corôa, e concluiu pedindo o cumprimento das promessas reaes.

Esta exposição subiu á presença de El-Rey, debaixo da protecção de um rico fidalgo da côrte que se commiserou do peticionario.

Dous mezes depois, Bernardo recebeu duas provisões, uma de tabellião e outra de capitão-mór da villa do Principe.

Bernardo reclamou, e em resposta mandou El-Rey declarar-lhe que, si dentro de oito dias, elle não sahisse de Lisbôa a tomar posse de seus empregos, seriam dados a outrem.

— Assim são os reis, pensou Bernardo, são homens como nós outros, com a differença de não terem memoria dos beneficios que recebem; poderão ter todas as virtudes, menos a da gratidão.

E assim desenganado, votou para Tejuco a tomar posse de seus empregos, de que algum tempo depois desistiu por serem pouco rendosos.

Agora vejamos o que occorria em Tejuco, em quanto Bernardo da Fonseca Lobo trabalhava na côrte para obter a recompensa do serviço, que prestára á corôa.

---

(38) O que fica supprimido são tres paginas do manuscripto, que não pudemos ler por estar a tinta quasi apagada com o tempo; mas, como se verá, essa falta não prejudica o fio desta narração.

XXVII

Vamos transcrever textualmente a portaria que recebeu o Dr. Antonio Ferreira do Valle e Mello, ouvidor geral da comarca do Serro Frio, em cumprimento da ordem dada por El-Rey D. João V, e de que já fallámos em um dos capitulos anteriores.

« Porquanto, correndo noticia que em varios ribeiros o rios da comarca do Serro Frio tem apparecido e vão apparecendo umas pedrinhas brancas, que se entendem ser diamantes e de que já um mineiro levou amostras para Lisbôa; e sendo certo que essa noticia, si não era sabida, ao menos não devia ser ignorada por vmc., a quem cumpria dar-me parte immediatamente, em desempenho de seus deveres; e chegando isto ao conhecimento de El-Rey Nosso Senhor, que Deus guarde, manda o mesmo Augusto Senhor que reprehenda a vmc. como negligente e falto de zelo ao cumprimento de seus deveres, e que se deixa levar por considerações particulares em prejuizo dos interesses da corôa, cuja prosperidade está acima de tudo. Vmc. receberá esta reprehensão, afim de se corrigir para o futuro, em quanto não merecer maior castigo. Registrar-se-ha esta nos livros da guarda-moria e super-intendencia para em todo o tempo constar. Villa Rica, 1.º de novembro de 1729. — D. *Lourenço de Almeida.*— Sr. Dr. Antonio Ferreira do Valle e Mello, ouvidor geral da comarca do Serro Frio. » (39)

---

(39) Não possuimos e nem sabemos onde existem os livros, onde se mandou registrar esta portaria. E tambem não a encontrámos no archivo da extincta administração diamantina, para onde o Dr. Antonio Ferreira do Valle e Mello, quando nomeado intendente, trouxe todas as portarias expedidas anteriormente a sua creação.

XXVIII

Nos tempos primitivos havia muita devoção em Tejuco. Não era como hoje, que a sociodade está eivada do espirito pestilencial do philosophismo europeu.

Aos domingos e dias santos, ninguem trabalhava ; todos os mineiros das circumvisinhanças do Tejuco deixavam seus serviços e vinham ao arraial para assistirem ao santo sacrificio da missa, e ouvirem a explicação do Cathecismo, que o cura nunca deixava de fazer.

O dia 25 de dezembro de 1729 era dia de natal e, por conseguinte, de grande festa no Tejuco.

Nas lavras não ficára uma só pessoa ; todos tinham vindo para o arraial, porque a festa fôra annunciada com missa solemne e sermão, que devia ser pregado pelo reverendo Joaquim Bento Barroso, celebre orador da villa do Principe.

Nunca o Tejuco se vira tão cheio de gente. Era essa a primeira vez que na pequena capella de Santo Antonio se celebrava uma missa solemne ; era tambem a primeira vez que o padre Barroso vinha aqui mostrar a sua eloquencia. Dous motivos muito ponderosos para excitarem a curiosidade dos tejuquenses, naturalmente amantes da novidade, já não fallando em seu espirito religioso.

. . . . (40)

Acabada a festa, quando esse povo sahia da capella, conversando alegremente, e dando parabens ao festeiro pela pompa e magnificencia com que fôra celebrada, ouviu-se o rufar forte de uma caixa.

Um sugeito baixo, grosso, de cara redonda como a lua cheia, faces rubicundas como se costumam pintar as do Baccho da mythologia, labios grossos, cabellos encarapinhados, que bastante motivo davam para duvidar-se da pureza de sua raça, ia rufando a caixa ; descia com passos vagarosos e medidos a rua do Passeio, (hoje a rua do Amparo) e dirigia-se para o Largo da Capella (hojo rua da Beata), onde o maior numero de povo se achava reunido.

A' sua direita, caminhava um outro sujeito, que lhe fazia um admiravel contraste. Era alto como uma picota, magro, secco e mirrado como um esqueleto, de rosto comprido como essa figuras que reflectem os espelhos cylindricos, olhados perpendicularmente, a lombada do nariz tantos angulos fazia

(40) O que fica supprimido é uma longa descripção da festa, que não julgamos de interresse.

que semelhava um corisco; estava todo vestido de fazenda listrada, como essas caricaturas pittorescas que pintam dos inglezes.

Este sujeito trazia na mão direita uma grande folha de papel escripta de um só lado de alto abaixo, de margem a margem.

O homem grosso não cessava de rufar a caixa, cada vez com mais força e acceleração.

O povo observava attonito. « Que será aquillo? perguntavam uns aos outros.

Quando chegaram ao Largo da Capella, o homem do papel fez um signal. e o outro parou a caixa. Depois bateu palmas em signal de que pedia silencio: foi como se batesse ossos sobre ossos.

A este signal, tendo cessado um murmurio surdo de curiosidade, que se ouvia do meio do povo, leu com voz fanhosa o seguinte bando:

« D. Lourenço de Almeida, do conselho de S. M., a quo Deus guarde, governador e capitão general da capitania das Minas do ouro, etc. Faço saber aos que este meu bando virem ou delle noticia tiverem : — Porquanto El-Rey nosso senhor por sua real ordem, assignada por sua real mão, cuja cópia é a seguinte :

« D. Lourenço de Almeida, do meu conselho, governador e capitão general da capitania das Minas. Amigo. Eu, El-Rey, vos envio muito saudar. Chegando ao meu conhecimento que, em alguns logares, leitos de corregos, rios e ribeiros da comarca do Serro Frio têm apparecido umas pedrinhas brancas, que se verificou serem diamantes, e como todos os mineraes, que se acham debaixo da terra pertencem ao patrimonio de minha real corôa, não podendo ninguem extrahil-os sem minha expressa ordem e consentimento, e eu não desisto nem posso desistir do direito que me compete sobre esses therouros, que a Providencia disseminou com mão prodiga nos meus dominios do Brazil, para maior gloria e explendor da luzitana dynastia: — Hei por bem revestir-vos de todos os necessarios poderes para regulardes tudo o que fôr a bem dos meus reaes interesses sobre este importante negocio, na intelligencia de que todos esses terrenos, que de hora em deante serão declarados diamantinos, pertencem ao meu real patrimonio, emquanto eu não fôr servido de mandar o contrario ; e outro-sim, mando-vos que, sobre esta ponderosa materia, ouçaes as pessoas em quem tiverdes mais confiança, e que sejam dedicadas ao meu serviço e aos interesses de minha real corôa. O que tudo vos hei por muifo recommendado, fiando de vosso zelo, que o executareis com o cuidado e reflexão, que pede materia tão importante. Escripta em Lisbôa Occidental, aos 12 de setembro de 1829. — *Rei.*

« E' El-Rey nosso senhor servido e eu ordeno que toda pessoa, de qualquer qualidade e condição que seja, que andar trabalhando no districto do Tejuco e suas circumvizinhaças, nos rios, corregos, ribeiros e mais terrenos da comarca do

Serro Frio, onde se acham diamantes, os quaes terrenos ficam desde já declarados diamantinos, seja dos mesmos despejada, e ninguem poderá mais trabalhar nelles ainda sob o pretexto de extrahir ouro; porquanto, hei desde já cassadas, como se concedidas não fossem, todas as cartas de datas que se passaram para a mineração de ouro no referido districto; e todo o mineiro e habitante daquelle continente, ou que de fóra para alli fôr, que depois da publicação deste meu bando trabalhar de mineração no districto diamantino, e ainda nas suas concessões, que hei por suspensas, incorrerá na pena de degredo por dez annos para a Africa e de confisco de todos os bens para a real corôa, qualquer que seja a qualidade e condição do delinquente, sem que possa allegar privilegio ou isenção alguma, e se fôr negro, fôrro ou mulato ainda incorrerá na pena de quinhentos açoites.

« Outrosim, e em virtude dos plenos poderes que me foram conferidos por El-Rey nosso senhor, mando que o ouvidor geral da comarca do Serro Frio, Dr. Antonio Ferreira do Valle e Mello, seja o superintendente das terras mineraes dos diamantes, rios e ribeiros onde elles apparecem, para que, como principal ministro daquella comarca, governe a todos os ministros e pessoas na mesma residentes e zele e guarde as referidas terras como um sagrado patrimonio da real corôa, até que eu determine o meio pelo qual serão aproveitados em maior beneficio dos reaes interesses.

« Portanto, debaixo das sobreditas penas de degredo por 10 annos para a Africa o de confisco de todos os bens e de 500 açoites, na fórma ácima dita, fica inteiramente prohibida a mineração nos referidos terrenos.

E para que venha á noticia de todos, mando que este meu bando se publique ao som de caixa na comarca do Serro Frio, e partes mais publicas della, especialmente no arraial do Tejuco, o que tambem se publique nesta villa como cabeça de todas as Minas, para que não haja pessoa que possa allegar ignorancia da ordem que El-Rey, nosso senhor, é servido mandar; e se registre nos livros das camaras e ouvidorias geraes destas villas, affixando-se nos logares de costume. Dado e passado nesta Villa Rica, aos 2 de novembro do 1729.— O secretario do governo. João da Costa Carreira, o escrevi. — D. *Lourenço de Almeida.*

« Bando porque s. exc. é servido mandar que se despejem todas as pessoas, de qualquer qualidade ou condição que sejam, que trabalharem em qualquer rio, ribeiro ou terreno da comarca do Serro Frio, onde se tiram diamantes, debaixo das penas no mesmo comminadas, tudo pelos respeitos e na fórma nelle declarados. — Para v. exc. ver » (41).

Apenas o pregoeiro acabava de ler este bando, no meio

---

(41) Tambem este bando não encontrámos no archivo da extincta administração diamantina.

do mais profundo silencio, ouviu-se uma estrondosa gargalhada que partira do alto do comoro, que domina a Cavalhada.

Todos olharam attonitos e viram o vulto de uma india que fugia através dos rochedos.

Ainda era *Cajuby*.

XXIX

E' escusado dizer a consternação que causou a publicação deste bando. A alegria geral transformou-se em tristeza.

Tambem o povo só comprehendia uma cousa: e era que a mineração do ouro estava prohibida.

A' tarde, as principaes pessoas do Tejuco reuniram-se em casa do cura. Foram pedir-lhe explicações e conselho.

O veneravel sacerdote respondeu-lhes simplesmente em tom prophetico.

— Obedeçam e esperem no futuro.

XXX

Desse dia datam todas as nossas desgraças.

As ordens da côrte portugueza sobre a sorte dos infelizes habitantes do Tejuco se não fizeram esperar.

As despezas com a basilica de Mafra tinham exgottado o erario; era preciso enchel-o de novo para outros desperdicios. O erario é o tonel sem fundo das Danaides, que somos condemnados a encher eternamente.

Mandou-se logo proceder-se á demarcação do districto diamantino. Uma arribação de empregados, ávidos e famintos exactores do fisco, baixou sobre nosso paiz. Dir-se-hiam aves de rapina, que, sedentas, se lançavam sobre a presa.

O povo contemplava horrorisado, como se visse uma nuvem negra, cheia de tempestades, toldar o horisonte de sua bella patria, antes tão tranquilla, tão pacifica, tão feliz, que fazia recordar a idade de ouro criada pela imaginação dos poetas.

Depois do descobrimento do diamante, a historia do Tejuco póde-se dividir em tres épocas, caracterisadas pela diversidade dos meios de vexames e perseguições: — da capitação, dos contractos e da Real Extracção.

Na primeira, franquearam-se as lavras diamantinas para a mineração do povo, o commercio foi livre; mas estabeleceu-se uma capitação sobre cada mineiro que nella trabalhasse.

Esta capitação era um meio indirecto de prohibir-se a mineração. Foi-se augmentando progressivamente sem proporção ás rendas e ao resultado do trabalho de cada um: era mais pesada que o quinto do ouro, peior do que tudo o que então se havia estabelecido para vexar-nos.

Quando o mineiro, com seu trabalho, não podia ajuntar uma sobra com que pagal-a, era violentado, executado; dava seus bens, tudo o que possuia.

E se nada mais possuia, e ainda ficava devendo, era preso e mettido nos ferros.

Os mineiros clamaram e representaram contra essas execuções injustas, desapiedadas: a côrte mandou que se estabelecessem os contractos.

E' a segunda época da nossa historia.

Então um particular, chamado contractador, arrematou o privilegio exclusivo da extracção dos diamantes, que a natureza creára para todos. Ninguem mais podia extrahil-os, sob penas as mais severas.

Todos os mineiros foram desapiedadamente expulsos de suas lavras, mesmo das auriferas, e forçados a abandonarem suas propriedades, fazendas, bemfeitorias, estabelecimentos agricolas ou industriaes, tudo o que possuiam junto dos logares, onde se podia encontrar o diamante. Creou-se a miseria entre nós.

Deram-se providencias as mais energicas para prevenirem-se o contrabado e o garimpo. Bandos e mais bandos eram todos os dias publicados ao som lugubre da caixa em nossas ruas, em outro tempo tão alegres e tranquillas.

Os contractantes succediam-se uns aos outros, e sempre mais opprimidos eramos nós. Cada contractador tinha seu meio de vexame.

Os contractadores tornaram-se os senhores da terra, nossos suseranos.

Tiraram muita riqueza, abusaram das condições dos contractos e tornaram-se muito poderosos. A côrte os olhava suspeitosa e como de osguelha; temia que por seu poderio concebessem a idéa de se constituirem independentes,— o que, sinão malograsso, seria um terivel exemplo contagioso, que lavraria rapido por todos os mais pontos do Brazil.

Ora, a independencia das colonias foi sempre o eterno pesadelo das metropoles.

Por esta razão, e não para allivio dos povos do districto, aboliram-se os contractos, e estabeleceu-se a mineração dos diamantes por conta da real fazenda. Creou-se uma administração com o titulo de Real Extracção, regimento — o Livro de Capa Verde. (42).

E' esse o codigo deshumano, sanguinario draconiano, segundo o qual presentemente somos governados.....

Constituimos um povo completamente isolado, segregado do resto da familia brazileira.

O intendente é uma autoridade absoluta, que nos governa com um poder discricionario, mais illimitado, mais despotico que o dos bachás orientaes; não é no Brazil sujeito á autoridade alguma: só a côrte póde tomar conhecimento de seus actos.

Dentro de uma desgraçada colonia, constituimos uma outra colonia ainda mais desgraçada.

Nesse barbaro regimento, cujo nome só nos faz tremer de horror, excogitaram-se todos os meios de vexar-nos para salvarem-se os interesses da corôa. Tudo se previniu; desceu-se aos mais insignificantes detalhes; lançou-se mão dos meios os mais infames e immoraes. As penas de confisco e de degredo, de galés, despejos, ahi são prodigalisadas a cada pagina.

Acoroçoou-se o crime, a dilação, a immoralidade para au-

---

(42) Regimento de 2 de agosto de 1770. Assim appellidado vulgarmente, porquanto o exemplar, que se remetteu para Tejuco, e pelo qual se regulava a administração diamantina, era encardenado com capa de marroquim verde. Não vem nas collecções.

gmentarem-se as rendas do erario. Inverteram-se todas as idéas de justiça, decoro e probidade.

Considerae o que diz um imperador romano: — « todo o ouro que entra para os cofres publicos cheira bem: cumpre enchel-os, os meios são indifferentes. » Assim pensa a metropole.

A denuncia é, aos olhos de nossos governantes, o acto mais meritorio que um individuo póde praticar. O denunciante é compensado, partilha irmãmente com o fisco os bens do denunciado. E' animado com o mysterio, o segredo; póde denunciar o pai, o filho, o irmão, o amigo, partilhar seus bens, e ficar desconhecido. Ha no regimento providencias bem engenhosas para esse fim.

Os denunciantos são recommendados a El-Rey, como bons e dedicados servidores para serem preferidos na distribuição dos empregos publicos.

Sabeis o que importa a pena de confisco, que se impõe pela mais insignificante contravenção do regimento? a miseria, a mendicidade da familia do deliquente: este é degredado para a Africa, isto é. vae lá morrer lentamente em um paiz inhospito, em um clima abrasador. Não ha exemplo de deportado algum ter voltado a sua patria. E' um supplicio bem deshumano: é um modo barbaro de applicar-se a pena de morte.

Vivemos sob o dominio do terror. Não temos segurança em nossas vidas, em nossas propriedades, em nossas liberdades. Tudo se acha entregue á vontade arbitraria dos exactores da fazenda. As ordens da côrte são para nos aniquilar, para despovoar a nossa bella patria; querem convertel-a em deserto.

Tendes um inimigo? isso basta para viverdes constantemente sobresaltado; já não podereis mais dormir tranquillo; já não tereis socego; já não tereis segurança em vossas casa.

Esse inimigo póde denunciar-vos.

Denunciar pelo que? porguntareis.

Por tudo, pelo acto mais innocente do vossa vida.

Para a donuncia facilitam-se os meios para descobrir-se um delinquente imaginario, tudo serve :— bastam indicios; havendo indicios dá-se suspeição, verificada a suspeição, está provado o delicto: nada mais se exige.

Sabeis o que são indicios, que dão motivos a suspeição?

Si, por exemplo, receberdes em vossa casa uma pessoa suspoita, seja ella vosso amigo, vosso parente, mesmo vosso pae ou filho, sereis tambem considerado como suspeito, sereis contaminado.

Se gastaes um pouco mais do que provavelmente podem produzir vossas rondas conhecidas, sereis suspeitado de vos entregar ao commercio clandestino do diamante. Se gastaes menos, tambem se vos suspoitará de querer occultar vossos haveres.

Todos os vossos negocios devem ser patentes; se quereis entregar-vos ao exercicio de uma industria, deveis declaral-a, exercel-a ás claras; porque nada aqui se póde praticar occultamente, sob pena de ser-se tido por suspeito.

Por toda a parte se encontra um espião da intendencia. Não o conheceis: será o amigo que vos aperta a mão, o individuo com quem conversaes na rua, o que se assenta em vossa mesa, o que partilha o vosso aposento, que vive no seio de vossa familia. Todos os vossos passos, todos os vossos actos, toda a vossa vida intima é espionada: todos os vossos pensamentos são interpretados.

O intendente conhece mais o que se passa dentro em vossa casa do que vós mesmo.

Ha uma devassa geral sempre aberta durante todo o anno. Todos os dias inquirem-se testemunhas. E' uma rede estendida sobre o districto diamantino. E' um livro diario, onde secretamente se escreve tudo o que se passa. E' a matriz donde nascem todos os processos especiaes e mandados de despejo.

Não tereis inimigos, sereis um homem geralmente estimado, um horado pae de familia; mas se possuis bens, ainda estaes em perigo de ser denunciado.

Denunciado pelo que? ainda perguntareis.

Denunciado só porque possuis alguma fortuna. Não faltarão testemunhas falsas, compradas, que jurem serdes contrabandista, que vos entregaes ao commercio clandestino do diamante. A fazenda real lucra com a vossa condemnação, o vil denunciante tambem lucra; ella é parte e juiz ao mesmo tempo, e por tanto não espereis uma decisão ou sentença favoravel.

Ha pessoas que vivem dessa especulação; fazem casas fortes e ficam ricos, riquissimos em um momento.

Tendes em casa um escravo? acautelai-vos, é um inimigo natural que tendes. O regimento deu-lhe uma terrivel arma contra vós. Se elle denunciar-vos e fordes condemnado, se lhe passará a carta de liberdade em nome de El-Rey pelo grande serviço prestado á republica, e se lhe dará a metade de vossos bens.

E' a espada de Damocles, que tendes constantemente suspensa sobre vossa cabeça.

Não é esse um pensamento bem engenhoso? Quem melhor conhece o intimo de vossa vida, que o escravo, que vive constantemente em vossa companhia? Nada mais apreciavel que a liberdade.

Acena-se ao escravo com ella, e elle será capaz de tudo.

Nossa historia conta numerosas denuncias destas.

Isto é horrivel; a lei desce a especular com as paixões mais baixas, mais torpes, mais infames. Tudo lhe vae bem, havendo interesse.

Hoje estaes alegremente, — si é que nestes tempos de terror póde haver alegria, — estaes alegremente no seio de vossa familia, fruis as caricias de vossos filhos, a ternura de vossa esposa, a affeição de vossos amigos; amanhã, um esbirro do intendente póde intimar-vos um mandado para partirdes immediatamente para o exilio; vossos bens poderão ser confiscados, e vossa familia reduzida á mais horrivel miseria.

Quantas filhas honestas tem-se lançado na prostituição, para ganharem a vida no lodaçal do vicio, por se verem na miseria, em virtude de uma denuncia dada contra um pae, um irmão, um parente, um protector, que lhe servia de arrimo.

Ha numerosos exemplos, e o denunciante ahi vive na abundancia, condecorado, galardoado, por ter mettido no erario o ouro do misero denunciado.

As denuncias entre nós constituem uma das rendas mais lucrativas do fisco.

Fugindo uma sociedade, onde viam injustiças, torpezas e immoralidades, muitos de nossos irmãos atiraram-se á vida arriscada da mineração clandestina: desgraçados, a quem faltou a resignação aos males do presente, descridos do futuro!

E' essa a classe dos garimpeiros, como os denominam os homens do fisco.

Seu grande crime é a mineração do diamante: não se lhes imputará algum outro. E será crime ir procurar nas entranhas da terra as riquezas que a Providencia ahi occultou em beneficio de todos? E' o trabalho o que legitima a propriedade. Ao menos elle não comprehende as argucias em que se funda o direito da corôa para monopolisar o diamante. Suas consciencias são puras.

Foragidos, proscriptos, banidos do sociedade, onde muitas vezes deixaram uma familia sem recursos, sem meios de subsistencia, elles ahi vagam pelos campos, pelas serras, sem terem um abrigo, vivendo no meio dos bosques, ou nas cavernas, sobresaltados, errantes, sem habitação fixa como o nomade do deserto.

Contra os desgraçados garimpeiros se manda declarar uma guerra crua, incessante, guerra de exterminio, encarniçada. Caçam-nos como se caçam os animaes bravios. Os soldados da intendencia patrulham por toda a parte, armam-lhes ciladas, matam-nos, quando não se entregam, como se fossem féras.

O garimpeiro é entre nós como o pariá: é crime ter com elle relação, é crime recebel-o em sua casa, é crime dar sepultura ao seu cadaver; quando assassinado pelas forças reaes é deixado nos campos para pastos dos corvos.

Reduziram o nosso bello paiz a um estado lastimavel de desolação: nas serras, nos campos, nas praias dos rios, por toda a parte branquejam os ossos de nossos irmãos barbaramente assassinados. E' um quadro horrororo.

E para que tudo isso, grande Deus? Porque seremos tão desgraçados? Não perpetrámos crime que mereça tão grande punição!

Porque veremos nossos filhos, nossos paes, nossos irmãos, nossos parentes, nossos amigos, foragidos, persegnidos e assassinados em nome do Rei?

Porque veremos tanto infortunio, tanta miseria de uma parte, e tanta baixeza, tanta infamia de outra? Porque o merito e a virtude serão despresados, e o crime e a torpeza galardoados?

Porque havemos de viver constantemente na desconfiança, sem certeza de uma amisade, ou da sinceridade de uma affeição?

Esta terra outr'ora tão venturosa, com tantos elementos de grandeza e prosperidade, hoje se desola porque seus filhos a abandonam ou são expatriados!

Porque tanto sangue se tem derramado, tanta virtude se tem corrompido, tantos bons estimulos se têm estragado, tanta miseria, tanto soffrimento?

E' a ambição da côrte, a nefanda cubiça do ouro!

Auri sacra fames!...

Quer-se o diamante a todo o custo: o diamante a que o luxo e a vaidade humana deram um valor imaginario.

XXXI

E' assim que vemos realisada a prophecia de *payé*, quando, do alto do Ibytyra, estendendo o braço sobre o Tejuco, proferira essas palavras de maldição:

— Das cinzas da *Acayaca*, nascerá a perdição dos *peros*!

E realisar-se-hão as esperanças que temos de um melhor futuro?

Não desanimemos.

Ha presentemente no horisonte do mundo social uma nuvem negra, tempestuosa.

Que venha a tempestade: é Deus quem a manda!...

As tempestades estragam, mas purificam e dão novo vigor á natureza.

Que venha, ella é do futuro!...

Tejuco, 28 de dezembro de 1796.

FIM